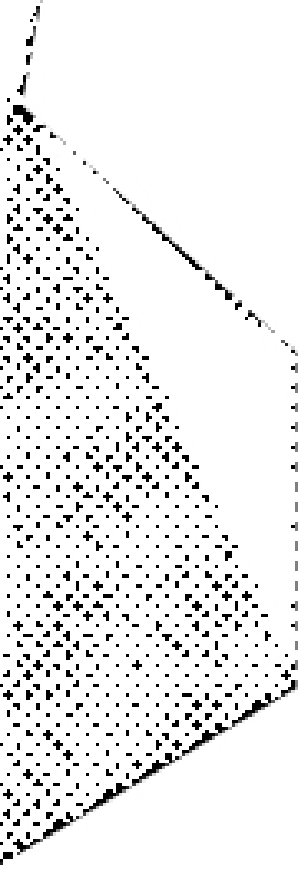


ARTEFACTOS NÓMADAS, CORPO E ESPAÇO.

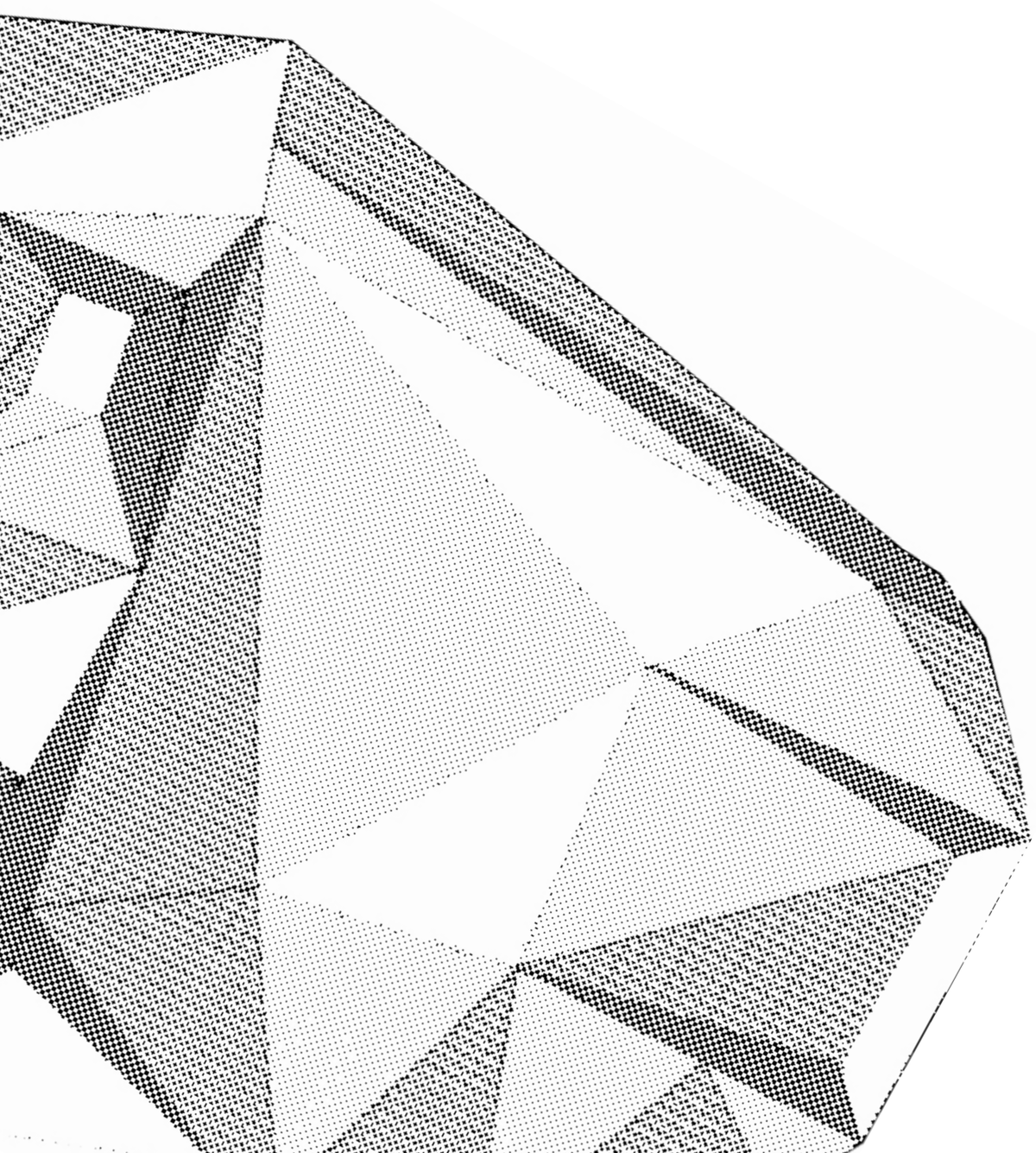
PROJETO DE ABRIGO MÓBIL EM CONTEXTO URBANO

esad
arte+
design

Mestrado em Design
Núcleo de Especialização Espaço Urbano e Interiores

LEONOR OSÓRIO ALBUQUERQUE CÔRTE-REAL MAGALHÃES, 2013

Documento provisório



ARTEFACTOS NÓMADAS, CORPO E ESPAÇO.

PROJETO DE ABRIGO MÓBIL EM CONTEXTO URBANO

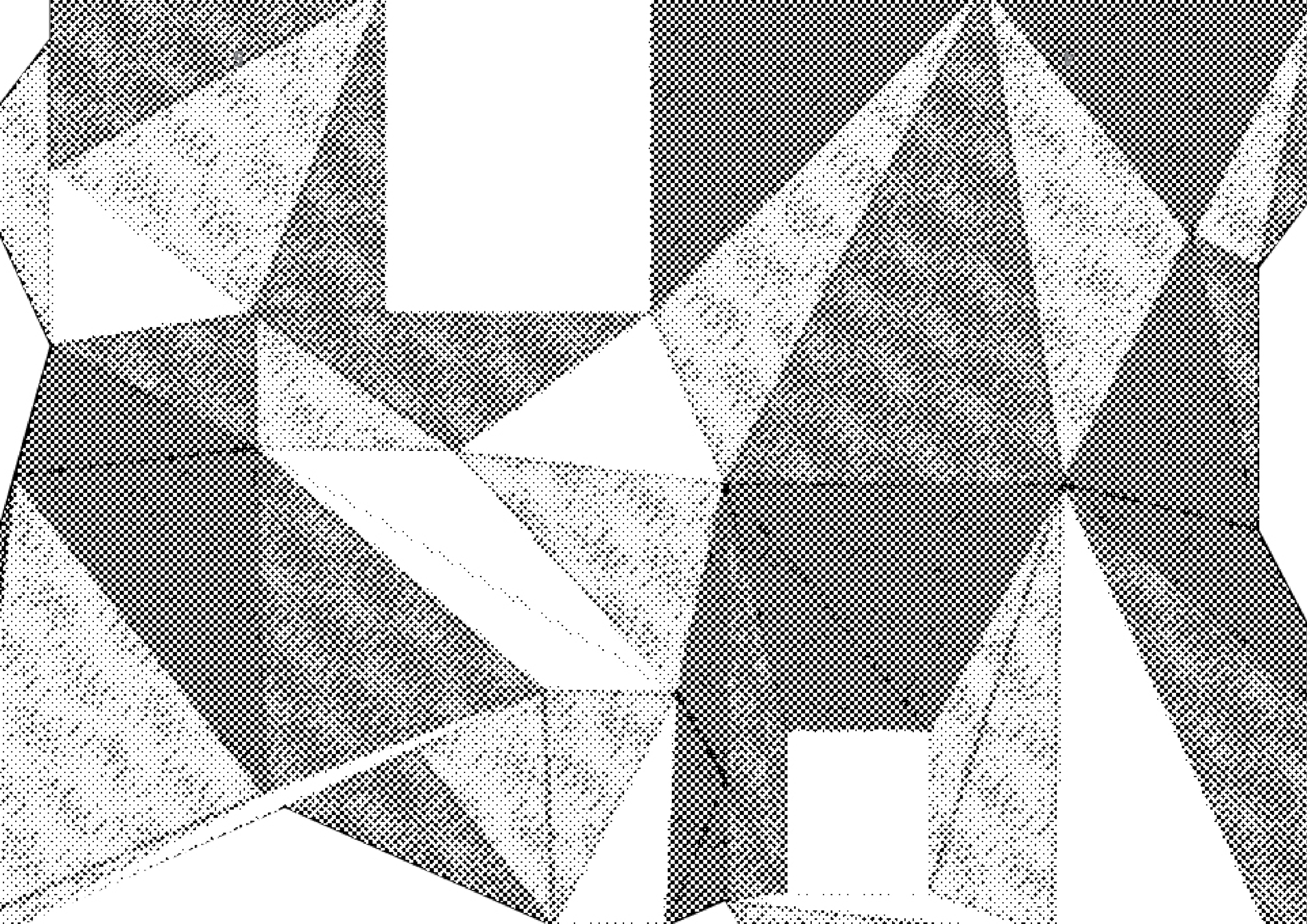
esad arte+ design

Mestrado em Design
Núcleo de Especialização Espaço Urbano e Interiores

Orientadora Desirée Tomás Pedro
Co-orientadores Maria Milano e Paulo Seco

LEONOR OSÓRIO ALBUQUERQUE CÔRTE-REAL MAGALHÃES, 2013

Documento provisório



DESIGN / MICRO-ARQUITETURA
URBANO
MICRO-HOTEIS
NEO-NOMADISMO
PORTATIBILIDADE

A sociedade contemporânea assumiu a mobilidade e a necessidade de criar fáceis acessos aos centros urbanos, como sistema organizador, privilegiando formas de habitar cosmopolitas, mais acessíveis a novos utilizadores. Mobilidade e transitoriedade são determinantes nas respostas dadas ao nosso quotidiano.

No Porto metropolitano verifica-se um fenómeno "silencioso" de ocupação urbana, pequenos e proliferantes volumes de apoio, de carácter temporário e móvel, elementos estranhos ao enquadramento urbano e à vivência da cidade (Tomé, 2006).

O tema abordado insere-se no contexto das arquiteturas nómadas, perseguindo a simbiose entre o não-lugar e o lugar de conforto e bem-estar, estes, antíteses um do outro (Augé, 1992).

A realização de um projeto de espaço mínimo transitório para habitar temporariamente, um micro-hotel, inclui a criação de um habitáculo, um coccoon em que o design para soluções móveis é visto como um manifesto ao híbrido.

O projeto será enquadrado por vários espaços urbanos da área metropolitana do Porto e terá em conta as respetivas realidades físicas e sociais de cada local.

Problematizar e resolver a questão da falta destes equipamentos e da sua inserção num contexto urbano, conduzirá ao estudo de questões relacionadas com as micro-arquiteturas adequadas aos novos conceitos de hotel, design de interiores, de equipamento e design urbano, integradas num contexto social de neo-nomadismo. A consequência desta problematização passará pela fase de desenvolvimento do projeto, em que se conceberá um espaço que desenvolva o tema da mobilidade, transitoriedade e dinâmica dos centros urbanos, dissociando estas unidades móveis da ideia de marginalidade, a que habitualmente são conotados este tipo de projetos.

DESIGN / MICRO-ARCHITECTURE
URBAN
MICRO-HOTELS
NEO-NOMADISM
PORTATIBILITY

Contemporary society took the mobility and the need for easy access to urban centers as organizing system, emphasizing a cosmopolitan way of living, more accessible to new users. Mobility and transience now define the response to our daily lives.

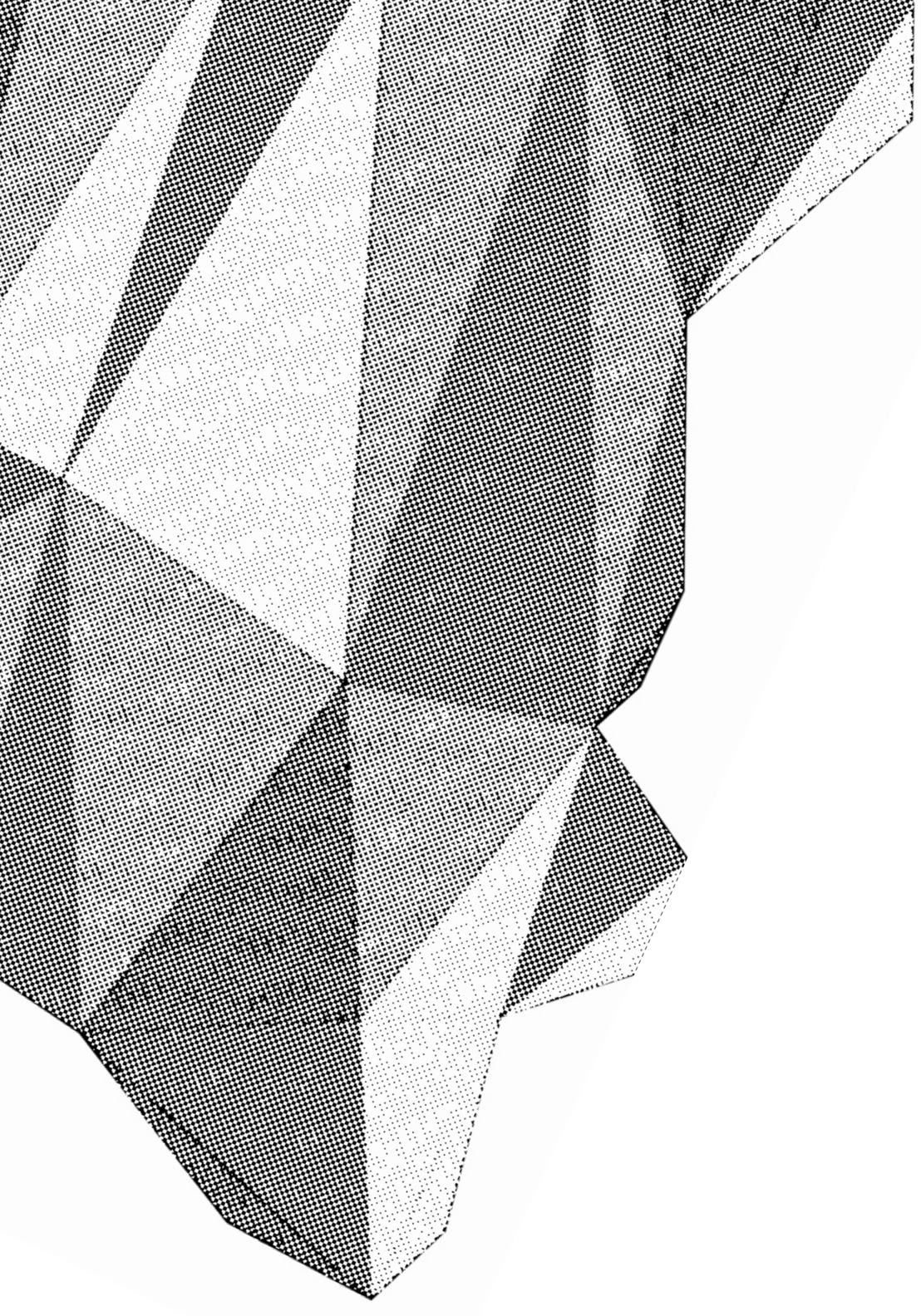
In the metropolitan city of Oporto, there is an denoted phenomenon of silent urban occupation, in which small supporting volumes with a temporary and mobile character, proliferates between the city; those are foreign elements to the urban environment and urban living (Tomé, 2006).

The alluded theme fits into the context of nomad architectures chasing the symbiosis between non-place and place of comfort and well-being, both, antitheses of each other (Augé, 1992).

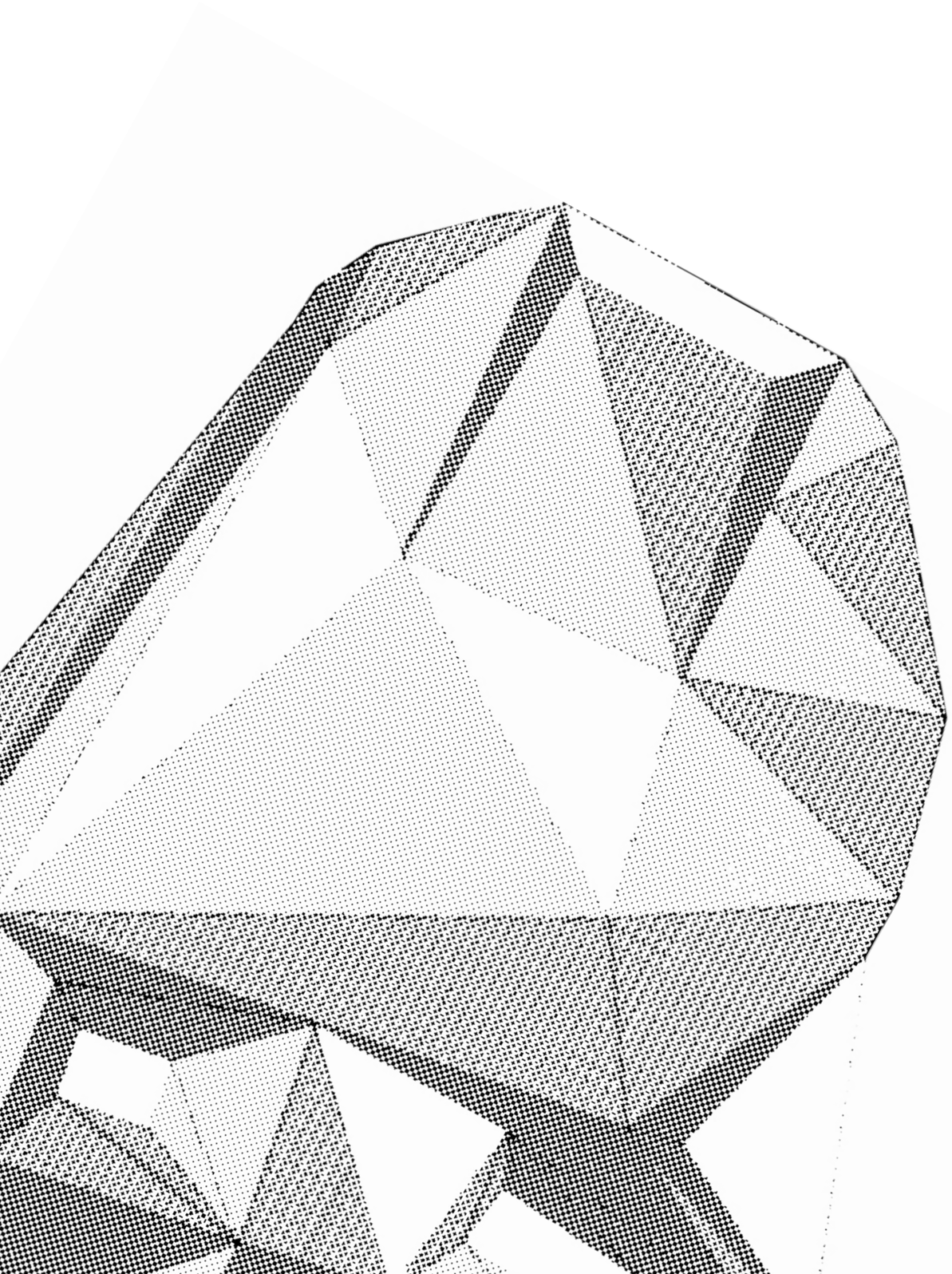
Conceiving a project of a minimum dwelling space for temporarily inhabit - a micro-hotel, includes the creation of a shelter (or cocoon), in which his design for mobile solutions - is seen as an hybrid manifest.

The project will be inserted in several urban spaces in the metropolitan area of Oporto caring for each physical and social's location reality.

Making questions about the subject of lack of this kind of equipment and their integration in urban context and solve them, lead us to study themes related to micro-architectures adapted to new hotel concepts, also interior design, urban and product design subject, integrated into a social context of neo-nomadism. These inference will result in a development phase of the project, in which will be designed a space that develops the theme of mobility, transience and urban center's dynamic, dissociating these mobile units from the idea of marginality, which those projects are usually connoted to.



Ao meu avô Mané,
por um dia me lembrar que
a matemática afinal não é
assim tão importante...



Um agradecimento à minha orientadora, professora Désirée Pedro pelo apoio e incentivo incondicionais nesta saga, pelo rigor e confiança depositados em mim ao longo de todo o percurso. Por ser uma inspiração enquanto projetista e criativa.

Estou também grata à minha co-orientadora, professora Maria Milano pelo apoio incondicional e rigor neste desafio e pela pronta intervenção para que este trabalho fosse levado a bom porto.

Gostaria também de agradecer ao meu co-orientador, professor Paulo Seco, pelo rigor técnico e principalmente pela disponibilidade constante que sempre demonstrou.

Por último mas igualmente importante, um agradecimento à minha família, em especial ao meu pai. À minha mãe e irmã pela paciência, aos amigos, particularmente à Mónica e Francisco, às amigas e colegas de trabalho, e a todos os que de alguma forma contribuíram e me apoiaram ao longo deste processo.

18 INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

26 1.1 O NOMADISMO E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

28 1.2 PREFABRICAÇÃO- BREVE SÍNTESE DA SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA

34 1.2.1 EXEMPLOS DE PREFABRICAÇÃO APLICADA AO HABITAR NÓMADA

40 1.3 O ABRIGO HOJE - BREVE REFERÊNCIA À SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA

42 1.3.1. DA ORIGEM DO ABRIGO AO ABANDONO DA CAVERNA

48 1.3.2. DO SEDENTARISMO AO RETORNO À MOBILIDADE COM A CÁPSULA

60 1.4 O HOTEL E O NOMADISMO

60 1.4.1 BREVE INTRODUÇÃO HISTÓRICA SOBRE O HOTEL

64 1.4.2. A IDEIA DA CASA ÀS COSTAS

CAPÍTULO II – O PROJETO

76 2. O PROJETO

78 2.1 OBJETO DE ESTUDO

82 2.2 IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO-ALVO

84 2.3 ONDE SE LOCALIZA

98 2.4 A PROPOSTA / CONCEITO

106 2.5 PROGRAMA FUNCIONAL

106 2.5.1 PROGRAMA FUNCIONAL DO CONJUNTO

108 2.5.2 RELAÇÃO INTERIOR/ EXTERIOR

114 2.5.3 PROGRAMA FUNCIONAL DE CADA MÓDULO TIPO

158 2.6 O PROCESSO METODOLOGIA DE TRABALHO

200 CONSIDERAÇÕES FINAIS

202 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

206 REFERÊNCIAS WEB

208 LISTA DE IMAGENS

222 ANEXO I
A EXPOSIÇÃO PLACELESS. REVISTA DÉDALO

226 ANEXO II
ENTREVISTA AO PÚBLICO-ALVO

230 ANEXO III
RELATÓRIO DAS CONCLUSÕES DA ENTREVISTA AO PÚBLICO-ALVO

232 ANEXO IV
GLAMPING

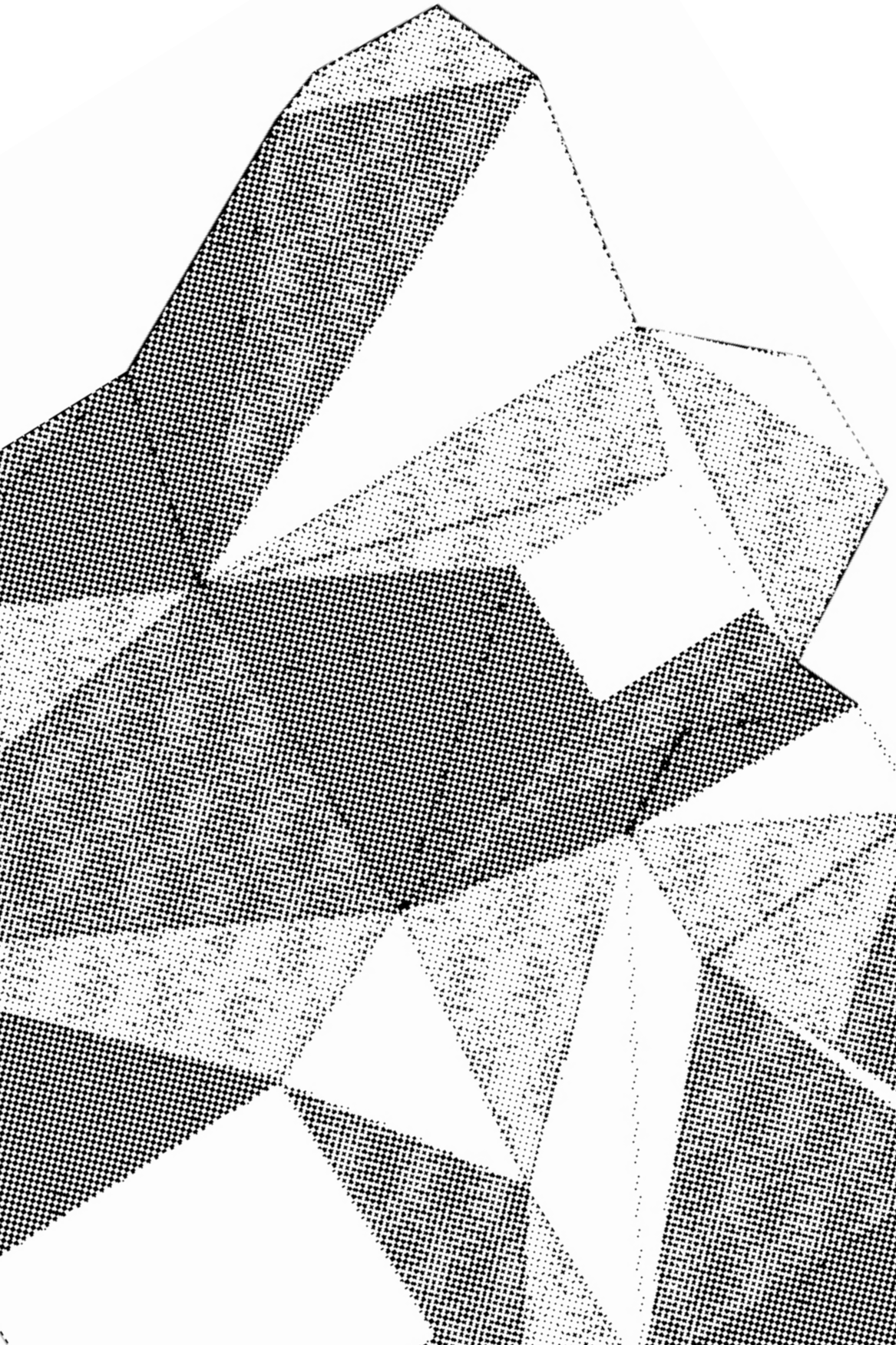
236 ANEXO V
CONTRAPLACADO

238 ANEXO VI
METAL DISTENDIDO

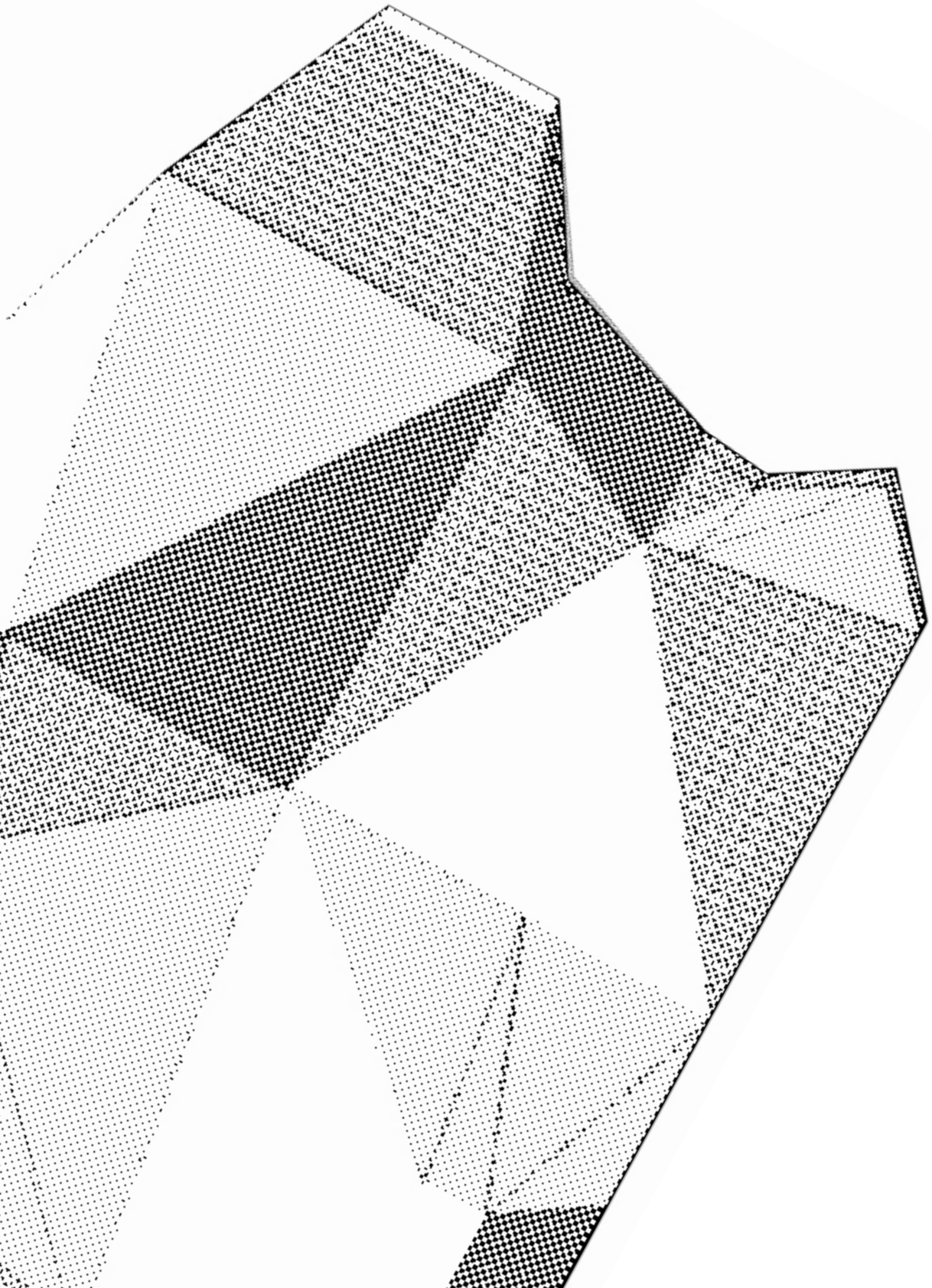
240 ANEXO VII
PAVIMENTO EM RESINA FENÓLICA

242 ANEXO VIII
SELEÇÃO DE LUMINÁRIAS

248 ANEXO IX
ESTUDO LUMINOTÉCNICO COCOON HOTEL



O presente projeto foi redigido segundo o acordo ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor desde 2009, tendo-se procedido, a fim de garantir a coerência formal do texto, à atualização das diferentes transcrições usadas.



PARA O PÁSSARO, O NINHO É INDISCUTIVELMENTE UMA CÁLIDA E DOCE MORADA. É UMA CASA DE VIDA: CONTINUA A ENVOLVER O PÁSSARO QUE SAI DO OVO. PARA ESTE, O NINHO É UMA PENUGEM EXTERNA ANTES QUE A PELE NUA ENCONTRE A SUA PENUGEM CORPORAL.

Jules Michelet

INTRODUÇÃO

O design vive de e para as pessoas. Vivendo para as pessoas, vive para a sociedade e com ela partilha princípios comuns. (Albuquerque,2011). Na medida em que a sociedade emerge da cultura e por ela é conformada e dado que a cultura determina a vivência dessa mesma sociedade, então poder-se-á afirmar que atualmente, o design trata predominantemente da vivência urbana.

A sociedade urbana atual, tão marcada pela mobilidade e pela velocidade, gera um fenómeno novo, de mobilidade social: o novo nomadismo urbano, ou neo-nomadismo. A forma como o design lida com este novo fenómeno e como resolve as questões que lhe estão associadas, da mobilidade, da transitoriedade, da portabilidade e da efemeridade do espaço, ocupam lugar central neste trabalho.

Nela, na sociedade urbana contemporânea, a mobilidade funciona como elemento organizador e estruturador da vida, nas suas múltiplas dimensões. Em resultado do desenvolvimento dos meios de transporte e das infraestruturas que organizam o espaço físico e social, a nova estrutura social, emergente, dá origem a um novo público com exigências e necessidades diferentes das do passado, que rompe com estereótipos antigos e procura novas formas de habitar, reclama novas vivências e pede novos usos para o espaço, ajustando-se à realidade atual, progressivamente mais cosmopolita. Assim, impõe-se o aparecimento de novos conceitos que dêem resposta à problemática, também ela nova, do neo-nomadismo, e que criem soluções para as actuais exigências de melhores, mais fáceis e mais rápidos acessos aos centros urbanos, através da criação de espaços que façam a simbiose entre o lugar de conforto e o não – lugar (Augé, 1992), para apoio e abrigo do neo-nómada. Eis o tema central deste trabalho: O neo-nomadismo e o abrigo que lhe garanta a mobilidade e a transitoriedade.

Por definição, nómada é, hoje, uma pessoa em trânsito, que viaja solitária, por espaços que não são dele, nem de ninguém, mas onde se sente livre dos constrangimentos da relação com os outros e da identificação com o grupo (Augé, 1992). Quando para fica nalgum lugar ou, no contexto espacial deste projeto, fica num não-lugar.

Este novo grupo de pessoas, os nómadas urbanos, ou neo-nómadas, são o reflexo do atual contexto social, que impõe uma constante transição entre espaços. À semelhança dos nómadas de outrora, seus antecessores, este grupo mantém como caraterística dominante a permanente necessidade de mobilidade, agora enquanto necessidade individual e já não como migração coletiva. É o indivíduo que viaja só e solitário. John Urry, sociólogo britânico estudioso das ciências sociais aplicadas à mobilidade, identifica o crescimento dessa nova camada social, democrática e em constante mobilidade, o viajante pobre, estudantes e outras pessoas com escassos recursos económicos e características sociais semelhantes, que procuram uma nova forma de viver, num mundo em que os limites geográficos se vão progressivamente diluindo (John Urry em Stewart, 2008, p.8). E é este o público-alvo deste projeto.



O mundo atual, sem fronteiras (Augé, 1992), tem necessidade de recriar o conceito de mobilidade, necessita de novas e diferentes ideias e soluções para o viver nómada, que lhe facilitem a transitoriedade. Indo ao encontro destes pressupostos nascem novos conceitos fundamentais como o não-lugar.

O lugar de conforto, sendo a antítese do não–lugar, dá especial atenção ao bem-estar, funcionando como refúgio (ou abrigo) inspirador de intimidade, onde o ser humano se sente fisicamente bem e seguro (Bachelard, 1989). Para melhor se compreender a relação entre nãolugar e lugar de conforto, estudaram-se diferentes formas de pensar o espaço e usaram-se várias abordagens interdisciplinares permitidas pelas múltiplas áreas do design (design urbano e design de produto) e da arquitetura, com o objetivo de repensar as infra estruturas de apoio aos espaços urbanos emergentes.

Imagem 1
Retrato do neonómada
Fotografia de Dick Snaterse, in Flickr.com

Surge, assim, a ideia de abrigo para apoiar o neo-nómada, como uma nova conceção de quarto de hotel. É a ideia do espaço de conforto, relocalizável, que acompanha o viajante urbano ao longo dos locais por onde este se desloca, permitindo-lhe viajar de morada em morada, entre pontos de paragem de um qualquer destino, desvalorizando o conceito de permanência prolongada, permitindo que este se aproprie de cada um destes espaços momentaneamente, com os seus pertences, reorganizando e personalizando a sua atmosfera.

> Os indivíduos devem ter a possibilidade de estar protegidos como que por cápsulas, nas quais possam rejeitar a informação de que não precisam, e nas quais se abriguem da informação que não querem, para lhes permitir recuperar a sua subjetividade e independência. (Kurokawa, em Fracalossi & Britto 2007).[1]

Estas unidades hoteleiras, revestindo o conceito de hotel cápsula, os Yotel, ou as Sleep box, são concebidas para um mundo em que as pessoas já não necessitam de uma habitação singular, mas sim transitam entre várias, necessitando apenas de pequenos espaços de conforto para repousar entre viagens, apelidados de espaços mínimos de transição, nos grandes centros urbanos (Kurokawa, em Fracalossi & Britto 2007).

A linha que separa o design da arquitetura, ou melhor, da micro-arquitetura, é ténue. Esta, ocupa-se de uma escala menor do que a do edifício, mas maior do que a escala do mobiliário, criando espaços fluídos que podem ser alterados pelo utilizador. Esta é também uma questão central no presente projeto, que se localiza no domínio da micro-arquitetura nómada e que procura conceber um espaço temporário, destinado a pessoas em transitoriedade constante.

Um hotel abrigo para os novos nómadas, urbanos, que lhes ofereça segurança, conforto e intimidade, mas que seja um lugar de ninguém, (não sendo um lugar identitário, evita a permanência do utilizador por um longo período de tempo, mas permite que este o personalize, caso assim o pretenda, afastando-se de uma rigidez que os hotéis cápsula apresentam).

Imagem 2
Imagem que retrata a forma como surge o abrigo, o ninho, momento de paragem e conforto nos locais em trânsito. Fotografia de Leonor Magalhães.

[1] 'individuals should be protected by capsules in which they can reject information they do not need and in which they are sheltered from information they do not want, thereby allowing an individual to recover his subjectivity and independence'
Kisho Kurokawa

[2] Este conceito será aqui desenvolvido não como uma "tenda" individual, mas sim como equipamento passível de ser movido pela entidade que o explora, caso esta verifique que a sua localização se deva alterar.

Na primeira fase do trabalho identificam-se algumas questões que, pela sua pertinência e relevância suscitam reflexão sobre o tema do projeto, a saber:

I. Como conceber um espaço mínimo de conforto, que responda às múltiplas necessidades atuais de um utilizador moderno, que seja portável[2] e autónomo, garantindo a sua mobilidade, e que não comprometa a efemeridade do espaço?
II. Como conceber num contexto urbano, um espaço dinâmico, transitório, protegido da marginalidade a que habitualmente são conotados projetos desta categoria e possuindo um custo acessível?
III. Como processar uma correta e eficaz transição entre o interior e o exterior destes artefactos e qual a relação que deve estabelecer com o meio urbano em que se inserem?
IV. Quais as características que estes quartos de hotel devem possuir, para promover a afluência de um novo público, mais dinâmico, os neo-nómadas?

O objetivo principal é criar um espaço qualificado, que se oponha ao preconceito que associa o nomadismo, a efemeridade e a transitoriedade, à marginalidade social, e que possua um custo comportável para o utilizador.

O projeto questiona a falta de tais equipamentos hoteleiros no atual contexto de neonomadismo urbano, problemática que aborda numa perspetiva de interdisciplinaridade entre micro-arquitetura, design de interiores e de equipamentos, e design urbano, com vista a desenvolver a fundamentação teórica desta problemática e a apontar novos conceitos que ajudem ao enquadramento da mesmo.





O projeto consiste na escolha de um espaço inserido em contexto urbano, onde se pretende conceber e implantar uma pequena unidade hoteleira, servida por transportes públicos, cuja proximidade é fundamental para agregar ao projeto mobilidade, transitoriedade e dinâmica, mas também a vivência social própria destes locais. A versão final do artefacto consistirá num elemento possível de ser deslocado, desejavelmente com autonomia para responder às necessidades do seu utilizador.

Temos noção que as questões acima formuladas não esgotam o tema e que o trabalho sairá muito enriquecido pela confrontação de autores e de ideias. Intencionalmente deixa-se em aberto algumas questões, com vista a sugerir que o trabalho tenha continuidade.

Este trabalho de investigação, que é simultaneamente uma tese de projeto, foi precedido de uma pesquisa sistemática a autores consagrados, em cujas ideias nos inspirámos e nos serviram para constituir as premissas teóricas que suportam as diversas decisões/opções do projeto, valorizando a pertinência da sua escolha na sociedade contemporânea. Este percurso bibliográfico incluiu autores como **Focault**, na abordagem de conceitos como as heterotopias - lugares fora de todos os lugares; inclui os não – lugares de **Marc Augé** e a compreensão da relação e interligação destes com o lugar de conforto e bem-estar, a primitividade de refúgio de **Gustave Bachelard**, evocando segurança e intimidade, com a sua poética do espaço; inclui ainda outros autores de referência, como **Rasmussen**, **Campo Baeza**, **Peter Zumthor** ou **Ronan e Erwan Bouroullec**.

Com **John Thackara** pretendemos trazer, para o desenvolvimento do trabalho, conceitos contemporâneos relacionados com as questões levantadas pela velocidade relacionada com a mobilidade, como o conceito de trabalhador móvel e de espaços de fluxo. Com **Peter Sloterdjick** procurámos trazer ao trabalho as suas ideias de relação de proximidade entre os locais e as comunidades e os seus conceitos de formas e morfologias. Autores como **Ernesto Veiga de Oliveira**, **Norberg-Schulz**, **R. Kronenburg**, **D. Albrecht & E. Johnson** e **G. Galfetti**, são referidos ao longo do texto porque serviram de complemento a algumas questões fundamentais.

Foram ainda analisados projetos e casos de estudo de **Le Courbusier**, **Mies Van der Rohe** e **Shigeru Ban**, que serviram de inspiração ao trabalho a desenvolver.

Foram utilizadas técnicas de observação na investigação de campo e foram efetuadas entrevistas personalizadas, com vista a identificar e melhor compreender as necessidades e funções dos utilizadores de espaços desta natureza.

Na segunda parte de projeto aprofunda-se o campo da experimentação, como veículo de procura de formas do objeto final, através de maquetes, que explorem os mais variados conceitos, como forma – cheios e vazios, volumes – sólidos e cavidades, esqueleto – estrutura, pele e interior – ninho conforto e intimidade e ainda peças de mobiliário definidoras de espaços. A experimentação fez-se “de dentro para fora”. Nesta fase também se identificam algumas referências determinantes para a credibilidade do projeto.

Avaliam-se criteriosamente as possíveis áreas de inserção do projeto, de modo a que respondam aos requisitos propostos: o sentido de transitoriedade, da mobilidade e a afluência de pessoas em trânsito a esta tipologia de unidade hoteleira, considerando que se pretende criar um novo conceito de hotel, ainda pouco explorado no contexto português, que responda às necessidades do nómada urbano.

A alavanca impulsionadora do projeto passou pela criação de uma dinâmica espacial que consiga a fusão entre um não–lugar, espaço dedicado a pessoas em trânsito, e o lugar de conforto, que nos remeta ao ninho, às esferas e ao ventre materno.



PÁGS. 22 E 23
Imagem 3
Imagem que retrata a forma como surge o abrigo, o ninho, momento de paragem e conforto nos locais em trânsito.
Fotografia de Lucília Monteiro ,
in Revista Visão

AQUI
Imagem 4
Imagem que retrata a forma como surge o abrigo, o ninho, momento de paragem e conforto nos locais em trânsito.
Fotografia de Leonor Magalhães

Imagem 5
veasyble; Wearable shelter – veasyble, Itália 2009. Fotografia in Atelier GAIA

Imagem 6
veasyble; Wearable shelter – veasyble, Itália 2009. Fotografia in Atelier GAIA

Imagem 7
Wearable shelter – Projeto 10 Wearable Habitats to Shelter You From the Apocalypse, Itália 2009.
Fotografia in Atelier GAIA

CAPÍTULO I

1.1 O NOMADISMO E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Vivemos um tempo que reflete sobre o viver contemporâneo e sobre o espaço físico em que respiramos, dormimos e vivemos. "O espaço como gerador de cultura espelha a nossa personalidade" (Fernandes, 2011, p.20). Este é um mundo de pressa constante, em que o tempo ganha velocidade e a arquitetura tende a contribuir para este vertiginoso senso de aceleração (Pallasmaa, 2011, p.12).

Esta nova sociedade é agora gerida pela globalização que remete para temáticas a ela associadas, como a velocidade[3] - paradigma da sociedade atual e um sinal de que o tempo urge (Sachs em Tackhara, 2006); a mobilidade[4] e a migração em oposição à permanência. A globalização fomenta a mobilidade de pessoas, bens e serviços. É uma nova vivência, mais móvel do que nunca, que leva também a mudanças no design e na arquitetura (Stewart, 2008). "O viver nómada da atualidade, oferece mais do que a emoção da estrada aberta." (Stewart, 2008, p.06, tradução livre). Este é um novo nómada metropolitano e citadino que, assim como a sua metrópole, tem vindo a perder a rigorosa dimensão de outrora, abrindo-se ao mundo, em vez de se fechar em si mesmo (Schwartz-Clauss & Vegesack, 2002, tradução livre). Da mesma forma que viajar nos aproxima de qualquer ponto do globo, o nosso tempo é simultaneamente desperdiçado em trânsito, ou seja, em viagem (Stewart, 2008).

O entendimento do território passa a ser imprescindível na criação da individualidade, potenciando uma ligação instantânea do espaço com o meio em que se insere – o território; constituindo um novo pressuposto do nomadismo, o do viajante solitário.[5]

[3] A velocidade como paradigma da sociedade atual leva a crer que permanecemos em trânsito.

[4] A Mobilidade na Era moderna parece ser afluente como nenhum outro conceito; mas cujo brilho é assombrado pela ideia de que a globalização não é ainda acompanhada, pela facilidade de acessos a uma flexão entre tempo e espaço. Por conseguinte, estes tornaram-se notoriamente, mas não totalmente, democratizados (Stewart, 2008). E apesar dos seus benefícios esta permanece instável, bloqueada pelo seu perpétuo crescimento num mundo em que a capacidade de transporte permanece limitada (Tackhara, 2006 p.51). Já no contexto arquitetónico é aplicada tanto à capacidade de montar e desmontar um edifício, de forma a transportá-lo para outro lugar; como à capacidade de mover integralmente um edifício, cujas características e dimensão o permitam. Este conceito diz respeito ao abrigo, popularizado após a 2ª Grande Guerra, através de unidades modulares, mas sobretudo através de adaptações a alojamentos temporários. Esta mobilidade foi favorecida pela rede de infra estruturas construídas na Europa, mas sobretudo nos EUA. Com o tempo, o conceito de abrigo móvel tornou-se sinónimo de precariedade (Tomé, 2006). Mas a mobilidade moderna cobra o seu preço, em termos de custo e de tempo para utilizador (Tackhara, p.54). É que quanto mais depressa viajamos e mais rapidamente nos deslocamos, menos tempos parece que temos. Apesar da expansão perpétua das viagens, com poupança de tempo, muitos de nós sentem-se hoje mais pressionados pela escassez de tempo, do que se sentiam no passado (Tackhara, p.54).

[5] Tendo em consideração o valor dos imóveis da atual conjuntura económica, é um privilégio poder levar o nosso próprio espaço/casa, para uma nova cidade, ou mesmo revendê-lo a um mercado que se estende muito para além da vizinhança (Stewart, 2008).



Desta forma, importa refletir sobre estas novas formas de estar e de habitar, uma vez que este novo fenómeno de nomadismo é transversal a toda a sociedade contemporânea. "Na verdade, existem cada vez menos argumentos para se ser sedentário. Afinal a vida nómada é cada vez mais comum nos países industrializados. A maioria das empresas é dirigida por nómadas que se deslocam de país em país, de quarto de hotel em quarto de hotel" (Schlee, em Samson, O., 2011).

O nómada é por definição, um viajante, uma pessoa em trânsito. Ao parar fica nalgum lugar. É a figura humana da nova consideração espacial de não–lugar[6]. Viaja solitário, em espaços que não são dele, nem de outros, mas onde se sente livre dos constrangimentos da relação com os outros e da identificação com o grupo (Augé, 1992); e as raízes do nomadismo são dialéticas e repartidoras (Christ, R. & Dollens, D., 1993).[7]

Estes espaços de usufruto do novo nómada, enquanto objeto arquitetónico, são também nómadas e parasitários. Por vezes ocupam o território, sem criarem uma ligação efetiva com este, tornando-se espaços assimiláveis às heterotopias.[8] Enquanto transita de local em local, ironicamente, o ser humano acaba por procurar nas mais pequenas coisas, o conforto da identificação com as suas próprias raízes. Por isso se torna tão importante a criação de um abrigo para os novos nómadas, que sendo polivalente se identifique com eles e lhes ofereça conforto, segurança e lhes inspire familiaridade, afeição e apego, sentimentos tão próprios da nossa cultura ocidental, crendo que também serão relevantes noutras culturas.





[6] Ao avançar com o conceito de não–lugar, este é um lugar não relacional, não identitário nem histórico, revelador de uma nova forma de viver o mundo, mais próximo da tradicional noção de lugar. Compreender o espaço contemporâneo passa, também, por estudar os mecanismos de relação entre lugar e não–lugar. Na atualidade lugares e espaços, lugares e não–lugares confundem-se, interpenetram-se (Augé, 1992). À medida que o tempo evolui caminhamos com mais afinco para espaços que se definem como o conceito de não-lugar. Materializam-se em autoestradas e aeroportos. São espaços inqualificáveis, que por toda a parte acolhem provisoriamente quem deles necessita. Revelam uma nova maneira de viver o mundo. Estão sempre relacionados com espaços próximos da tradicional noção de lugar. Na atualidade, lugares e não–lugares confundem-se e interpenetram-se. Um não–lugar depende sempre de um lugar (Augé, 1992 em Silvano, 2001).

[7] No sentido de Deleuze & Guattari, consideram-se nómadas primários, aqueles que cruzam os limites da sociedade, profissão e género (Christ, R. & Dollens, D., 1993).

[8] As heterotopias, são lugares que permitem a ligação com todos os outros lugares, mas suspendem e invertem o conjunto de relações destes. Possuem características de universalidade, transversais a todas as sociedades, podendo funcionar ao longo do tempo de diferentes formas numa sociedade, justapondo num só lugar real, vários espaços que são por si só incompatíveis e possuindo um duplo sistema de abertura e fechamento que tanto permite o seu isolamento como os torna penetráveis. As heterotopias criam um espaço de ilusão que denuncia o espaço real, em que a vida está confinada, como se fosse ainda mais ilusório. Estando fora de todos os lugares, são, no entanto, localizáveis (Focault, 1997).

1.2
PREFABRICAÇÃO: BREVE SÍNTESE DA EVOLUÇÃO HISTÓRICA

“A ARQUITETURA PREFABRICADA PERMITE AO ARQUITETO PENSAR O EDIFÍCIO COMO O DESIGNER DE PRODUTO O FAZ”

(Siegal em Stewart, 2008, p.06, tradução livre).

A evolução da cultura ocidental contemporânea conduziu ao mundo atual, marcado pela pressa constante, onde o tempo ganhou mais velocidade, contribuindo para a vertigem da aceleração (Pallasmaa, 2011).

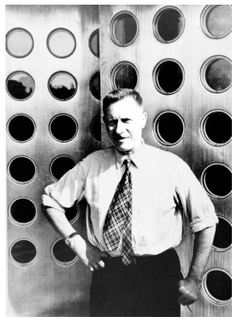
Considera-se que a arquitetura dos nossos dias é extensível e mutável no tempo e no espaço. Este crescimento não se esgota no tamanho ou no movimento, mas implica transformações de formas espaciais e substâncias materiais (Kronenburg, Lim, & Chii, 2003). Em consequência da referida evolução (da cultura ocidental contemporânea), a maneira tradicional de conceber a casa tem-se revelado progressivamente ineficiente, tendo sido conduzida, até aqui, segundo técnicas de fabrico convencionais.

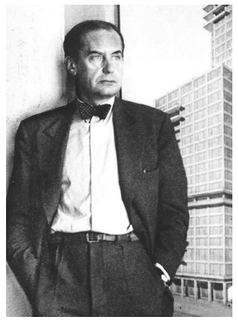
Só depois das primeiras décadas do século xx, os arquitetos começaram a prestar atenção aos novos sistemas de prefabricação, desenhando estruturas, tanto para propósitos residenciais como para equipamentos de emergência. Entre os que participaram ativamente neste desenvolvimento, relembramos os nomes de Le Courbusier,[9] Jean Prouvé, Walter Gropius, e vários designers erradicados na América do Norte como, Buckminster Fuller, Frank Lloyd Wright, Richard Neutra, Charles e Ray Eames e Mies Van Der Rohe. O ponto de convergência dos trabalhos de todos eles, é o conceito que utiliza módulos básicos reutilizáveis, tão expansíveis quanto se desejar. Nos anos 50, com uma aceitação generalizada da mobilidade e o aparecimento da motorização, deu-se um “boom” na prefabricação residencial, principalmente nos Estados Unidos (Nappo & Varelli, 2009, p.24).

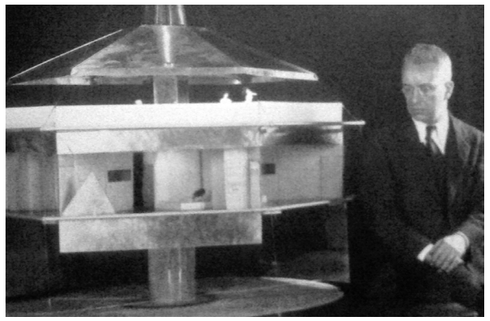
[9] “Talvez o mais significante ato arquitetónico no domínio da prefabricação tenha sido o do arquiteto francês Le Courbusier que, já em 1914, com a sua Maison Dominó, desenvolveu um novo tipo de construção, com o vigamento em cimento reforçado, que forma todo o pavimento e a caixa de escadas do edifício, eliminando a necessidade de paredes estruturais“ (Arief & Burkhart, data, p.14, tradução livre).



Após a primeira Grande Guerra Mundial, os países europeus, desesperados por encontrar novas habitações, abraçaram a prefabricação como novo sistema construtivo como método de baixo custo e tempo. A Inglaterra, França e Alemanha, unidas, desenvolveram um sistema prefabricado em cimento e aço, enquanto a Suíça se focou mais nos sistemas construtivos em madeira." (Arief & Burkhart, 2002).









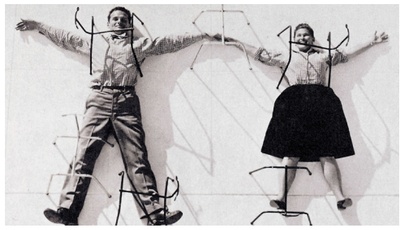


Imagem 8.1
Le Corbusier, Arquiteto
Fotografia de Live Journal

Imagem 8.2
Jean Prouvé
Fotografia de Rufus Knight
in FlickRiver.com

Imagem 8.3
Walter Gropius
Fotografia in Archdaily.com

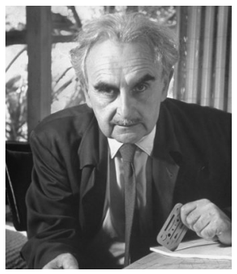
Imagem 8.4
Buckminster Fuller e a sua casa 4D
Fotografia in Archdaily.com

Imagem 8.5
Frank lloyd Wright
Fotografia de Lumier Refi,
in Archdaily.com

Imagem 8.6
Casal Eames (Ray e Charles Eames)
Fotografia in Archdaily.com

Imagem 8.7
Richard Neutra
Fotografia de Jared Frederic,
in Flickr.com

Imagem 8.8
Mies Van Der Rohe
Fotografia de Eduard Sharp,
in Archdaily.com.

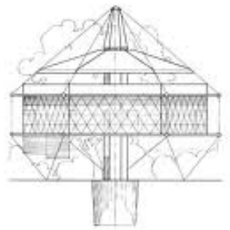


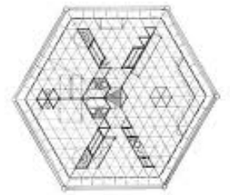


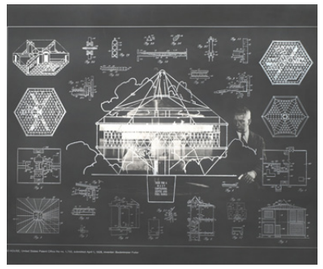
No pós-guerra industrializaram-se os processos de construção para habitação (Fuller, 2001, em Albuquerque, 2011). A discussão sobre a área mínima aceitável para o "espaço habitável" já dura há muito.[10] Desde a simples definição das dimensões do espaço, baseada no layout do mobiliário necessário, até às atuais discussões em torno da psicologia ambiental, têm existido as mais variadas propostas para definir o espaço mínimo para se habitar, nomeadamente nos novos e lotados centros urbanos (Pinto, 2007).

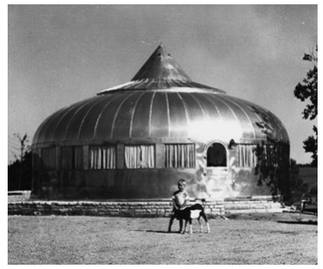
Inúmeros modernistas desenvolveram o tema da eficiência na vivência, com casas extensíveis, prefabricadas. Alguns dos ícones da época, foram distinguidos como Buckminster Fuller, com a sua casa

do futuro, a Dymaxion House, em 1929, cujo conceito revolucionário evocava uma solução leve, rentável e fácil de construir (Arief & Burkhart, 2002). Procuravam uma adaptabilidade constante a um tempo e um lugar específicos. Esta representou o primeiro esforço consciente para construir um edifício autónomo no século XX.
O espaço interior desta estrutura, para além de permitir uma livre organização através de divisórias móveis modulares, continha alguns elementos estandardizados, saídos diretamente de uma produção industrializada e em série, como era o caso da casa de banho portátil. Este projeto ambicionava acompanhar a evolução e o movimento do ser humano mas apresentava-se, ainda assim, como solução demasiado estática, apesar das inovadoras técnicas construtivas (a facilidade de transporte e montagem), a sua forma permanecia demasiado fiel às imposições do seu esqueleto em que a principal preocupação era a de, recorrendo à estética, ocultar as suas funções operativa (Albuquerque, 2001). Construída com base nas tecnologias automóvel, indústrias bélicas, esta foi considerada, mais tarde, um abrigo de guerra - "Dymaxion Deployment Unit" (1927) e mais tarde, a casa "Wichita" (1945), sendo uma reformulação do projeto anterior para um uso de alojamento convencional.







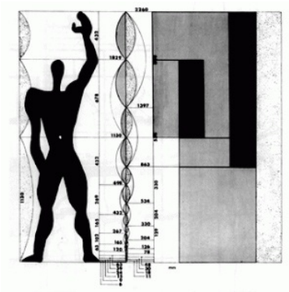


Imagens 9, 10 e 11
Dymaxion House, Buckminster Fuller, 1929. Fotografia in Archdaily.com

Imagem 12
Le Modulor 1942 a 1948, Le Corbusier, Fotografia de Juan Figueroa, in Pinterest.com.

Imagem 13
Ville Savoye, Le Corbusier, Fotografia de Vallen, in Flickr.com.

Estas casas extensíveis eram produzidas em massa recorrendo a sistemas modulares, como o Le Modulor do arquiteto Le Courbusier em 1919, que desenvolveu, posteriormente, a Maison Dominó, é a casa como produto industrializado.



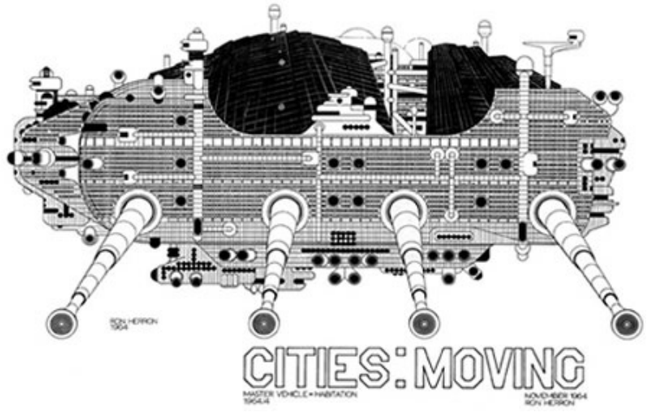


[10] Outrora, os critérios principais de definição da área mínima habitacional a ser ocupada nas metrópoles em expansão do séc. XIX e início de XX, basearam-se inicialmente em preocupações ao nível da higiene e das relações com o mobiliário e com o modo de vida. Na altura foram apresentadas diversas configurações internas das habitações, com propostas inovadoras de ambientes, através da utilização de divisóriasleves, painéis deslizantes e mobiliário dobrável e multifuncional. (Braga, 2010). Esta linha de pensamento refletia a preocupação com a adequação dos móveis dentro dos espaços reduzidos das habitações económicas, de forma a evitar interferências entre o mobiliário e a circulação, iluminação e ventilação da habitação (p.110). A Maison Dominó de Le Courbusier, ou a Bauhaus, com o seu uso da prefabricação para espaços de habitação de área reduzida (Braga, 2010), exemplificam esta linha de pensamento.

[11] O hardware é aqui entendido como a estrutura fixa da própria cidade e software é como as próprias unidades arquitectónicas (móveis e permutáveis) (Cook & Webb, 1999, tradução livre em Albuquerque, 2011).

[12] Em 1945, na Califórnia, foi introduzido um programa habitacional que se tornou o padrão, pelo qual todas as outras tentativas bem projetadas e de custos suportáveis, de casas unifamiliares, eram avaliados (Arief & Burkhart, 2002). O autor, formalizou as ideias sobre a prefabricação e a construção industrializada e a forma como estas se relacionam com a arquitetura moderna. Tal como muitos dos esquemas habitacionais iniciados no pós-guerra, o programa das Case Study Houses foi concebido para dar aos arquitetos a oportunidade de responder criativamente à crescente necessidade de casas unifamiliares nos EUA, através da experimentação de formas e materiais. (McQuaid, Shigeru Ban, prefabricação, pág. 152). Mas, contrariamente a todos os outros programas habitacionais, o programa das Case Study houses, foi lançado não por um construtor, ou até por um arquiteto, mas por John Entenza, um enigmático editor da revista Arts na Architecture (Arief & Burkhart, 2002). No decorrer dos anos 30, trinta e seis Case Study Houses foram projetadas e construídas. Cada uma delas, pressupunha um modelo para futuras construções, a uma escala massiva. Arquitetos como Charles e Ray Eames, Richard Neutra, Craig Ellwood e Pierre Koenig, provaram que conseguiam construir casas a baixo-custo, sem comprometerem os seus utópicos pressupostos modernistas. Um dos arquitetos das Case Study Houses, Craig Ellwood, defendeu que, *"As ideias tornaram-se importantes edifícios, que de outra forma poderiam nunca ter existido. É esta a função primordial do programa e a sua realização mais importante." (retirado de Esther McCoy, Case Study Houses:1945-1962)."* (McQuaid, Shigeru Ban, prefabricação, pág. 152). A dupla de marido e mulher, Charles And Ray Eames, projetaram uma das primeiras Case Study Houses para si próprios. A colorida e arejada casa e estúdio, localizada nas colinas da paliçada do Pacífico, celebrava abertamente a sua estrutura de ferro e tornava-se, mais tarde, um símbolo do estilo de vida modernista californiano (Arief & Burkhart, 2002).

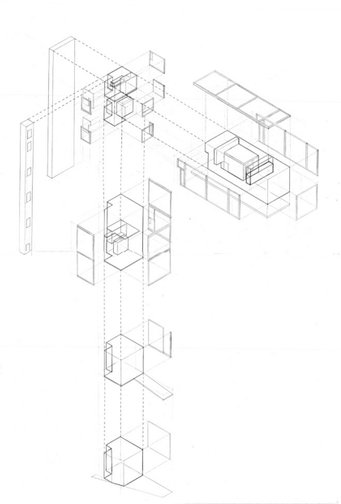
Apesar de incutido de uma certa utopia característica do pós guerra, o grupo Archigram (Arquitecture + Telegram), apresenta-se com projetos como Walking Cities, Plug-in cities (1964), desenvolvido por Peter Cook que surge de acordo com os princípios tecnológicos da época, em que a cidade é pensada como uma máquina. Conceitos como *hardware*[11] e *software* passam a ser integrados na lógica das próprias cidades (Rouillard, 1994, tradução livre em Albuquerque,2011).





Tal como muitos dos esquemas habitacionais iniciados no pós-guerra, o programa das *Case Study Houses*[12] de John Entenza, foi concebido para dar aos arquitetos a oportunidade de responder criativamente à crescente necessidade de casas unifamiliares nos EUA, através da experimentação de formas e materiais. (McQuaid, Shigeru Ban).





Assim, a construção de casas em série, em ambiente controlado, ou seja, a prefabricação, pode trazer bastantes vantagens[13]. Desde logo permite racionalizar e otimizar os processos de fabrico e as próprias ferramentas, mas também, através do efeito de redução de escala, permite um aprovisionamento mais económico de materiais, melhorando a qualidade global do produto final construído e facilitando a inserção da casa no lugar de destino; casa esta que será facilmente recolocada num outro local, mais tarde, se necessário (Siegal, 2008). Sendo a nossa habitação atual cada vez menos adequada às necessidades contemporâneas, no que diz respeito à crescente mobilidade na vida das pessoas (o viver em trânsito) transitando entre locais, tendo por vezes de permanecer, por exemplo, numa mesma cidade por algumas horas, ou até alguns dias; torna-se imperativo responder da mesma forma que procuramos responder à crescente mobilidade de bens e serviços, graças aos avanços tecnológicos – com rapidez e facilidade (Arief & Burkhart, 2002).

Afortunadamente existem nos dias de hoje arquitetos e designers cujo trabalho está a ajudar a alterar a perceção que relaciona a prefabricação com o design pobre e de baixa qualidade. É graças às suas obras que alguns edifícios, tanto habitacionais como os públicos, se vêm tornando mais portáteis, mais adaptáveis e úteis, levando a que o futuro da arquitetura modular (prefabricada) e móvel se desenvolva rapidamente com o aparecimento de novas pequenas, leves e compactas habitações, num mundo em que a arquitetura móvel está em constante atualização. (Siegal, 2008).

PÁG. 32
Imagem 14
Walking City, Archigram
Fotografia de Luis Villa, in Flickr.com.

Imagem 15
Pluggin Cities. Grupo Archigram.
Fotografia de Luis Villa, in Flickr.com.

AQUI
Imagem 16
Case study house n.22 adaptação para Hong Kong, James P Miller.
Fotografia de Ernest Delaville, in Fickr.com.

Imagem 17
Case study house n.22, James P Miller.
Fotografia de Ernest Delaville, in Archdaily.com.

[13] Idealmente, a prefabricação combina materiais tradicionais com uma estética contemporânea, para criar soluções habitacionais inovadoras. Em boa verdade, a maioria das construções habitacionais prefabricadas, apostam numa fórmula errada, uma vez que, acabam por falhar na abordagem ao envolvimento dos utilizadores no processo, e na necessidade de eficiência energética e sensibilidade ambiental, este é um estilo moderno e vernáculo, desejoso por uma nova geração de compradores de casas (Arief & Burkhart, 2002).

1.2.1 EXEMPLOS DE PREFABRICAÇÃO APLICADA AO HABITAR NÓMADA

Existe atualmente uma nova geração de arquitetos, designers e artistas, em todo o mundo, que contactam com o novo fenómeno de nomadismo e que constituem a base de crescimento do movimento do - *faça você mesmo* -,geração de artistas impacientes por uma mudança que lhes permita adquirir uma experiência mais fluída e autêntica ao contactar com as cidades contemporânea e com a cultura atual em constante mudança (Siegal, 2008).

O interesse desta nova geração de criativos pelo fenómeno anteriormente referido, reside no facto de serem agora socorridos pela introdução de novos materiais e técnicas de produção da habitação, que veio auxiliar esta nova conceção de habitar nómada - e portanto de neonomadismo. Os novos materiais (como os polímeros) agora muito mais moldáveis e flexíveis que outrora, vieram permitir uma mais fácil conceção do produto – a habitação, que passou a ser menos dispendiosa, mais adaptável a alterações formais posteriores e por isso muito mais vantajosa para o seu utilizador. Todos estes fatores vieram assim promover e favorecer uma vivência neo-nómada com conceitos a estas inerentes, como a transportatibilidade, sustentabilidade e adequabilidade.

Já em 1964, o arquiteto, designer e teórico sobre urbanismo, Jean Maneval, tinha desenvolvido uma unidade de habitação inteiramente concebida em materiais sintéticos. Produzida industrialmente e comercializada em massa até 1970, as *Six Shell Bubble*, fizeram parte de um programa experimental para os Pirenéus. Cada unidade, de um conjunto de seis, era transportada e as "cascas prefabricadas" produzidas em poliuretano de várias cores. Estas bolhas coloridas, estavam assim, perfeitamente integradas com a paisagem.





Entre 1985 e 1989, Toyo Ito desenvolve o projeto Pao I e II, dois programas "habitacionais" para a nova mulher japonesa, a mulher-nómada de Tóquio, que vive daquilo que deseja e consome, e que não está ligada às suas origens, ou à cultura centenária da sua nação. Os objetos destes habitáculos representam o ideal do consumismo e ajudam a manter um estilo de vida próprio. Este projeto, desprendido de um terreno espacial concreto é, no essencial, um iglô, um abrigo hedonista.







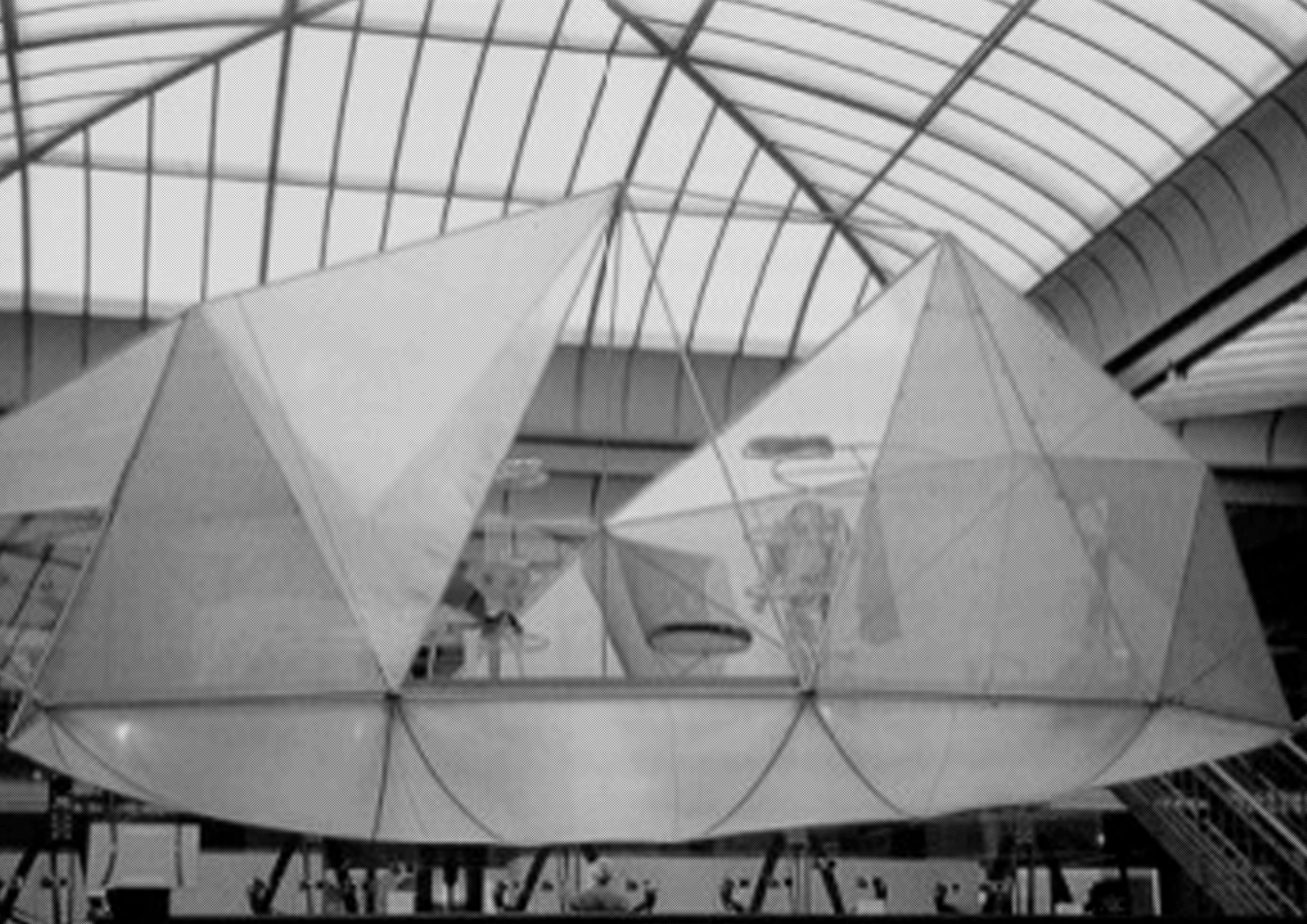
Um dos exemplos mais característicos da prefabricação aplicada ao novo habitar nómada, poderão ser as Markies Holandesas, datadas de 1986 até 1995, pelo génio de Eduard Bohtlingk. Estas casas abrem-se como um leque e são totalmente móveis. O seu nome deriva do facto de uma vez estacionadas, ambas as suas paredes poderem ser abertas em leque, triplicando o seu espaço interior. Foram desenhadas para a competição de vivência temporária de 1986 (Nappo & Vairelli, 2009).

Imagens 18 e 19
Six Shell Buble, 1964,
in Designboom.com

Imagem 20
Toyo Ito, Pao I e II, 1985, 1989.
Fotografia in Designboom.com.

Imagem 21
Markies, Edward Bohtlingk 1986,
in toy.blogspot.pt





Ao falar-se em prefabricação obrigatoriamente temos de referir a obra de Shigeru Ban, arquiteto conhecido pelas suas estruturas em rolos de papel, e o seu Nomadic Museum de 2003, executado com contentores; bem como a sua Naked House (entre 2000 e 2002), ou a Furniture House 5 (2006), inspirada na casa Farnswoth de Mies Van Der Rohe (1951).

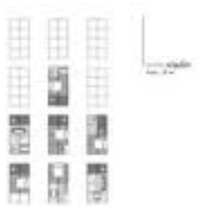






O inovador conceito da MIMA Housing, as casas modulares, que funcionam como um "organismo vivo, pronto a ser alterado a qualquer instante". Nomeada pela comunidade mundial de arquitetos como a "melhor casa do mundo", ganhou inúmeros prémios, pela sua capacidade de produzir uma arquitetura customizável, de low-cost, acessível a todos, e de um modo industrializável (site MIMA).







PÁGS. 36 E 37
Imagem 22
Projeto Pao I e II, 1985 a 1989.
Fotografia in Designboom.com

AQUI
Imagens 23, 24 e 25
Nomadic Museum, Shigeru Ban.
Fotografia (cortesia de)Simón Vélez, in Fickr.com

Imagem 26
Mima Housing.
Fotografia in MIMA housing.pt

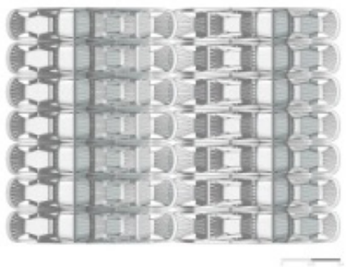
Assim como estes exemplos, existem muitos mais que pelo seu caráter temporário ou transportável poderiam ser aqui descritos. Por uma questão de sintetização de informação, optámos por não os descrever exaustivamente, mas sim indicar alguns dos projetos que nos pareceram de maior relevância e que abrangessem um leque, o mais vasto possível, de projetos prefabricados adequados ao nomadismo e por consequência, projetos de referência como abrigo para o novo nómada, o nómada urbano.

A dimensão do habitar nómada e a prefabricação relacionam-se na medida em que a conceção da habitação para os neo-nómadas é favorecida pelas técnicas e princípios aplicados na prefabricação. Deste modo, uma não subsistiria sem a outra. Se não existissem as infraestruturas de apoio à conceção adequada da habitação do neo-nómada, esta não seria possível de existir.

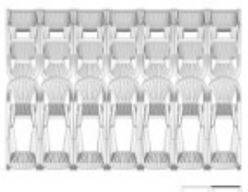
O projeto SHELL.TER do grupo Likearchitects foi concebido para o Parque Castelinho, em Vila Nova de Cerveira, no Verão de 2012 como uma instalação temporária para o Acampamento Cerveira Creative – um workshop liderado pelo grupo likearchitects. Concebido com várias cadeiras dispostas em bloco; estas atuam como um abrigo de sombreamento e como uma estrutura que amplia a natureza que o circunda. A forma deste abrigo assemelha-se ao desenho paramétrico, criado pela relação dos arcos formados por cada uma das cadeiras, o que faz com que a leitura dos elementos não seja feita individualmente (Aguiar, Otto & Jesus, 2012).

Assumindo a forma de um túnel o projeto SHELL.TER toma a forma de um enigmático esqueleto branco de plástico, e convida os visitantes do parque a relaxar na sombra ao longo do rio, criando um novo ponto de encontro da cidade. Este é um projeto sustentável e efémero na sua condição desmontável (Aguiar, Otto & Jesus, 2012).









Imagens 27, 28 e 29
Shellter, Likearchitects, 2012.
Fotografia in likearchitects.com.

1.3
O ABRIGO HOJE - BREVE REFERÊNCIA À SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Enquanto o neo-nómada transita de local em local, vai sempre em busca desta relação com as suas raízes. Por isso se torna tão importante a criação de um abrigo para os novos nómadas, simultaneamente prático e confortável, que lhes inspire familiaridade, afeição e apego, sentimentos tão próprios da nossa cultura ocidental.

O abrigo de hoje, diz respeito à relação do ser humano com as suas raízes, ao conforto que associamos ao ventre materno, com o interior de conforto e bem-estar aliado à noção de refúgio. É a casa construída para o corpo, de Michelet. O símbolo do recetáculo por excelência. É o lugar interior, definido topologicamente como a caixa. Esta, guarda algo no seu seio, dando-lhe um mundo construído adequado, atributo extensível à condição humana de habitar (Pinto, 2007). O «onde» no seu sentido topológico e aristotélico, distingue a caixa útil[14] enquanto lugar transportável; da caixa arquitetónica[15] – que elege um local em específico, ajudando a caracterizar o seu Genius Loci[16]. (Aristóteles em Pinto, 2007, p.31).

Existem algumas disparidades entre o abrigo de outrora – a caverna, forma primária de habitação, abrigo elementar e precário, que favorecia a segurança, em prol do conforto - e o abrigo da atualidade – que faz uso de métodos cada vez mais refinados para a projetação do espaço fechado que o cerca, dando-lhe forma gradualmente, relacionando o meio que o circunda, numa palavra, sendo arquiteto. (Rasmussen,2007). A noção de abrigo da atualidade vê o conforto na casca que envolve o corpo, protegendo-o das agressões exteriores – a agressividade do meio urbano em que normalmente se insere.

O que os une são fatores como a segurança e a intimidade para o seu utilizador, no fundo o retorno à primitividade de refúgio. Mas enquanto este abrigo, originalmente um recetáculo, lugar interior, possuiu outrora a segurança como fator preponderante e decisivo para o bemestar do seu utilizador, hoje esta condição é tomada como adquirida, sendo dado mais protagonismo à comodidade do recetáculo, lugar interior, exponente máximo do conforto, como se do ventre materno se tratasse.

[14] A caixa — útil é móvel e contingente, pode mudar-se de lugar «como um lugar transportável», pertencente a um lugar fixo, entendendo por lugar de uma coisa, «o primeiro lugar imóvel do que a contêm», segundo Aristóteles.

[15] A caixa arquitetónica, identifica-se com a eleição de um lugar especifico, num dado território, atuando sobre ele e do qual faz parte integrante, ajudando a caracterizar o seu próprio Genius Loci (Aristóteles em Pinto, 2007, p.31).

[16] Por este se entende, o espírito do lugar. Esta expressão, atualmente muito usada por arquitetos, projetistas e afins, tem uma conotação ambígua e estranha e perdeu o seu significado clássico; não de lugar em si, mas de guardião desse mesmo lugar.

A versão atual descreve o ambiente de um lugar, a qualidade da sua atmosfera, porque se reconhece que certos locais têm uma atração que nos dão uma indefinível sensação de bem-estar, como “espírito do lugar” ou Genius Loci (Norberg-Schulz, 1980).

Christian Norberg-Schulz, teórico-chave do Genius Loci, utiliza um conceito de paisagem urbana para o designar. Ele vê o perfil da cidade e a silhueta dos edifícios urbanos expandida horizontalmente como chave para a imagem de um lugar, e promove a forma tradicional das cidades e dos edifícios como a base para a sua compreensão mais profunda e simbólica, explorando o caráter de lugares no terreno e seus significados para pessoas. No seu livro de 1980 Genius Loci é descrito como a representação do sentido/da perceção que as pessoas têm de um lugar, entendido como a soma de todos os valores físicos, mas também simbólicos, da natureza e do meio ambiente humano (Norberg-Schulz, 1980).

1.3.1 DA ORIGEM DO ABRIGO AO ABANDONO DA CAVERNA

"Quando no princípio da História da Humanidade e da Arquitetura, Adão foi expulso do Paraíso e precisou de procurar abrigo para si e para Eva, teve duas possibilidades: refugiar-se numa caverna com os animais ou, mais tarde, criar com as suas próprias mãos uma cabana" *(Campos Baeza, 2011. P. 49)*. A primeira prendia-o a um lugar, enquanto a segunda iria permitir-lhe maior mobilidade e, portanto, maior liberdade (Campo Baeza, 2011).

Surgiu depois o momento em que o homem sai da caverna para conceber a ideia de habitação, toda construída e controlada por si, procurando um sítio plano. Trata-o e marca-o da mesma forma que os animais o fazem, mas com geometria. De seguida cobre-o e circunda-o (Campo Baeza, 2011). "No fundo, procura um plano capaz de ser trasladado, adquirindo a liberdade da escolha do local: a casa nómada" (Campo Baeza, 2011, p.19).

Aqui surge a cabana, que levou o homem a conceber o tectónico. Ao aprender as leis da gravidade, inconscientemente aplicou-as na construção da sua cabana.

Imagem 30
Yurt (tenda da Ásia Central)
Fotografia de Knarley Oak, in Flickr.com

Imagens 31 e 32
Tuaregues
Fotografia de Mic. in Flickr.com

E embora fosse apenas para refúgio e defesa, o homem nómada[17] passou a poder, com mais liberdade do que acontecia com a caverna, eleger o sítio e decidir o local e a forma da sua habitação. E a capacidade e liberdade de criação, que na caverna apenas se revelava através da pintura, começa agora a revelar uma arquitetura primitiva. "O homem pôde, então, decidir onde se fixar e a forma de arquitetura que mais lhe convinha" (Campo Baeza, 2011, p. 59, tradução livre). Esta foi a primeira habitação nómada contemporânea, representada no nosso imaginário pelo *Tipi* nativo americano e pelo *Yurt* da Ásia Central, ideais para este estilo de vida nómada (Nappo & Varelli, 2009).



Um exemplo, de povo e vivência nómada do deserto do Sahara, há muito conhecido como viajante, comerciante e guerreiro é o povo Tuaregue[18], ou homens azuis do deserto.





[17] Este vagueia, não enquanto indivíduo, mas como um coletivo de pessoas em trânsito, que buscam recursos, adaptados às circunstâncias em que vivem. Estes recursos são normalmente a criação de gado, atividade essencial para a sua subsistência. Segundo Gunther Schlee, pesquisador alemão de renome, na Somália a maioria da população vive desse tipo de economia. Estima que existam ainda cerca de 40 milhões de criadores de gado nómadas no mundo. Mas esta forma de vida está agora vulnerável a doenças provocadas por alterações climáticas, estando em risco de se perder este meio de subsistência. Este fenómeno de nomadismo persiste há séculos nas regiões etíopes de Borana e Somali, no Níger, na Mauritânia, no Quénia e no Sudão, onde ainda hoje se leva o gado de uma pastagem para a outra, adaptando a forma de viver às mudanças de estação, como às variações entre abundância e escassez. Atualmente o maior problema que estes povos enfrentam é a redução da área de pastagem e as políticas fomentadoras das economias sedentárias, para além de existirem ainda conflitos entre agricultores sedentários e pastores nómadas, conflitos tão antigos quanto a humanidade (Schlee, 2011).

[18] As caravanas de camelos dos Tuaregues surgiram primeiramente em comércio trans-saariano nos meados do século XX, altura em que surgiram os primeiros comboios e camiões na Europa. A história dos tuaregues teve início no Norte de África, onde nos últimos 2000 anos, gradualmente muitos grupos se foram movendo para Sul, em busca de terras mais prósperas. Hoje, muitos Tuaregues vivem em comunidades sedentárias nas cidades fronteiriças do Sahara, que um dia fora o grande centro do comércio da África Ocidental. Muitos tuaregues acabaram por se estabelecer como mercadores locais, nas comunidades com as quais negociavam artigos de luxo, devido à falta de espaço nas suas caravanas, criando uma dependência económica mútua entre nómadas e agricultores. O processo de modernização forçou muitas pessoas a mudarem-se para as cidades, desistindo do seu modo de vida nómada. Atualmente os grupos sedentários de tuaregues exercem a sua atividade servindo um único chefe, localmente designado, que por sua vez responde perante o nobre que tem a aldeia sob seu próprio domínio.





PÁGS. 44 E 45
Imagem 33
Tippi (tenda nativo americana).
Fotografia de Knarley Oak, in Flickr.com

AQUI
Imagem 34
A carroça cigana
Verdine, in www.Unesco.com

[19] Os ciganos, originários do subcontinente indiano, são uma raça nómada que começou o seu movimento migratório por volta do ano 1000. Enquanto grupo minoritário, sofreram ao longo da história grandes perseguições, e no séc. XX muitos deles acabaram por se estabelecer, apesar de a maioria permanecer em constante movimento. Numa época em que os povos europeus abandonaram o nomadismo e em que os transportes e comunicações eram, ainda, muito primitivos, a chegada de pequenos grupos nómadas como estes a uma localidade despertava sempre curiosidade e intriga. Atualmente existem cerca de oito milhões de ciganos espalhados pelo mundo, encontram-se em maior número na Europa, principalmente Europa Oriental, Norte de África, Egipto, Argélia e Sudão. São ainda encontrados no Canadá e Brasil, bem como na nova Zelândia e Austrália. Há ainda registo da existência de pequenos grupos na China, Filipinas, India ocidental e Havai. Embora muitos deles já estejam definitivamente instalados e aculturados por força das circunstâncias, mesmo estes não conseguem contrariar a natureza que melhor os identifica, o nomadismo. Foi esta característica inata que levou à sua dispersão pelo mundo (Ivatts,1975).

A carroça cigana – a verdine - é um dos seus alojamentos tradicionais, que alberga a família juntamente com todos os seus objetos de uso. Por volta de 1975, na Europa ocidental, a verdine, tradicionalmente puxada por cavalos, foi substituída pela camioneta, permanecendo o estilo de vida deste povo. Estes nómadas vivem em acampamentos temporários, não autorizados, onde, inevitavelmente faltam condições, como serviços sanitários e abastecimento de água.

Um outro exemplo de nomadismo que perdura até à atualidade, tendo vindo a readaptar-se à evolução dos tempos, é o caso dos ciganos[19].

O abrigo surgiu inicialmente sob a forma da caverna, o refúgio por excelência. Mas o homem sentiu a necessidade de se tornar um viajante, transeunte, em busca de recursos que garantissem a sua sobrevivência, e as formas de habitar foram evoluindo para a tenda, que criada há 2000 anos, se revelou o primeiro exemplo de habitação nómada contemporânea. Enquanto abrigo móvel, era fácil de erguer e desmontar, e principalmente de fácil transporte, facilitando o acompanhamento das migrações de animais (Nappo & Varelli, 2009). A tenda, sendo uma espécie de cobertura, de proteção insuflada pelo vento, enquanto abrigo, procura opor-se ao vento. Se penetrarmos no seu interior, damo-nos conta de que existem inúmeras variantes do tema tenda. E a tela que a constitui (o tecido), é nada mais, nada menos, que uma parede de vento. (Flusser 2010).

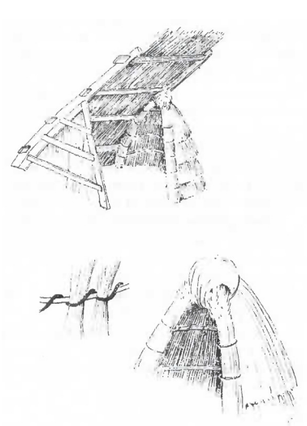
Imagem 35
Carroça Americana.
Fotografia de Thomas Oliver in Flickr.com

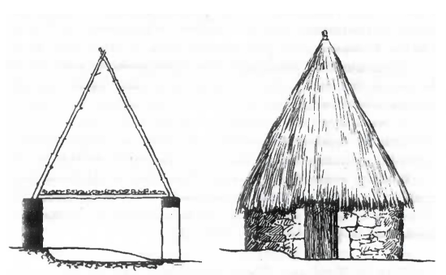
Imagens 36, 37 e 38
Ilustrações de Ernesto Veiga de Oliveira, in Construções Primitivas em Portugal
· Exemplo de choço em Portugal.
· Exemplo de cabana em Portugal.
· Exemplo de abrigo móvel em Portugal.

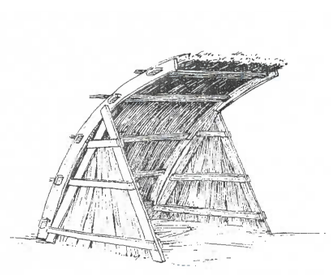
Da mesma forma que os abrigos, funcionavam como uma pele, um invólucro protetor do Homem, também as casas sobre rodas (que se seguiram) pretendiam ser um prolongamento físico do corpo humano. Estas, foram criadas como tecnologias para suplantar inadequações do próprio corpo (Schwartz-Clauss & Vegesack, 2002).

Depois de abandonada a caverna como abrigo[20], surgem os primeiros movimentos nómadas, as migrações com os primeiros veículos, como os vagões de madeira americanos ou as carroças, que funcionavam, simultaneamente como meio de transporte e como abrigo, alojamento por vezes até de uma família inteira juntamente com todos os seus bens.









[20] No caso do "nomadismo em Portugal", sobressaem as estruturas de apoio ao pastoreio (Veiga de Oliveira, 1992), associadas ao conceito de construção primitiva em Portugal. Nos primórdios da civilização humana, todas as formas habitacionais se resumiam a simples abrigos que, segundo este autor, podem ser qualificados de naturais e seminaturais, ou artificiais; fixos ou móveis (Veiga de Oliveira, 1992). Estes refúgios, ou abrigos naturais, apresentam-se de diferentes formas, conforme os recursos e condições ambientais, e existem onde a natureza os cria (Veiga de Oliveira, 1992).

Os abrigos mais elementares, formas primárias da vivenda humana, eram locais de habitação normal, permanente ou estacional, e as únicas formas habitacionais que se conheciam. Hoje, como último reflexo deste passado seminómada subsistem abrigos temporários ou mesmo apenas ocasionais, utilizados pela atividade do pastoreio e da guarda dos campos. Ou as casas dos primórdios do povoamento do litoral deserto e inacessível, construídas com materiais vegetais, por e para os pescadores (Veiga de Oliveira, 1992). Atualmente, estes engenhosos processos construtivos, correm o risco de desaparecer com a uniformização de construção e materiais e com a facilidade dos transportes (Veiga de Oliveira, 1992).

Em algumas zonas do país, subsistem as vigias de rebanhos coletivos. Estas vigias ou vezeiras, recolhem ao final do dia às aldeias ou, em casos de maiores distância, aos abrigos, onde pernoitam. Ali, os rebanhos vêm de longe, numa derradeira sobrevivência de transumância. Ao lado destas cercas, os pastores instalam os abrigos onde dormem, minimamente protegidos das intempéries. Estes também são móveis, para acompanharem as deslocações das cercas e dos rebanhos. Transportadas pelo próprio pastor, ou por carros de bois ou animais, juntamente com as cancelas, o abrigo pode ainda ser construído mesmo sobre os carros (Veiga de Oliveira, 1992).

1.3.2
DO SEDENTARISMO AO RETORNO À MOBILIDADE COM A CAPSULA

Por último, depois da tenda, chega a casa, transformando em habitação este sentido de refúgio e de defesa (Campo Baeza, 2011). Aqui o ser humano fixou-se, sedentarizou-se.

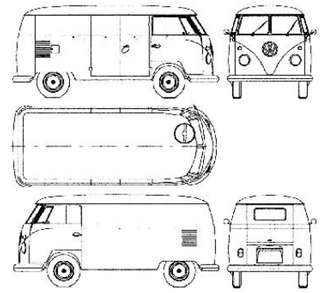
A casa, tal como a caverna, da qual deriva, é um recesso obscuro, um lugar secreto do coração. A tenda, tal como um ninho numa árvore, do qual descende, é um lugar de reunião, de calmaria. Na casa, as coisas são possuídas, na tenda são experimentadas, as experiências colecionadas, podendo ser incrivelmente diversificadas (Flusser, 2010). Este lugar secreto do coração, ligava-se ao conceito de lugar imutável, inalienável, abrigo profundo e sagrado. Este lugar - refúgio, era o templo sagrado da nossa existência, onde formávamos as nossas primeiras memórias, onde vivíamos toda uma vida. Nessa época, não sentíamos ainda grande necessidade de desconexão destes espaços de memória (Cauquelin em Fernandes, 2011). Em suma, era o abrigo símbolo fenomenológico interior da "redondez do ser" (Pinto, 2007).

Imagens 39 e 40
Volkswagen Westfalia,anos 60
fotografia de Yeti photography UK

A arquitetura passou a eleger o Homem como bitola. A sua relação com as suas medidas universais, com o espaço, e as formas que o compõem, é uma relação de medida das coisas (Campo Baeza, 2011). Por sua vez, a miniatura resiste às transposições de escala, exaltando a «dialética do exterior e interior», a transição, que relaciona o ser humano com o universo, a casa e a caixa[21] (Pinto, 2007, p.35).

Eis que a estandardização assumia uma dinâmica na sociedade que se tornava na chave da velocidade, da economia e da flexibilidade (Manzini, 1993 em Albuquerque, 2001). Esta primeira casa pré-fabricada começou por ser uma experiência, uma habitação temporária construída com materiais escolhidos indiscriminadamente, para conseguir um habitar espartano (Nappo & Varelli, 2009, p.22).

Caixa e casa mimetizam-se ao nível da imagem, contagiando-se mutuamente. Ao manter a forma da casa, reduzindo a sua escala, obtém-se um objeto móvel, como uma caixa que acolhe e protege (Pinto, 2007).



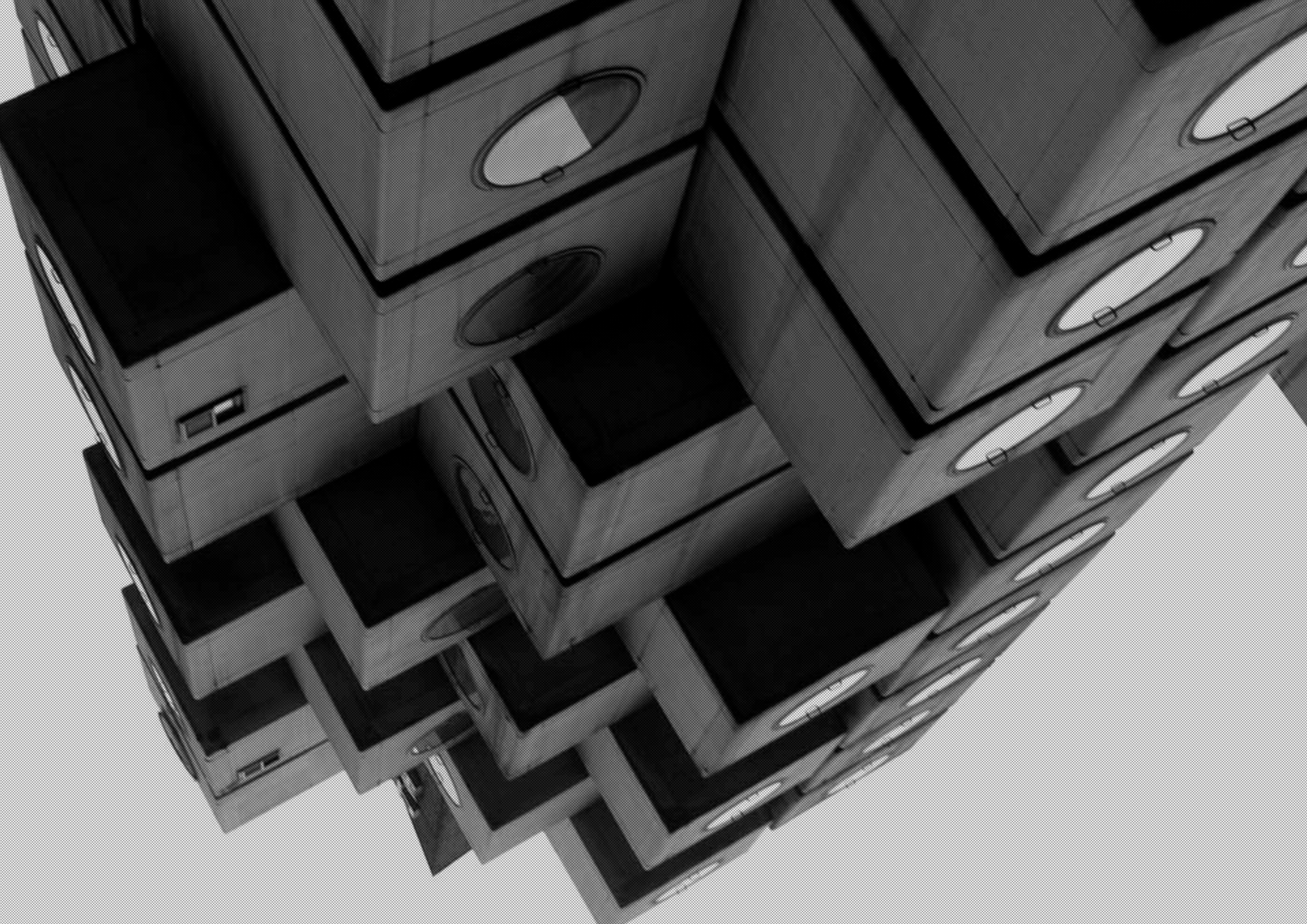
O desenvolvimento do pós-guerra foi decisivo para o surgimento das mais variadas experiências de habitats móveis e economicamente rentáveis. Surgem as autocaravanas e roulottes, como fenómeno de enorme popularidade com inúmeras formas e variantes.

A sua principal característica era o baixo custo e durabilidade. Estas tipologias não eram especificamente pensadas para servir de residência mas para viajar com relativo conforto (Goran, 2005, tradução livre em Albuquerque, 2011). A Era da habitação móvel, foi definida por uma série de projetos como as Mobile Homes, do designer William Bushnell Stout, mais tarde a Volkswagen Transporter – Westfalia, que inicialmente não foram aceites como mais que um atrelado, mas com o tempo acabaram por vingar na sociedade dos anos 60.



[21] A caixa, mantendo o valor reminiscente do seu significado inicial, de casa, algo que pragmaticamente já não é, permanece na expressão diminutiva, sob o sentido de micro–arquitetura; noutros tempos designados pelas caixas de joias de ourivesaria medieval, que não tinham na sua época equivalência arquitetónica a estas propostas utópicas de total fluidez espacial (Pinto, 2007, p.38)

A casa é, de todos, o mais universal dos espaços. Assim, seguindo o princípio de definição de três tipologias de casas distintas em três categorias, a casa cubo, a casa fachada entre paredes e a casa sobre pódio, respetivamente "cubo", o "hortus conclusus" e "belvedere" Campos Baeza. A micro-arquitetura que pretendemos desenvolver deve ser incluída na categoria de casa cubo, das três tipologias escritas por Campos Baeza no seu livro "pensar com as mãos". Uma lógica rígida produz um mundo em que as coisas grandes, pesadas e lentas, possuindo padrões de frequência baixa, formam um cenário de fundo para as coisas pequenas e rápidas. Quando algo quebra esta lógica, como o elegante hipopótamo dançante em "Fantasia", isso capta a nossa atenção (Mitchell, 2008).



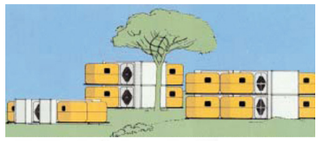
PÁGS. 50 E 51
Imagem 41
Torre Nakagin, 1972, Kisho Kurokawa,
Fotografia in .archdaily.com.

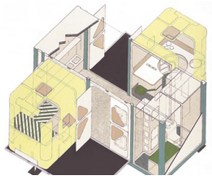
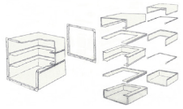
AQUI
Imagens 42, 43, 44 e 45
Unitá Abitativa démergenza FIAT,
Designer e Arquiteto Marco Zanuso e
Richard Sapper, 1964.
Fotografia de Susan Myer, in Flickr.com.

Imagens 46 e 47
Torre Nakagin, 1972, Kisho Kurokawa,
Fotografia in .archdaily.com.

À semelhança dos abrigos de guerra, mais tarde, foram também desenvolvidas unidades de emergência, com conceitos de módulos móveis, prefabricados, prontos para usar em cenários de catástrofe. Como é exemplo a Unitá de emergenza Fiat, de Marco Zanuso.





Assim depois do sedentarismo, dá-se um retorno à mobilidade. Primeiro com as casas sobre rodas e finalmente é chegada a Era da tenda dos tempos modernos – a cápsula.

A cápsula é a representação por excelência do novo abrigo que envolve o corpo e o espaço mínimo. A vida contemporânea e a própria forma de estar da sociedade moderna, leva a este retorno ao nomadismo, agora de forma adaptada aos novos pressupostos de vivência contemporâneos.

Nos anos 70, sob a influência da Era espacial, dá-se o salto final na inovação da conceção da habitação, com o surgimento do conceito de "Arquitetura da Cápsula" pelas mãos de Kisho Kurokawa[22]. Assim surgem os espaços mínimos de conforto. A torre Nakagin[23], projetada em 1972 por Kisho Kurokawa, é o protótipo por excelência da arquitetura sustentável da época, que foca a reciclagem destinada a resolver o problema residencial nas megacidades japonesas através da prefabricação. (Braga, 2010).





Com estas novas formas de habitar, perde-se o sentido de lugar imutável de vivência permanente, para dar lugar ao viver transitório introduzido por Freud[24], mais móvel que nunca.

É a ideia da casa às costas, a casa temporária, efémera no tempo. A casa cápsula transportável como se de um objeto se tratasse. São estruturas temporárias denominadas por arquiteturas móveis, que respondem melhor ao nosso desejo de mobilidade. Adquirimos, portanto, um novo senso comum da noção de lugar, natureza, e mudanças sociais. Benvindo ao novo e itinerante aspeto do design (Stewart, 2008).

Estas passam agora de lugar como templo sagrado da nossa existência, a para site[25], uma arquitetura parasita, que ao promover a retenção do espaço[26], ao difundir o uso futuro e transitório do lugar/espaço, torna-o o local de instalação, um espaço para eventos experimentais na cidade e expõe o seu carácter transitório (do lugar), como uma característica de projeto. O edifício e consequentemente o local respondem a um ciclo em constante mudança dentro da própria cidade (Kronenburg, 2003).

O ideal efémero que vigorava nos anos 60 e 70, assim como o aparecimento de novos materiais (nomeadamente os polímeros), propiciou o aparecimento de novos conceitos de habitats móveis. Surgem os primeiros insufláveis, que vierem subverter os valores de portatibilidade e de performatividade[27] da época (Lupton, 2002, em Albuquerque, 2011). Estas eram estruturas flexíveis e orgânicas, que usavam o ar como material construtivo, permitindo uma grande diversidade de projetos, contrariando o rigor formal assemblado à estrutura de outrora. "Estes novos princípios (influenciados claramente por uma era espacial que começava agora a dar os seus primeiros passos) começaram a ser difundidos por um conjunto de áreas diferentes, procurando materializar algum tipo de espaço, ambiente ou objeto que partia sempre de uma efemeridade que começava a assumir a sua força" (Albuquerque, 2011, p.20).

[22] Este arquiteto japonês, trouxe a total flexibilidade aos componentes prefabricados, associando ao sentido de transitoriedade e mobilidade, uma maior transportatibilidade dadas as áreas reduzidas deste tipo de arquiteturas.

[23] Este projeto, com a sua estrutura em betão, é constituído por cerca de cento e quarenta células pré-fabricadas, em que cada uma delas comporta no seu interior um pequeno espaço doméstico. A manutenção e substituição de cada célula são facilitadas pela técnica construtiva utilizada. Nestas pequenas cápsulas podemos encontrar diferentes zonas e equipamentos. Zonas diferenciadas de estar, trabalhar, dormir, descansar, casa de banho e os mais variados equipamentos O quarto possui apenas uma janela, com vista para a cidade) No piso térreo, localizam-se as zonas de dimensão normal de trabalho e as zonas comuns, incluindo escritórios e salas de reunião com uma organização super compactada; pensada para o público que este projeto abrange, os homens de negócios (Braga, 2010). Este é um exemplo importante no contexto do espaço mínimo de habitação prefabricada, mas não conseguiu cumprir o seu objetivo original, de produção em massa de habitações a baixo-custo para satisfazer as necessidades de alojamento da época (Braga, 2010).

[24] Freud introduz a questão do valor do transitório. Para ele, a transitoriedade implica não uma perda, mas um aumento do valor do objeto em questão, pois a limitação da possibilidade de uma fruição elevaria o valor da mesma. Assim, o pensador conclui que " o valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo." (Freud, 1915, p.345). Podemos dizer que, a escassez introduzida no tempo produz um valor, ou seja, a limitação do tempo confere valor aos objetos. Logo, o valor das coisas não depende da sua duração absoluta, mas da significação que elas virão a adquirir para alguém, em determinado momento da sua vida. (Freud, 1915).

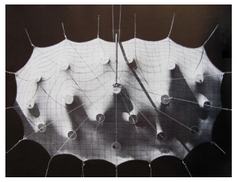
[25] Originário do grego Para – (contra, ao lado, perto) indica um senso de tempo ou extensão de espaço, Para – neste contexto é usado para significar uma estrutura temporária ou transitória – uma espécie de ponte, uma experiência de alguma duração dentro de uma extensão de espaço. Então, um para – site é, essencialmente, um espaço que é tido para uso transeunte (ou reuso) pelo uso de gestos formais com obsolescência embutida (Kronenburg, 2003).

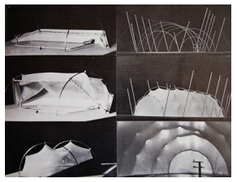
[26] Alguns arquitetos estão já a considerar locais no centro das cidades para funções transitórias. Esta abordagem mantém a ideia de localização de edifícios como contexto, consequentemente denominado como para – site, ou parasita, neste caso, referindo-se a uma diferença concetual na abordagem ao uso do espaço.

[27] Inicialmente, a pele e o esqueleto que a sustenta, confundiam-se (algo que ambicionava a perenidade e a funcionalidade máxima). Posteriormente esta desprendeu-se da sua estrutura assumindo uma dimensão mais flexível (enfatizando a performatividade como valor máximo), evoluindo por fim para uma total automação inter-relacional e espumosa (Thackara, 2006, p. 97, tradução livre em Albuquerque, 2011).

Imagens 48, 49 e 50
Structures. Frei Otto.
Fotografia de Bollops in Flickr.com.

Imagens 51, 52, 53 e 54
Cushicle do grupo Archigram, 1966.
Fotografia in Archigram.net





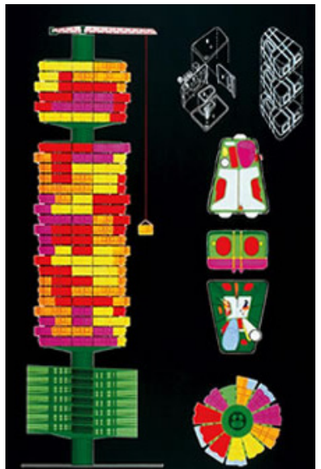


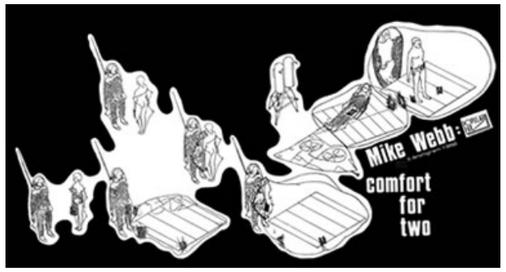
Na segunda metade do séc. XX, o futurista valor simbólico do conforto passou a ser assumido como a possibilidade da manutenção do clima a uma temperatura constante. Assim se propõe a reinvenção do clima[28], com a criação de ambientes interiores artificiais, os herméticos imoveis futuristas aleados a promissoras condições de regeneração higiénica, como uma primeira visão de edifícios performances do início do séc. XX (Rouillard, 2004).

Esta tendência refletiu-se nas mais variadas escalas desde projetos como o *Cushicle* (1966) de Mike Webb (um pequeno fato ambiente portátil, individual e que permitia ao indivíduo viajar para qualquer sítio com todo o tipo de conforto); passando pelas Bubble Trees[29] de Stephane Dumas, concebida para aproximar o homem da natureza, proporcionando ao usuário uma visão panorâmica do ambiente sem que, para isso, seja necessário abrir mão do conforto.









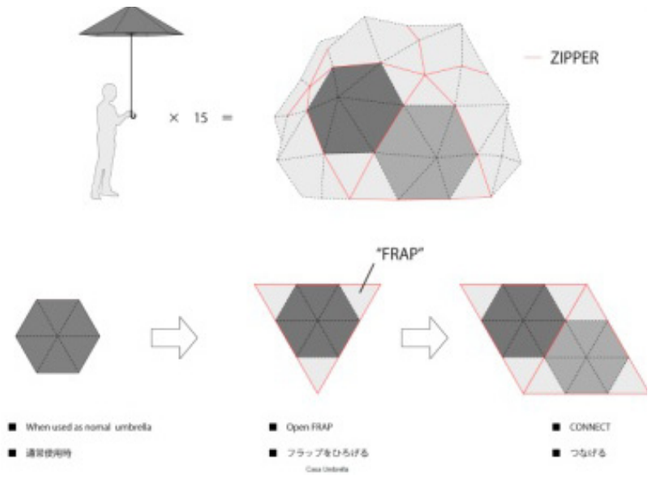
[28] A variabilidade do clima interior dos edifícios – temperatura, sensação – era assegurada pela sua arquitetura, permitindo ao utilizador mudar de ares sem se deslocar, encarnando a personagem de metropolitano sedentário que recebe tudo o que necessita sem sair da sua casa. Relativamente a este tema sobressai o trabalho de pesquisa de Le Courbusier sobre o edifício que "respira corretamente". A reconstituição destes ambientes artificiais desenvolve-se à escala do território. Esta mega estrutura protege a cidade e a geografia das agressões exteriores, graças à sua gigantesca estrutura, criando o seu próprio clima interior. Este raciocínio faz a escolha entre o "ar" e o "espaço", da mesma forma que Fuller e Frei Otto que estudaram esta problemática arquitetural: o espaço em oposição interior/ exterior e privado/ público, expondo o indivíduo ao clima exterior. Fuller traz às megaestruturas, a elaboração dos que participam a passagem do espaço "arquitetural" ao "ar". Esta troca é percetível através da escala dos seus projetos: as casas são objetos mecânicos que produzem um ambiente climatizado, enquanto nos Domus (sendo mais vastos), o ambiente transforma-se em enquadramento (Rouillard, 2004).

[29] Apelidada de Christal Bubble; o projeto concebido pelo designer francês Pierre Dumas- fundador da empresa bubble tree; bubble room; bubble lodge; faz parte de uma série de abrigos temporários lançados pela marca, (como anteriormente as casas casulo na árvore). A transparente e inflável Cristal Bubble está disponível em modelos e tamanhos variados, as bolhas transparentes podem vir com todo o mobiliário e eletricidade. Os modelos mais luxuosos são compostos, ainda, por suites extra. As Bubble seguem princípios ecológicos e possuem filtros UV. Podem ser completamente transparentes ou apenas com o teto panorâmico, favorecendo a privacidade. Destinados principalmente ao ecoturismo nos campos franceses, as bolhas cruzaram fronteiras e popularizaram-se por toda a Europa, podendo ser alugadas por noite ou para eventos urbanos ao ar livre (www.bubbletree.fr, Pierre Stephane Dumas, 2013).





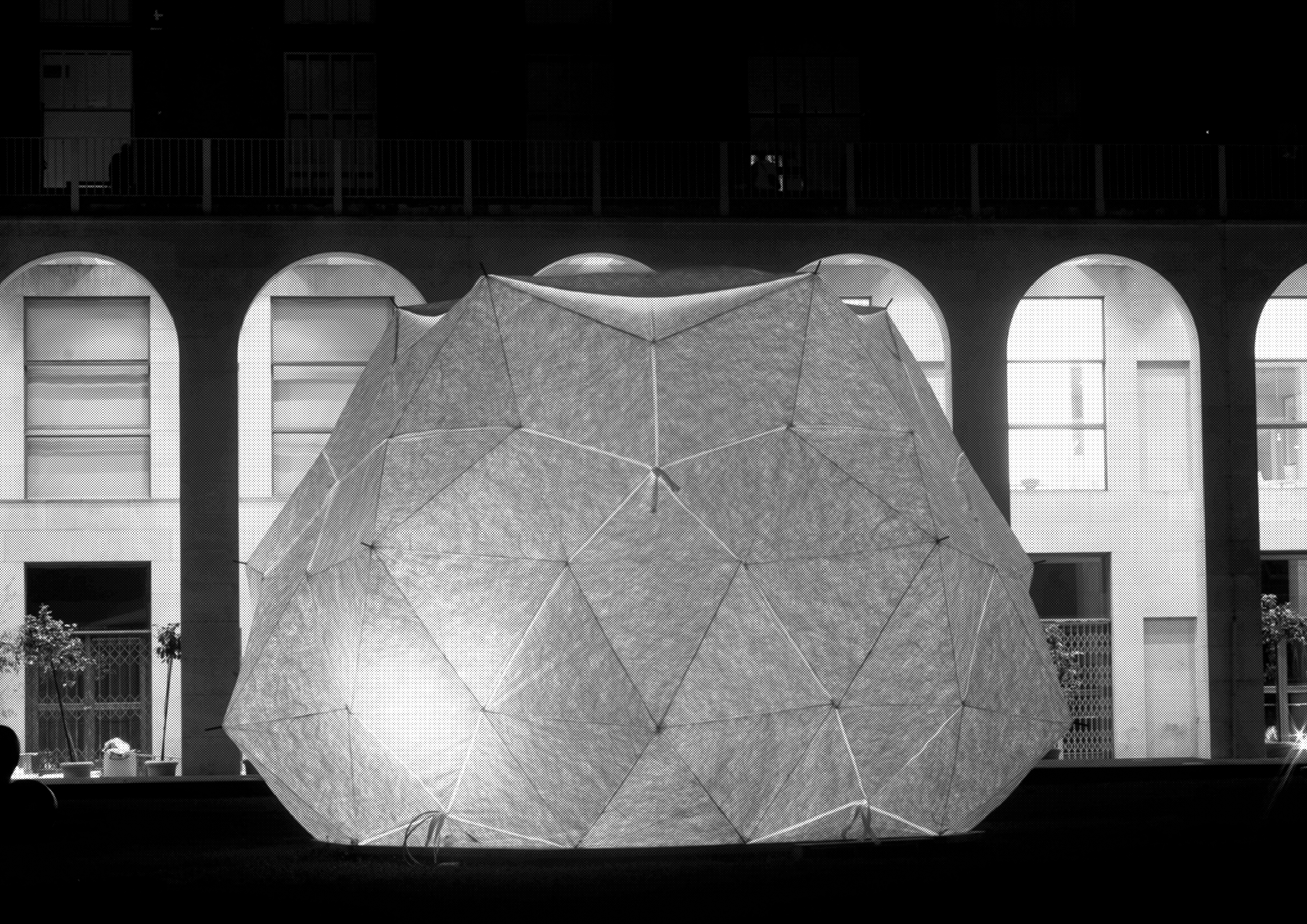
O projeto Umbrella House[30], de Kengo Kuma, foi concebido com a finalidade de obter um novo tipo de "casa temporária", para a Trienal de Milão de 2008, abordando o tema – "Casa Per Tutti"; enquanto abrigo emergencial ou abrigo temporário. Primando pela facilidade de construção, com o recurso a materiais fáceis de adquirir; o produto selecionado para este efeito – um guarda-chuva, foi desenvolvido e melhorado para ser leve, de fácil transporte e dobragem e, efetivamente, impermeável. Assim a ideia foi de conceber um produto novo, um novo tipo de arquitetura, erguendo-a numa terceira dimensão. Este abrigo é também dimensionável, e tanto pode ser um abrigo de chuva como uma pequena árvore. Este torna-se assim uma casa temporária dos novos tempos (Kuma, 2008).



Imagens 55 e 56
Gama Cristal Bubble - Bubble Tree.
Fotografia in Bubbletree.fr.

Imagem 57
Umbrella House. Kengo Kuma Associates.
Trienal de Milão 2008.
Fotografia in Dezeen.com.

[30] Esta Umbrella House, é composta por um icosaedro de triângulos regular, substituído por um guarda-chuva. Este é usado como esqueleto estrutural e cada detalhe seu é adaptável a um guarda-chuva comum. O detalhe de conexão entre as diferentes peças que o constituem é feito por fechos zipper de fatos de mergulho, logo, impermeáveis, permitindo assim a cada peça desprender-se da estrutura inicial, abrindo janelas nela estrutura, onde se desejar. O material é um tecido de poliéster totalmente impermeável, fácil de costurar. Este abrigo é também dimensionável, e tanto pode ser um abrigo de chuva como uma pequena árvore. Este torna-se assim uma casa temporária dos novos tempos.



As casas de chá de Kengo Kuma, são um interessante exemplo de arquitetura insuflável. No seu entender estes locais deviam contemplar um espaço macio e flexível, uma antítese da rigorosa e rígida sociedade japonesa. Aqui a ideia passou por conceber espaços com materiais semelhantes a membranas, peles artificiais como malhas de poliéster. Uma destas salas de chá, a T-room, adquire uma forma esponjosa e suave, como um organismo vivo, através da libertação de ar que insufla esta pele artificial. O objetivo deste projeto é o de contrariar a rigidez da arquitetura (e da sociedade) e atribuir-lhe a flexibilidade essencial dos organismos vivos (Kuma, 2008).





PÁGS. 56 E 57
Imagem 58
Umbrella House. Kengo Kuma Associates.
Trienal de Milão 2008.
Fotografia in Dezeen.com.

AQUI
Imagens 59 e 60
T - Room, Alternative paradise, Kengo Kuma Associates.
Fotografia de Nilson Taninaga,
in Flickr.com.

Concebido como um novo estilo de arquitetura, mais dinâmico, o projeto de 2007, de Kengo Kuma – Tee Haus – uma casa de chá para a Frankfurt, foi apelidado de "Arquitetura respiração". Tecnicamente foi usada uma membrana de um novo material – Tenara, ligada por uma cadeia de poliéster. Ao contrário dos materiais convencionais de fibra de vidro, a Tenara é leve e macio e quase totalmente transparente. Esta membrana expande-se e contrai-se quase como o movimento respiratório. Equipada com tatamis no seu interior representa metaforicamente a cerimónia do chá. As salas do chá surgiram primeiramente de espaços temporários apelidados de Kakoi. Esta arquitetura respirante é uma tentativa de se aproximar da original sala de chá, mas opõe-se às arquiteturas rígidas do séc. XX (Kuma, 2008).



Neste sentido, passou a ser possível criar unidades espaciais móveis em pequenos espaços, insuflá-las rapidamente criando ema situação habitável instantaneamente. Os insufláveis passaram a permitir fazer arquiteturas não permanentes onde a estabilidade se equaciona de forma diferente[31]. Esta tipologia de espaços começa a direcionar-se no sentido dos sonhos do nomadismo individual.



Imagens 61 e 62
Enchouse in Museum fur Angewandte Kunst 04, Kengo Kuma, Frankfurt 2007.
Fotografia de Archi Daisuki, in Flickr.com.

[31] Devido às características físicas destas estruturas, ao seu baixo custo económico e a sua fácil e rápida remoção e transporte, estes tornaram-se uma referência para acontecimentos efémeros de índole diversa.

1.4
O HOTEL E O NOMADISMO

1.4.1
BREVE INTRODUÇÃO HISTÓRICA SOBRE O HOTEL

Na civilização ocidental, a Idade de Ouro dos hotéis começa no séc. XIX e vem até à primeira Guerra Mundial, até à Belle Époque (Seta,2000).



Imagem 63
Cartaz de Tolouse Lautrec - Moulin Rouge. Fotografia de comicsman, in Flickr.com.

Os hotéis vieram substituir as pousadas que eram edifícios espalhados ao longo do complexo e muito extenso, sistema viário do império romano (Seta,2000). As primeiras formas de hotelaria, ter-se-ão manifestado na antiga Grécia, em que eram feitas peregrinações de caráter solene, sob a proteção do Deus Dionísio, que se faziam no fim do Outono a Elêusis, ao santuário de Deméter.

Entre 1600 e 1840, com o desenvolvimento do tráfego ferroviário em grande escala, nasce na Europa o conceito do *Grand Tour*,[32] associado a uma viagem tradicionalmente feita pela Europa, por jovens aristocratas britânicos. Com um itinerário predefinido que incluía Itália (particularmente Roma, berço da civilização ocidental, com um forte legado cultural da Antiguidade Clássica e Renascimento), e França (pela sua riqueza cultural e artística), bem como restantes países Europeus (Seta, 2000).

Entretanto, no séc. XIX surge o turismo como atividade organizada. Foi em Inglaterra em 1941 que surgiu o primeiro negócio relacionado com o turismo, e com a organização de viagens. Por essa altura a cordilheira dos Alpes é atravessada por túneis e o velho continente cruzado por ferrovias pelo que viajar pela Europa não é mais uma aventura e fica ao alcance do interesse da aristocracia e alta burguesia em conhecer novas culturas, a arte, a música, a arqueologia das restantes nações europeias. Desse modo, vai crescendo a regularidade com que se fazem viagens cénicas, de desprendimento e fuga das cidades industriais insalubres para outras cidades históricas e mais agradáveis em termos de clima. Pelo que se percebe que o turismo tenha dado lugar ao surgimento de hotéis e que em conjunto, tenham mudado radicalmente a sociedade europeia. Assim, os hotéis vão sendo enriquecidos com todo o tipo de serviços para entretenimento do seu utilizador (Seta, 2000).

[32] Nessa altura, os jovens aristocratas britânicos partiam à descoberta do continente europeu, usando o meio de transporte terrestre de longo alcance existente à época, a ferrovia, levando como destino o berço da civilização ocidental, Itália, e todo o seu vastíssimo património cultural deixado pela Antiguidade Clássica e Renascimento. Percorriam, também, a "cidade das luzes"- Paris, e todo o legado cultural francês, e ainda o império Austro-Húngaro e a riqueza da sua História e cultura, bem como os restantes países da Europa (Gross, 2008).

Estas viagens de longo curso pelo velho continente foram-se tornando moda, entre os membros da aristocracia europeia, principalmente a Inglesa, cujo parentesco com as classes dominantes dos países visitados proporcionava condições para longas estadias, durante as quais com os recursos económicos quase ilimitados de que dispunham, se iam habilitando ao domínio do uso da língua e ao aprofundamento do conhecimento e cultura, garantindo a perpetuação da supremacia da sua condição dominante. Era a hegemonia da "família aristocrata europeia" que alimentava permanentemente as "casas reais reinantes " em todos os países europeus (Gross, 2008).

Mais tarde, com a facilidade em se transpor a barreira natural transalpina dos Pirenéus, permitida pelos progressivos investimentos em acessibilidades transeuropeias, quer seja através de abertura de rodovias (estradas), quer pelo incremento dado às ferrovias (comboios), quer ainda pela vulgarização dos transportes marítimos em navios a vapor, a *Grand Tour* tornou-se acessível também à alta burguesia não só europeia como americana (Gross, 2008). Paralelamente são dados os primeiros passos na criação de infraestruturas embrionárias do que hoje conhecemos como "agências de viagens".

Este desenvolvimento industrial, a perplexidade e o choque da vida urbana levaram a este desprendimento e à fuga destas cidades industriais, criando na sociedade europeia a necessidade e o apreço pela redescoberta dos lugares abandonados pelos pais e avós, vistos como lugares de saúde e bem-estar. Os hotéis acompanham esta evolução cultural e temperamental e passam a permitir percecionar a natureza como espetáculo e como fonte de bem-estar (aparecimento dos desportos da natureza).

Já contemporaneamente, as tendências na hotelaria, apresentam-se como soluções de compromisso, como o resultado da procura de pontos de contacto entre o quarto individual e a personalidade do hóspede, entre o carácter próprio do espaço semi-doméstico e o aspeto do espaço exterior, da cidade, onde o mundo urbano acontece com toda a sua complexidade, com o seu passado, com o seu presente e com o futuro.

As tendências contemporâneas assumem com particular importância o argumento, essencialmente comercial, de que é essencial tornar o hotel atraente, não só pelos serviços que presta aos seus utilizadores e pelas comodidades que lhes proporcionam, mas para algo de mais excecional: a capacidade de permitir continuar a viajar, mesmo dentro do próprio hotel, ou até mesmo dentro do próprio quarto. A personificação destas viagens entre quatro paredes ocorre, por exemplo, em muitos hotéis citadinos, em que existe uma interpretação muito próxima do desejo de sonhar uma viagem especial, em que o espaço do hotel é transformado no percurso da Alice no País das Maravilhas, embora no final, este conceito, acabe por ser repetitivo. Posto isto, os arquitetos procuram conceber algo mais experimental, que vá de encontro com o Alice nas Cidades, evitando a monótona maravilha repetitiva, permitindo ao cliente usufruir do que de melhor, cada cidade tenha para lhe oferecer.

O sentimento contemporâneo, acabou por adotar a escolha de composição e expressão característica americana, e levou à conceção do edifício de hotel no qual a intimidade é traduzida em domesticidade. Passa a existir uma abordagem à questão da perceção, o relacionamento pessoal com a paisagem e o meio ambiente, uma personalização dos quartos.

Já em Portugal, os projetos de referência na hotelaria, são a recuperação do mosteiro de Flor de Rosa, pelo arquiteto Carrilho da Graça, convertido numa unidade hoteleira e obra arquitetónica de rara harmonia e beleza em 1995; e o mosteiro de Santa Maria do Bouro, do séc. XII convertido também numa posada em 1996 e 1997, pelo Pritzker Eduardo Souto de Moura, onde é redescoberta uma nova relação com a natureza, o bem-estar e a contemplação (Seta, 2000).





Imagem 64
Pousada Flor de Rosa, Carrilho da Graça.
Fotografia de Malcolm Bull, in Flickr.com.

Imagem 65
Pousada de Santa Maria do Bouro,
Eduardo Souto de Moura
Fotografia de António Sardinha,
in Flickr.com

1.4.2
A IDEIA DA CASA ÀS COSTAS

Na abordagem à temática do urbanismo confrontamo-nos com a arquitetura das cidades, que na perspetiva do neo-nomadismo é o contexto surgido com a evolução da sociedade e do mundo moderno, em constante movimento. (Lynn, 1997 em Kronenburg 2003, p.1). A cidade, nesta tese tomada como o centro urbano, é um artifício, é o reflexo das ações humanas e das estratégias sociais. Os padrões da cidade não se adaptam com suficiente rapidez às dinâmicas da natureza humana, daí que a estabilidade desempenhe um papel importante no ambiente urbano e, quando abordada em termos arquitetónicos, a estabilidade assuma função determinante enquanto plataforma de suporte ao movimento. Tais adaptações da paisagem urbana significam que as cidades de hoje constituem uma realidade entre permanência e transitoriedade (Kronenburg, 2003).

Nas cidades contemporâneas são frequentes as situações em que os visitantes/viajantes se deparam com imprevistos que os obrigam a pernoitar nesses mesmos meios urbanos. Não são situações confortáveis para quem fica sujeito a estas contingências, próprias da mobilidade e velocidade desenfreada da sociedade em geral e dos viajantes solitários em particular – os neo-nómadas; que ficam, assim, sujeitos à impessoalidade fria e à agressividade da cidade moderna, que não cria oportunidade para os visitantes/viajantes descansarem e relaxarem, enquanto esperam por um meio de transporte em qualquer meio de interface, onde se arriscam a ter problemas de higiene e segurança.

Assim a ideia de conceber uma infraestrutura urbana confortável para apoio imediato a estes utilizadores, torna-se muito aliciante e útil. (Archgroup, 2011).

Neste contexto a obra de Kisho Kurokawa é incontornável, quando nos anos 70 surge pelas suas mãos uma abordagem diferente à arquitetura de cápsulas, essencial para o entendimento dos espaços mínimos de habitação em hotelaria, e para se perceber o quanto a realidade urbana em que se insere um projeto desta natureza, pode pesar para o seu sucesso.

Este conceito de hotel – Capsule Hotel, surge no Japão, no final dos anos 70. Trata-se de um edifício para acomodar um grande número de pessoas, e contém quartos com as dimensões mínimas, que se repetem, exaustivamente, ao longo de extensos corredores[33]. Estes espaços, preenchidos por uma cama e pouco mais, por norma são localizados no centro das cidades, perto de meios de transporte, permitindo aos trabalhadores evitar as desgastantes viagens diárias entre a casa e o local de trabalho. Estas unidades mínimas foram a solução encontrada para fazer face ao aumento do custo dos terrenos, e associam a utilização do espaço mínimo pelos clientes, ao preço reduzido do quarto, aspeto que se torna ainda mais importante num país como o Japão, dada a sua densidade populacional. Como contrapartida pelo esforço do enclausuramento nestas cabines, os hotéis compensam os seus clientes, proporcionando-lhes espaços complementares, como saunas e restaurantes[34] (Braga, 2010).

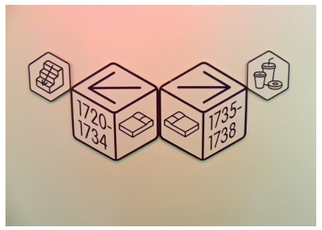
[33] *"Através da criação de espaços de identidade individual e autónoma, este edifício simboliza a existência humana, individual, em paisagem urbana. Esta é uma simbiose entre matéria e espírito "* (Kurokawa em Arief & Burkhart, 2002, p. 32, tradução livre).

[34] *"Cada um destes módulos tem 1,80m de comprimento, 0.90m de largura e 1m de altura, medidas suficientes para dormir e descansar, mas o constante contacto com os limites da cápsula complicam a realização de algumas tarefas e têm um único vão que serve de janela e entrada"* (Braga, J., p.82, 2010).

A pertinência deste exemplo está em facilmente se poder ter uma correta perceção de como um espaço pode ser reduzido ao essencial, respondendo apenas à função para a qual foi projetado: dormir ou passar a noite (Braga, 2010). Mais recentemente, também na Europa, algumas companhias aéreas na Suíça, Holanda e Inglaterra, adaptaram estes hotéis ao contexto do utilizador ocidental e europeu, que possuindo hábitos muito distintos dos japoneses, designadamente na sua atitude mais claustrofóbica, fizeram com que as cápsulas tivessem uma dimensão maior, aproximadamente de 6m², aproximando-as mais a pequenos quartos de hotel (Braga, 2010).

Esta adaptação do conceito de "arquitetura da cápsula" ao Ocidente foi explorada seguindo o mesmo princípio de áreas mínimas, como os Yotel, e as Sleepbox. Estas últimas vieram a tornar-se numa indústria, que produz vários tipos desta mesma célula adequados a diferentes ambientes. Esta ideia foi explorada por aeroportos, cadeias de hotel, entre outros espaços públicos de interface, para proporcionar aos utilizadores um espaço de apoio, de paragem pontual onde possam repousar em segurança e com todo o conforto (Guerra, D., 2009).







Imagens 66, 67 e 68
Yotel.
Fotografia de Idee per viaggiare.com in Flickr.com.

Imagens 69 e 70
Sleepbox, Fotografia in Sleepbox.com





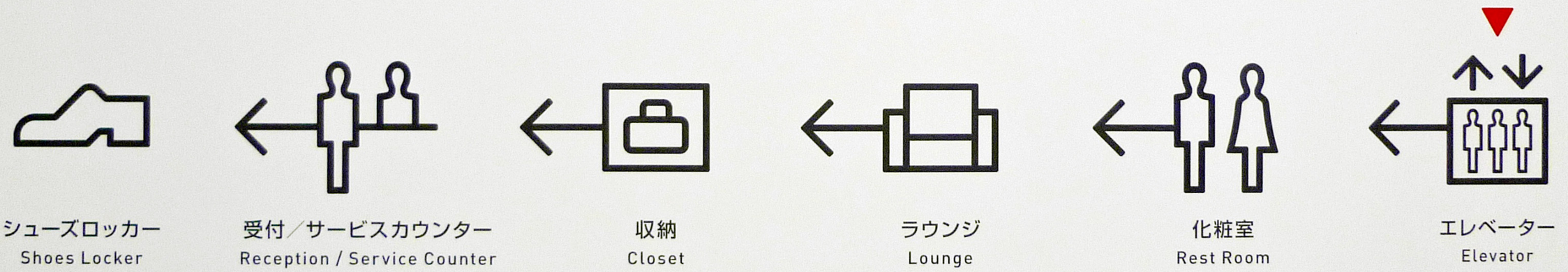
Em 2009, surge uma nova adaptação do conceito primário da “arquitetura da cápsula, também no Japão, o 9hours Capsule hotel, ou Nainawasu, do grupo DesignStudio, foi concebido como espaço mínimo de vivência de luxo que, como o próprio nome indica, foi concebido para o utilizador pernoitar, com o máximo de conforto (Andrea Db, 2009).







Imagens 71, 72, 73 e 74
9hours Capsule hotel 2009.
Fotografia in Design Boom





Já no contexto nacional, um projeto localizado em Lisboa, mais especificamente em Alcântara, o projeto Village Underground, Lisboa, foi concebido com a finalidade de transformar contentores de navios e autocarros desativados em escritórios. Destinado a jovens criativos, este é um espaço multicultural, com cerca de 16 unidades dispostas em quatro blocos. O conceito surge inicialmente em Londres, o London Village Underground e foi depois adotado para a Capital Portuguesa (Duarte Silva, em Lusa, 2012).



PÁGS. 70 E 71
Imagem 75
9hours Capsule hotel 2009.
Fotografia in Design Boom

AQUI
Imagem 76
Village Underground, Lisboa, 2012.
Fotografia deMadalena Araújo,
in P3.público.pt.

Um pouco por todo o lado este tipo de infraestruturas aparece e prolifera principalmente em contexto urbano. Este novo entendimento de conceção espacial tem vindo a propiciar a crescente criação de novos conceitos de hotel, projetos low budget para curtas estadias, ou apenas para pernoitar e repousar por algumas horas. O conceito de hotel para os neonómadas contemporâneos.

Um interessante revivalismo do nomadismo, na sua forma mais primária, que começa agora a ganhar força ainda no contexto português, é o Glamping. Numa abordagem que gira em torno das tendas adaptadas a novos conceitos de hotel, surge um movimento curioso, o Glamping, que agarra em símbolos como os Yurts, fixando-os em determinados locais.

"O glamping, expressão inventada para definir o conceito de camping com glamour, é um verbo que se conjuga algures entre um hotel e um parque de campismo" (revista visão, pág.85).

Este fenómeno, foi a resposta encontrada para se acampar sem os incómodos comuns neste tipo de atividades, como sendo carregar todos os materiais necessários, ou sem ter de montar a tenda. As vantagens são de dormir numa cama confortável, e poder usar casa de banho e cozinha privativos e ter instalação elétrica.

A grande diferença entre o campismo e o glamping, passa exatamente pelas acomodações, com as habituais tendas e sacos-cama a dar lugar aos Yurt, (tendas Mongóis), Tendas Safari da África do Sul, as Tipis dos Índios e as Eco - Pods (pequenas cabanas feitas de materiais altamente recicláveis). A preocupação com o ambiente e a proximidade à Terra, desde os materiais usados na construção à poupança de recursos naturais, é uma constante, nestes sofisticados campismos (visão).

Em Portugal, o Glamping existe acerca de cinco anos, e parece estar em expansão. A procuraé mais assídua por parte de estrangeiros e os preços rondam entre os 55 e os 100 euros, por tenda, albergando cada uma delas de 2 a 6 pessoas (R. Visão, 2012)







Imagens 77, 78 e 79
O Glamping
Fotografia de Marcos Borga,
in Revista Visão.

De muitos exemplos possíveis, aqueles mais interessantes para o nosso estudo, pelo seu forte sentido de mobilidade, mas por ser em si um hotel para os novos nómadas, os nómadas urbanos, viajantes solitários, foram o **Hotel Das Park** na Áustria e **Tubo Hotel** no México, os vários **Tree Hotel** na Suíça, cada um deles desenhado por um arquiteto diferente, ou o **Endémico Resguardo Silvestre** no México.

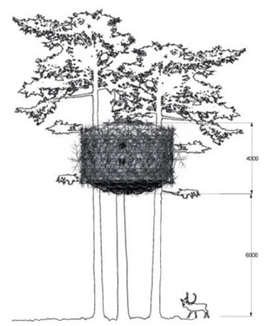


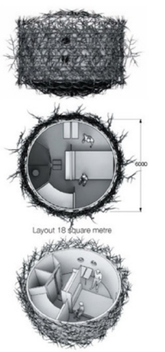














Imagens 80, 81 e 82
Hotel das Park e Tubo Hotel.
Fotografia de Adam Sullivan,
in Arquiteturaparalela.wordpress.com

Imagens 83, 84 e 85
Tree Hotel,
Imagem de ilvia Monaco, in Revista
Domus Especial Salone.

Imagens 86, 87 e 88
Endémico Resguardo Silvestre, México.
Fotografia in Archdaily.com.





CAPÍTULO II

2.
O PROJETO

Na sequência dos exemplos analisados, propomos a projetação de um espaço que dê apoio ao viajante em trânsito, nos seus momentos de paragem, de descanso e isolamento, estabelecendo como que uma relação de simbiose entre não-lugar e lugar de conforto, transformando este não- lugar (enquanto lugar fora de todos os lugares – (Augé, 1992), num espaço de conforto, seguindo a conceção do ninho de Michelet, mas respeitando sempre todas as características não relacionais daquele (não-lugar).

O potencial que o projeto apresenta ao conceber um espaço de suporte e apoio às infraestruturas de transportes (às zonas de interface) é uma vertente da mobilidade ainda pouco explorada a nível nacional. Os projetos dentro desta tipologia que se conhecem limitamse a recorrer a contentores de carga, adotando formas ainda primitivas de exploração de conceitos como a mobilidade e a transitoriedade aplicada à micro-arquitetura.

A projetação de um espaço hoteleiro neutro, relocalizável, com as características necessárias para servir uma categoria de utilizadores nómadas, constituiu um desafio; por outro lado esta circunstância poderá ter funcionado como uma limitação ao estudo, que requereu a seleção de três locais para implantação, que apesar de bastante estudados, são meramente indicativos. Na verdade, o cenário ideal poderia contemplar o estudo prévio de todos os possíveis locais de implantação para uma adaptação mais individualizada da micro-arquitetura em conceção. Este estudo mais aprofundado contemplaria ainda um criterioso levantamento de possíveis infraestruturas de saneamento básicas de apoio ao projeto, (que no caso, apenas foi proposta por nós a sua criação, sem um desenvolvimento mais aprofundado), com vista à minimização dos custos do mesmo.



Imagem 89
Brainstorming para formalização de ideias de projeto.
Imagem de André Santos.

2.1
OBJETO DE ESTUDO

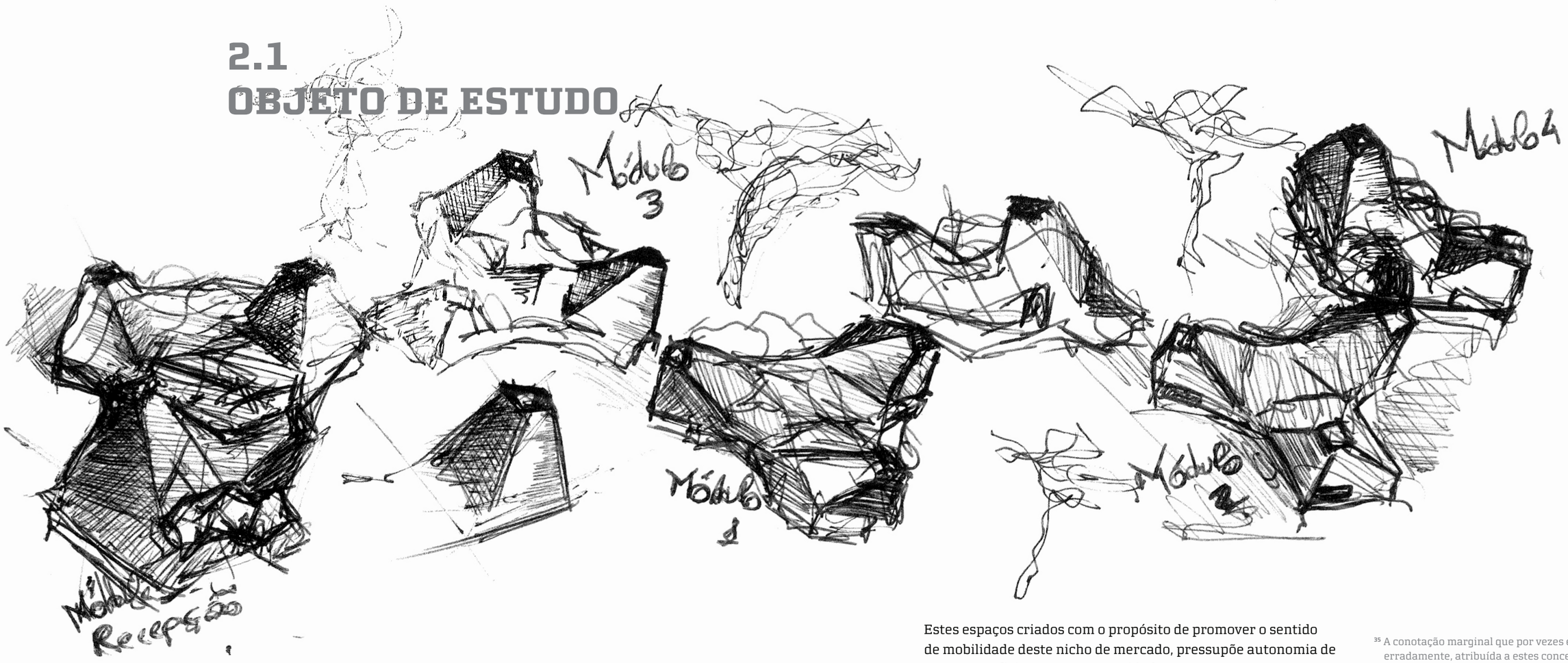


Imagem 90
Esquiço para procura de disposição dos vários módulos em contexto urbano.

A solução proposta é a de um micro-hotel que permite a mobilidade, transitoriedade e dinâmica do habitar temporário, nos centros urbanos, que se adequa às necessidades dos viajantes do séc. XXI, solitários (neo-nómadas), que demandam os centros urbanos, que aí necessitam de acomodações para curtas estadias, em habitats com áreas mínimas onde possam repousar e restabelecer-se da vida agitada que levam.

Estes espaços criados com o propósito de promover o sentido de mobilidade deste nicho de mercado, pressupõe autonomia de resposta suficiente para necessidades concretas, como a segurança, o conforto e a plena acessibilidade, e procuram dissociar-se da ideia de marginalidade[35], normalmente conotada com projetos móveis e transitórios. Conseguir o distanciamento da conotação marginal é o primeiro passo para o sucesso de um projeto deste género (móvel), uma vez que apesar de inserido no meio urbano, da sua escala reduzida e de albergar não mais do que 2 a 3 pessoas, este projeto resguardar-se-á de situações de vandalismo, ao criar pequenas praças entre si, apoiadas por um módulo de receção e apoio ao utilizador, permitindo assegurar a vigilância deste micro-hotel.

[35] A conotação marginal que por vezes é, erradamente, atribuída a estes conceitos espaciais encontra-se num outro fenómeno de nomadismo, presente nos países industrializados, como é o Junkie, que apesar de marginal, não perde o sentido de nomadismo (John Urry em Stewart, 2008). Este também vagueia, normalmente pelos centros urbanos. É um tipo de sem-abrigo do capitalismo atual, (mas ainda mais marginal, uma vez que é também toxicodependente e, muitas vezes, alcoólatra, que vive do nomadismo, desprovido do sentido de lar, e como tal, desprovido de memória.

Concretamente, o projeto consiste num conjunto de 5 módulos individuais, que se articulam entre si de forma a adaptarem-se aos locais de implantação, podendo esta disposição ser feita sob a forma de uma praça. A solução aqui proposta para resolver este problema de exclusão, passará pela associação de vários módulos (unidades habitacionais) num mesmo espaço, de forma a criar uma estrutura urbana que se afaste desta condição marginal.



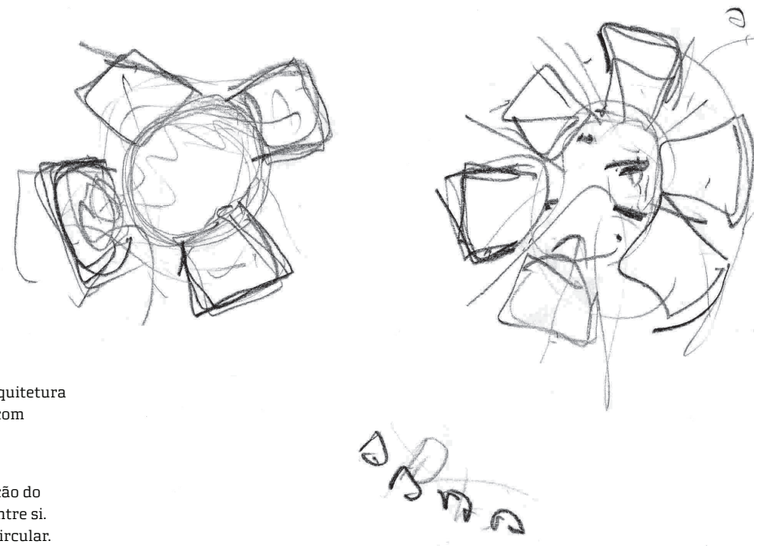


Imagem 91
Esquiços de relação da micro-arquitetura com a escala humana e relação com a envolvente.

Imagem 92
Esquiços de procura de articulação do espaço exterior e dos módulos entre si. Articulação em forma de praça circular.

Relativamente ao uso exterior do potencial utilizador deste micro-hotel, a relação que se pretende é de que este, enquanto objeto esteja perfeitamente enquadrada no meio envolvente, mas que, simultaneamente desperte curiosidade e interesse por parte do utilizador. Uma vez implantadas em locais de grande movimento, estas unidades devem conseguir convidar ao momento de paragem, de repouso, sensação conseguida quando o utilizador está relaxado, por consequência, quando se sente seguro. É o momento de pausa e relaxamento do nómada urbano que transita na urbanidade.

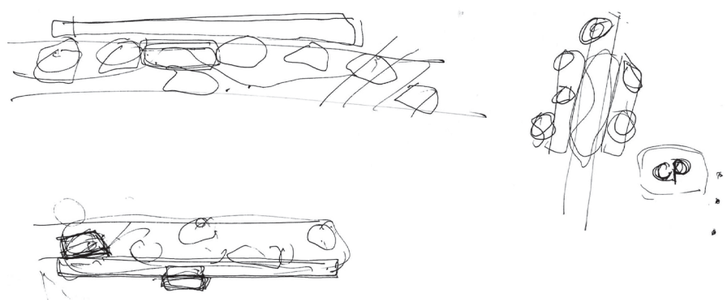


Imagem 93
Esquiços de procura de articulação do espaço exterior e dos módulos entre si. Articulação em forma de corredor.

2.2
IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO-ALVO

O conceito de casa enquanto morada para habitar, ponto em que nos encontramos, anda a par da necessidade de mobilidade do mundo atual, configurando um novo conceito de nomadismo.

O perfil do nómada moderno que se desloca por entre as metrópoles inclui: o constante manuseio de aparelhos portáteis de comunicação, quer em entretenimento quer em trabalho (como o computador e o leitor MP3); o uso de mochila às costas ou de roupa com múltiplos bolsos, onde transporta todos os seus bens (a metáfora da casa vestimenta); um casaco que é também um assento, um relógio com televisão integrada e GPS, cartão de crédito e objetos com múltiplas funcionalidades (como um canivete de bolso que é simultaneamente ferramenta de trabalho, de higiene e defesa pessoal) (Schwartz-Clauss & Vegesack, 2002 em Albuquerque, 2011). Este público-alvo é apenas uma parcela da sociedade contemporânea, é um nicho de mercado que integra a classe de transeuntes urbanos, que cultivam a individualidade.

Segundo John Urry, esta nova classe democrática móvel de viajantes menos afortunados, está em expansão; e é constituída por estudantes e pessoas com características económicas e sociais mais limitadas, por turistas que já não procuram luxuosos destinos paradisíacos, mas apenas destinos turísticos urbanos, como as capitais europeias, e que torna a mobilidade acessível até aqueles que não têm possibilidades de viajar permanentemente. (John Urry em Stewart, 2008).

Ainda que com menos dinheiro, este grupo de viajantes também procura conforto, não se sujeitando a pernoitar em qualquer local e vai em busca de espaços que satisfaçam as suas necessidades quotidianas, enquanto transitam de cidade em cidade. São indivíduos que viajam solitários, adaptados à nova realidade que impõe novas formas de estar e habitar, criando argumentos sociais - como a mobilidade e a velocidade constantes – abandonando cada vez mais o sedentarismo. Este estilo de vida é a principal característica e a mais comum à sociedade industrializada, na qual "A maioria das empresas é dirigida por nómadas que se deslocam de país em país, de quarto de hotel em quarto de hotel" (Schlee, em Samson, 2011, p. 1).

Pudemos constatar que para estes novos "exploradores", a viagem é algo simples, de cujo roteiro devem constar todos os pontos obrigatórios, que ganham agora uma importância acrescida, já que conferem estatuto, na medida em que permitem ir ao encontro de novas experiências. Depois de um dia de passeios turísticos, a maioria destes viajantes quer-se sentir no local onde se hospeda, "em casa longe de casa", conseguindo encontrar nestes locais o importante equilíbrio entre o estranho e o familiar. Esta nova conceção de hóspede incita à criação de um novo layout de quarto, standard, mais adequado a este viajante. Surgem novas e variadas dinâmicas na indústria das viagens, um novo público, novas necessidades de repensar os desejos dos viajantes independentes. Esta nova geração de viajantes, normalmente mais jovem, na maioria das vezes não tem horas nem local definido, o escritório, por exemplo é onde quer que estejam. Procuram ambientes criativos onde possam ser produtivos, sem se sentirem, necessariamente, a trabalhar.

O desafio para a indústria das viagens, passa agora pelo equilíbrio da preferência do hóspede entre a hiperpersonalização e a total independência do mesmo, tema do nosso projeto. O viajante quase invisível, que viaja sem nunca interagir com o staff do hotel, do check-in ao serviço de quartos, tudo é uma experiência totalmente independente, quase sem contacto humano (Monteiro, 2013).

O conceito desenvolvido neste trabalho pretende ser extensível às várias capitais ocidentais, sobretudo europeias, pelo que, apesar de se inspirar nos hotéis cápsula, evolui para uma versão mais ajustada à cultura ocidental.

2.3
ONDE SE LOCALIZA

A cidade, não foi reconhecida inicialmente como primeiro e principal local de habitação humana penetrada por canais de comunicação rápida e tida como lugar incerto, está situada entre duas velocidades de trânsito, agindo como travão contra a aceleração da penetração (Virilio,1976).

Pretendendo-se criar um artefacto nómada para implantar em diferentes locais de trânsito. A título de exemplo, escolhemos a zona metropolitana do Grande Porto e Matosinhos e, principalmente, as interfaces de transportes aí existentes, favorecendo a relação com as pessoas em trânsito, que se sentem mais confortáveis com o Design e a projetação deste micro-hotel. Estes locais de transição e mobilidade por excelência, são procurados preferencialmente pelos nómadas urbanos para o exercício das suas atividades. permitindo que estes, simultaneamente, absorvam referenciais urbanos e se enquadrem no meio que os envolve.

Os locais de implantação escolhidos e referenciados são meramente indicativos, significando que este projeto se adapta totalmente a qualquer um dos locais que apontámos, mas também a qualquer outro local desde que respeitada a posição solar por nós estipulada, com base num estudo solar, para que este espaço fosse melhor enquadrado no seu contexto geográfico. A escolha dos locais em questão deveu-se ao facto de todas as três opções estarem inseridas no meio urbano, próximas de locais de interface e simultaneamente de vários pontos de atração turística, de negócios e culturais, conformando os pré-requisitos fundamentais das exigências do neo-nómada.

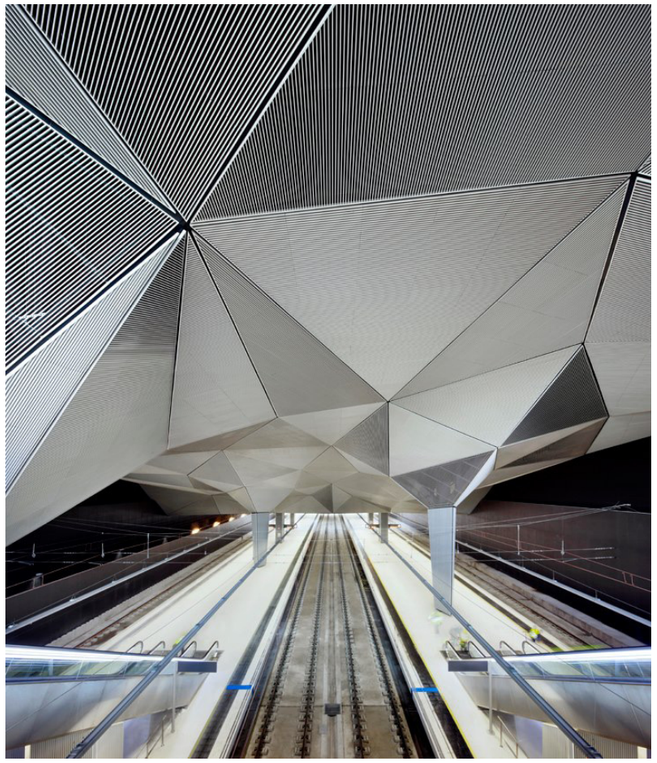


Imagem 94
High Speed Train Station,
Abalos+Sentkiewicz Arquitectos,
Logrõno - Espanha,2012.
Fotografia in Archdaily.com

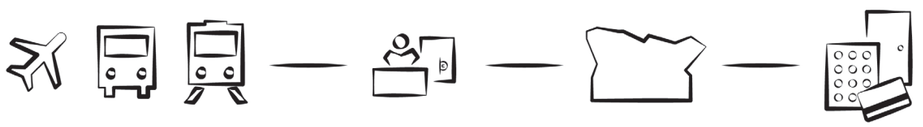


Imagem 95
Diagrama de utilização do micro-hotel

A primeira escolha foi o Porto de Leixões, exatamente em frente à alfândega da marina de Leça. Neste local existe um fluxo constante de pessoas que o demandam pela sua proximidade aos transportes marítimos e terrestres. Nesta escolha, Identifica-se também como ponto de grande interesse a praia de Leça da Palmeira, que está entre as mais procuradas da região, mas também as piscinas das Marés e a Casa de Chá de Siza Vieira, ambos com forte potencial cultural.





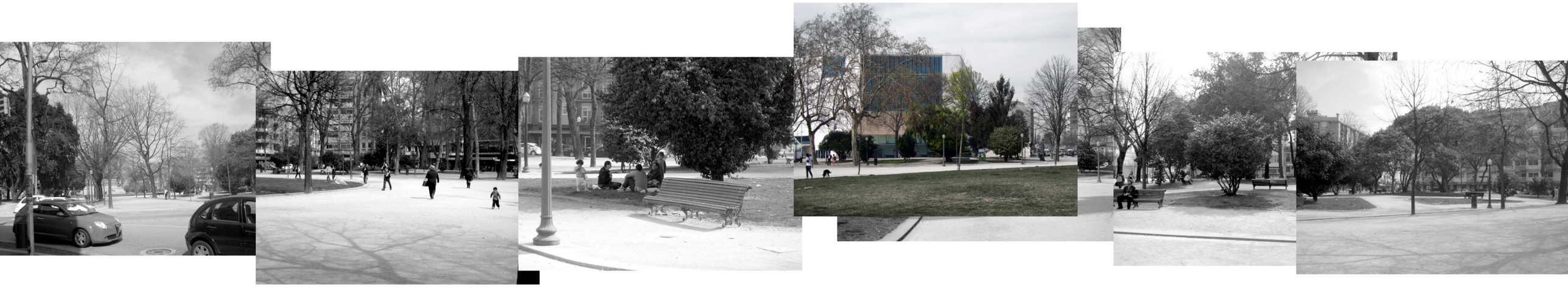


Imagem 96
Imagem do local de implantação e envolvência. Porto de Leixões.
Montagem Fotográfica de André Santos.

Imagem 97
Casa de Chá da Boa Nova, projeto de Siza Vieira, 1958, Leça da Palmeira
Fotografia de Nuno Felgar, in Flickr.com

Imagem 98
Piscinas das Marés, projeto de Siza Vieira, 1966, Leça da Palmeira
Fotografia de Nuno Felgar, in Flickr.com

O segundo local escolhido foi a Rotunda da Boavista, ou Praça Mouzinho de Albuquerque, localizada no centro do Porto, próxima de algumas das principais interfaces da cidade, como a estação do metro e o terminal rodoviário, possuindo ainda acesso facilitado a diversas linhas de autocarros, e situada a escassos metros de um dos ícones culturais da cidade do Porto, a Casa da Música, bem como relativamente próxima da Fundação de Serralves, um outro ícone cultural da cidade.



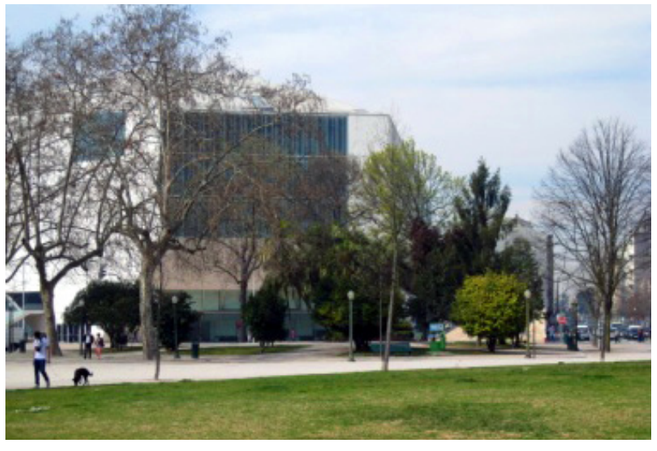


Imagem 99
Imagem do local de implantação e envolvência. Rotunda da Boavista - praça Mouzinho de Albuquerque.
Montagem Fotográfica de André Santos.

Imagem 100
Imagem de referência Cultural do local de implantação do projeto. Casa da Música.

Por último, ainda no Porto, optamos por um local um pouco mais dedicado ao lazer: a baixa do Porto, o Jardim da Cordoaria. Uma localização de excelência para um público mais jovem e dinâmico, perto de pontos de atração como as Galerias de Paris, o emblemático Café Piolho e toda a imensa riqueza cultural da Baixa da cidade, zona histórica do Porto, a Torre dos Clérigos, a Reitoria da universidade do Porto, a praça dos Leões, rua das Galerias (Miguel Bombarda), a Cadeia da Relação do Porto - Centro Português de Fotografia, as diversas Faculdades da UP (Universdade do Porto), o Hospital de Stº António, a Rua de Cedofeita, e. o. Também esta escolha é local de interface, onde facilmente se acede a todo o tipo de transportes.





Imagem 101
Imagem do local de implantação e envolvência. Jardins da Cordoaria. Montagem Fotográfica de André Santos.

Imagem 102
Reitoria da Universidade do Porto. Fotografia de Leonor Magalhães.



Nos três locais de implantação, este módulo é replicado, por forma a interagir com todos os outros quatro módulos, conferindo-lhes intimidade na sua relação com o conjunto, e proteção na sua relação com o meio que os rodeia; dando existência a uma praça, (subentendida), uma fez que não possui barreiras físicas. Este atributo (de praça) é-lhe conferido pelo projeto, em virtude da exiguidade do espaço que lhe é destinado, criando uma rua, não de atravessamento, mas com o caráter que têm as ruas de bairro. Assim se pretende a criação de um micro-hotel, que esteja perfeitamente inserido no contexto urbano e que assimile os seus referenciais, para melhor se enquadrar no meio envolvente.

Imagem 103
Implantação do projeto no Porto de Leixões
Desenho técnico à escala 1:500

Imagem 104
Implantação do projeto na
Rotunda da Boavista ou
Praça Mouzinho de Albuquerque
Desenho técnico à escala 1:500

Adega Leonor

O desafio de chegar à harmonia espacial entre a definição de áreas mínimas, não descuidando o conforto para o utilizador, (conforto este que leva a uma consequente apropriação do mesmo, como se de uma "casa temporária" se tratasse); surge primeiramente da articulação e redimensionamento do espaço interior, em função das necessidades inventariadas dos potenciais utilizadores (o nosso público alvo) recorrendo a informação sobre os novos fenómenos hoteleiros em Portugal – os hostels; e só depois fixámos os limites formais da micro-arquitetura. Embora o nosso projeto não se insira no contexto dos hostels, uma vez que esse tipo de solução é pensada para o contacto e interação entre as pessoas que lá pernoitam; enquanto a nossa pretende essencialmente suportar a mobilidade individual do neo-nómada que viaja solitário, o ponto de contacto entre ambas as soluções acaba por ser o público que as procura e o nível de custo suportado pelo utilizador, afinal a informação essencial à pesquisa que nos propusemos.

CAMPO DOS MÁRTIRES DA PÁTRIA

Imagem 105
Implantação do projeto nos jardins da Cordoaria
Desenho técnico à escala 1:500

2.4
A PROPOSTA / CONCEITO

Imputámos ao nosso micro-hotel o sentido de abrigo; este, quando metaforizado a partir da árvore, do ninho, simboliza um receptáculo materno, portador de vida, que alberga e protege o ser humano em gestação, no seu seio térmico. A sua imagem côncava vincula-se com o sentido fenomenológico interior da «redondez do ser» (Pinto, 2007), criando a noção de conforto, bem-estar e segurança, remetendo para o refúgios primitivo como retrata Michelet, grande sonhador da vida alada. Partindo deste princípio, considerámos este projeto como construído pelo e para o corpo, assumindo a sua forma pelo interior, como uma concha, comprazando-se com o exercício imaginário da função do habitar (Michelet, 1858, em Bachelard, 1989); imagem que surge do sonho da proteção ajustada ao corpo humano, a "casa vestimenta"[36]. Todas estas noções inspiram segurança ao viajante, que quando se sente protegido, não se apega ao local em particular, mas à micro-arquitetura em si, enquanto ninho e local de plena comodidade, justificando a criação destes micro-hoteis ao longo de todo o itinerário dos viajantes neo-nómadas.

Aqui se impõe a caracterização do projeto enquanto unidade hoteleira para nómadas urbanos (que formalmente se assemelha a uma tenda, mas que efetivamente não o é), uma solução metamórfica, que permite a mudança de forma e de função que consente uma leitura aberta e uma perceção diferente dos espaços a cada hora do dia, a cada dia que passa. Neste micro-hotel, composto por 5 unidades, em que numa funciona como receção, evitando situações de marginalidade, proporcionando a segurança necessária, ao contrariar o isolamento.

[36] A designer australiana, Melinda Stokes, criou para a Stokx, roupas para viajantes com este sentido de afeição ou apego. As suas roupas incorporam um número infinito de bolsos e tecidos ergonómicos, que resumem plenamente o paradoxo do nomadismo, em que o viajante se mantém fiel a si mesmo em qualquer parte do mundo, através dos bens pessoais que traz consigo, havendo no vestuário um caráter protetor e um sentido de si mesmo muito particular. Independentemente do local em que estaremos a seguir, quereremos deixá-lo para trás (Stewart, 2008).

Projetar consiste em estabelecer relações entre interior e exterior, concebendo de dentro para fora (Mangado, 2012). A ideia de que devemos sentir os espaços em que residimos e a forma como nos circundam, e se interligam, reforça a distinção entre pele e estrutura do edifício (Rasmussen, 2007). Esta conceção foi importada para o nosso projeto. A ideia de trabalhar, separadamente, o ninho (interior de conforto), o esqueleto (estrutura do edifício) e a pele (o material que envolve a estrutura). Visto ser a envolvente que constrói o "rosto" do edifício, uma boa arquitetura trabalha e respeita sempre a harmoniosa relação entre interior e exterior, contemplando a união entre a superfície de um edifício e o que acontece dentro dele. E o conceito desta união tanto pode estar numa continuidade material e estrutural, como na sua consciente separação (Herzog & De Meuron em Zaeras, 1993).

MÓDULO TIPO



Esc. 1:1000

Revestimento exterior em chapa distendida perfurada.
Chapa perfurada em painéis com 1250mm por 2500mm em aço macio com 0,8 mm de espessura.
Modelo de perfuração standard R1,5 T2,5 parcial com disposição dos furos em quincôncio a 60 graus.
Área aberta de 32%, chapa cortada à medida (ver desenhos de corte em anexo: esquema de montagem).

Imagem 106
Fotomontagem da envolvente e desenho técnico da fachada do micro-hotel.
Desenho técnico à escala 1:100

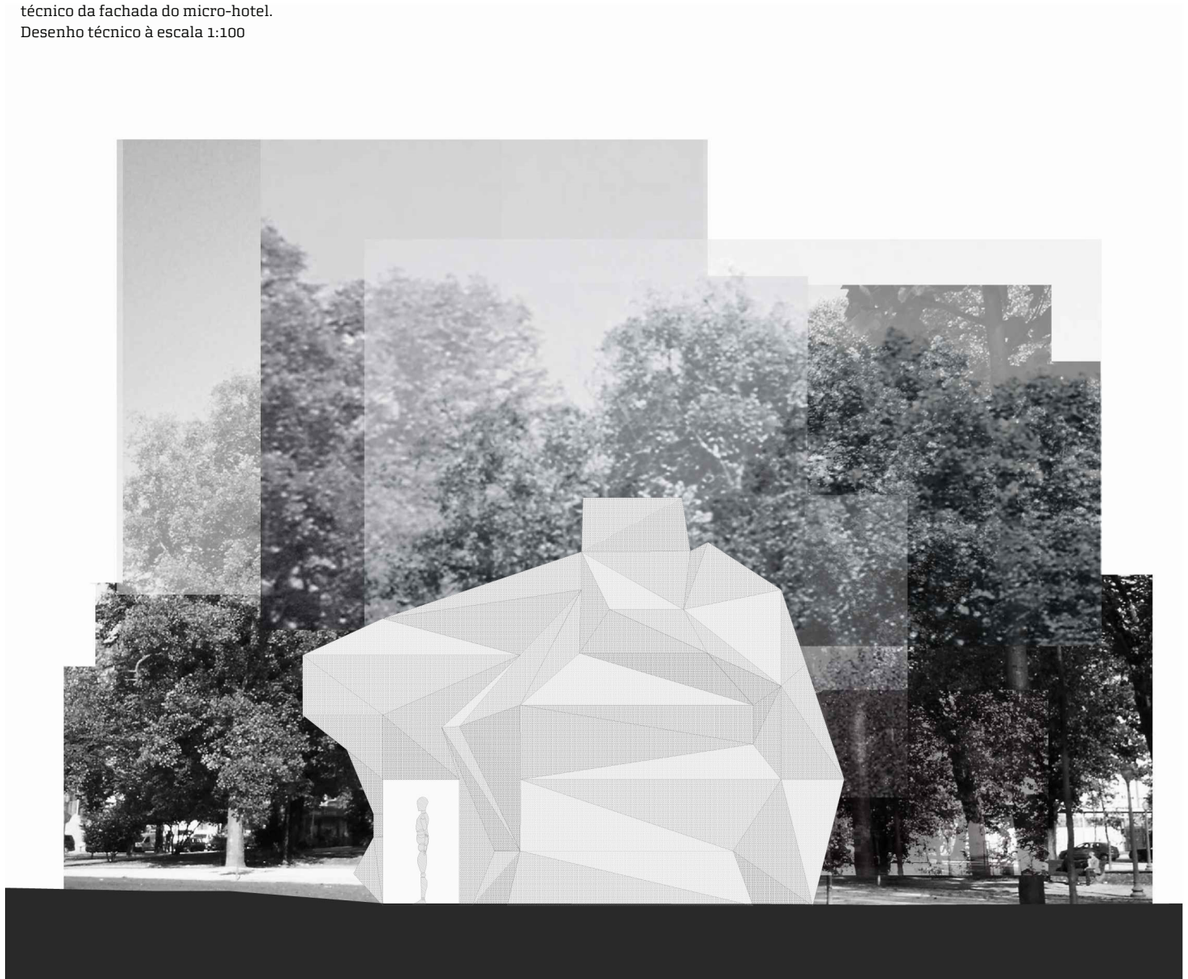
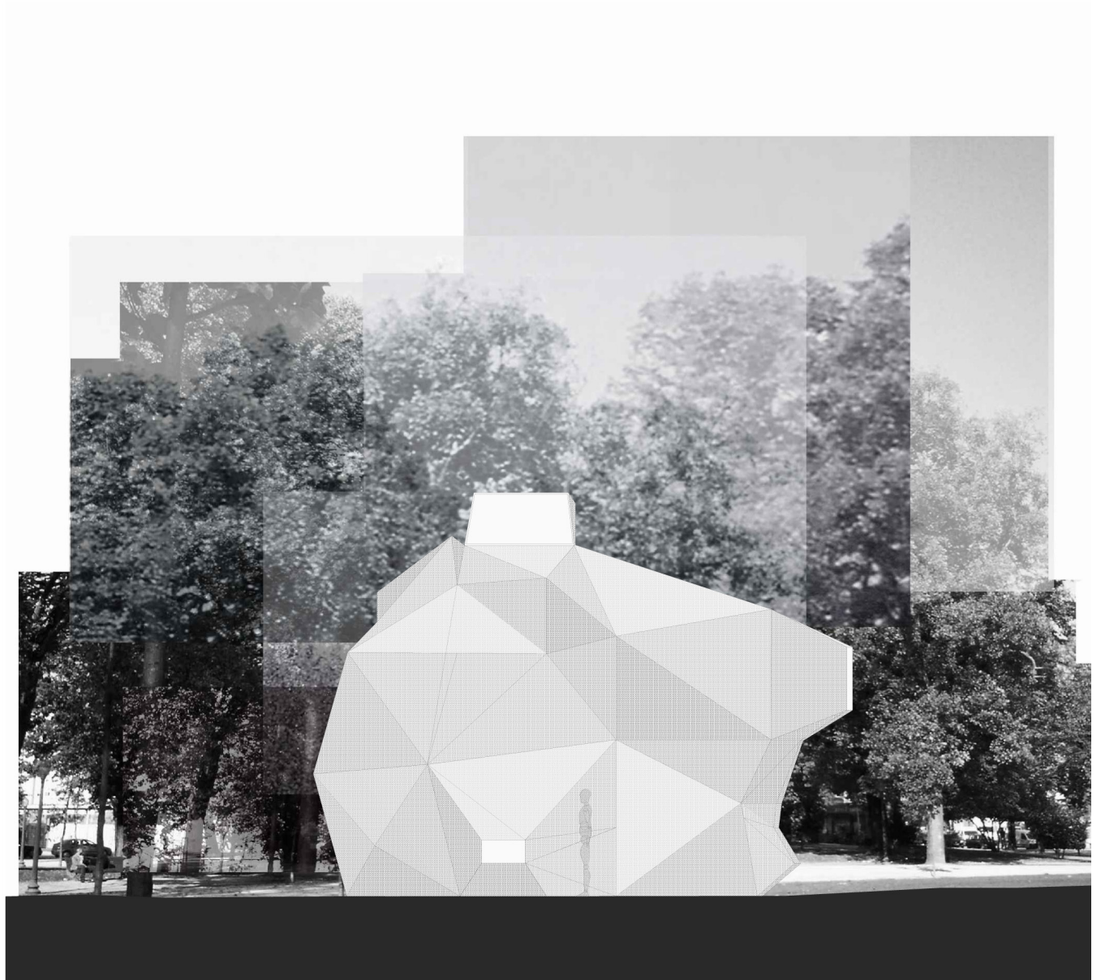


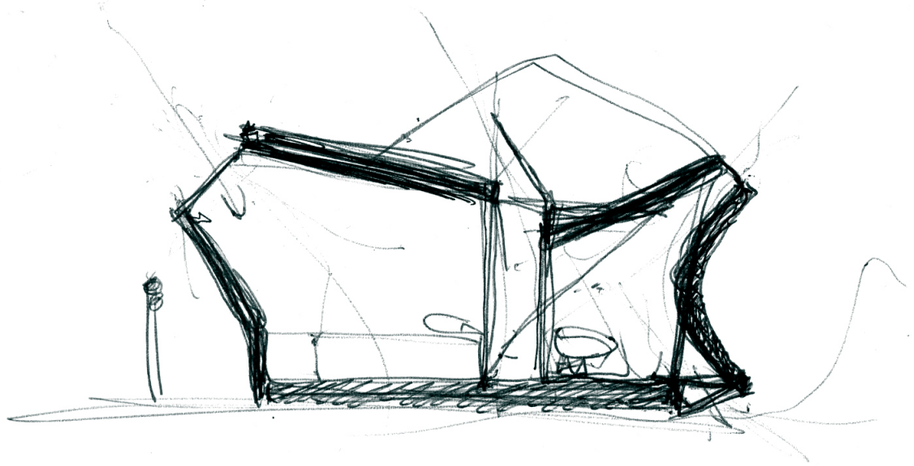




Imagem 107
Fotomontagem da envolvente e desenho técnico da fachada do micro-hotel.
Desenho técnico à escala 1:100









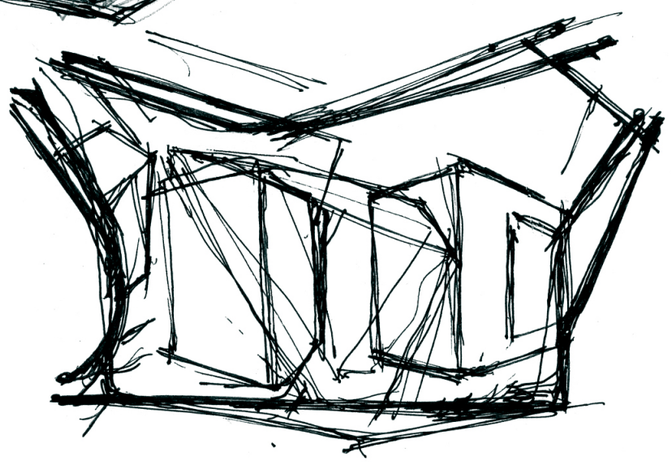
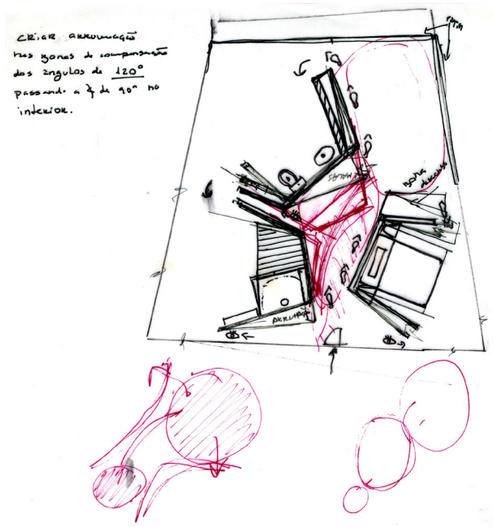
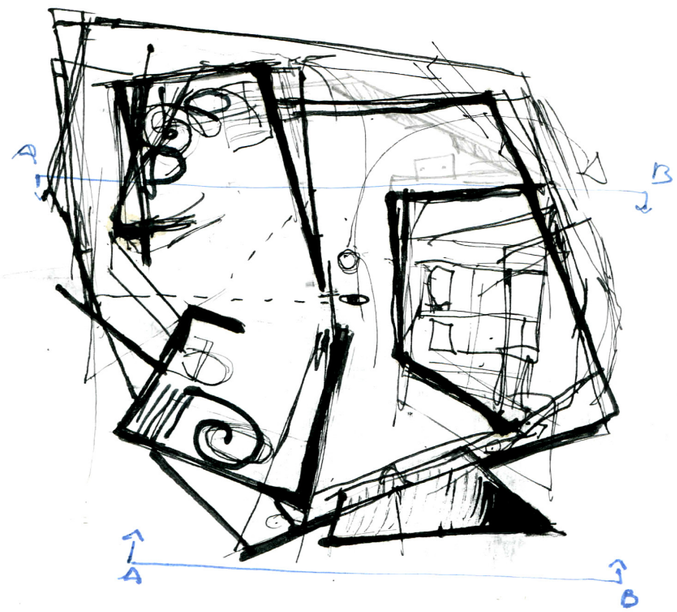
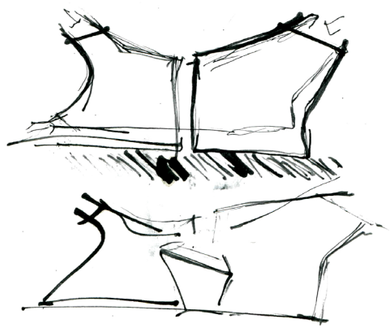


Imagem 108
Esquiços de articulação do espaço interior e sua relação com o invólucro.







Cada uma destas unidades faz-se compor por uma casca, uma pele, um esqueleto e um interior de conforto, composto por células com diferentes graus de privacidade, cada uma contendo uma função: quarto, espaço de banho e sanitário ,espaço de trabalho e zonas de circulação.

Imagem 109
Esquiço do acesso aos blocos interiores do habitáculo. A praça.

Imagens 110 e 111
Esquiço de articulação do espaço interior com objetos; e a sua relação com os alçados.

2.5 PROGRAMA FUNCIONAL

2.5.1 PROGRAMA FUNCIONAL DO CONJUNTO

O MÓDULO DE RECEÇÃO

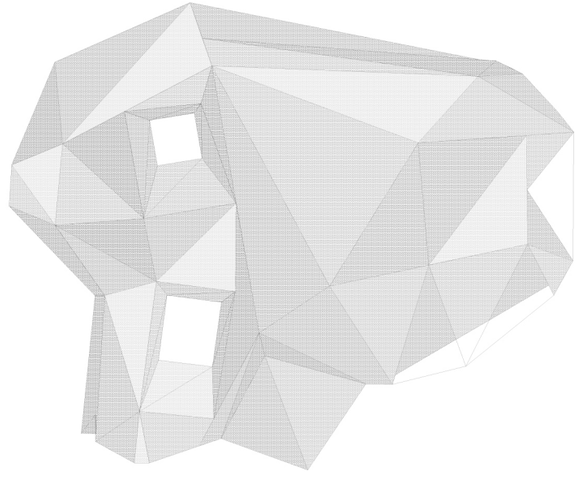


Imagem 112
Vista de cima à escala 1:100

Esta 5a unidade pretende dar apoio aos utilizadores do referido espaço e simultaneamente, contrariar a tendência de isolamento (ao formalizar pequenas praças entre as várias unidades habitacioniais que proporcionam o convívio entre os hóspedes), e assegurar a segurança deste micro-hotel.

Este elemento aglotinador, este corpo de receção, formaliza-se por uma unidade, semelhante às 4 restantes, mas esta é estrututralmente distinta, na medida em que possui no seu interior os elementos de apoio necessários ao micro-hotel bem como as funcionalidades de receção.
O check in pode ainda ser feito no balcão virado para o exterior, resguardado por uma pala protetora e formalizado por um vão existente em toda a fachada Poente. Esta unidade desempenha então uma função aglomeradora das restantes unidades para o usufruto dos hóspedes.

Depois de identificados os locais de implantação do projeto, pensou-se a interação entre o artefacto e o seu local de inserção. A proposta e o desafio deste trabalho passam não só por acabar com as conotações depreciativas deste tipo projeto, como também por provar que o design pode ter a valência de intervir ativamente na sociedade e nas dinâmicas urbanas.

Fazendo-se esta unidade hoteleira compor por:

1. Unidade de receção - pretenderá dar apoio ao utilizador, servindo como espaço de aglomeração a todas as restantes 4 unidades para usufruto dos hóspedes;
2. Quatro módulos / habitáculos para acolher os hóspedes, em que cada um terá uma capacidade de albergar entre 2 a 3 pessoas.

Características de cada habitáculo:

- caráter transitório e portátil[37] do artefacto (não se pretende que o mesmo possa ser transportado pelo seu utilizador, mas antes permitir adequar o projeto, ou pelo menos os seus elementos fundamentais (iluminação, segurança, acessibilidades, ...) a um propósito arquitetónico específico, que garanta um standard mínimo de conforto.
- efémero no espaço e transitório no tempo, para lhe conferir alguma capacidade de se metamorfosear , permitindo adaptar-se a uma multiplicidade de locais de implantação, garantindo a satisfação das principais necessidades do seu potencial utilizador (do seu público alvo).

[37] A portabilidade, possuindo uma natureza impermanente, só recentemente é entendida como arquitetura (Kronenburg, 2008). Pretende criar a noção de espaço, exatamente da mesma forma que os edifícios permanentes o fazem, desde que a humanidade começou a construir. A necessidade da portabilidade leva à sua procura. **Efemeridade no espaço/ temporalidade:** ser efémero na relação com o local, significa ser em si mesmo, uma construção de duração temporária, que após um dado período de tempo será deslocada ou retirada do local. Poderá até ter uma duração prolongada, mas itinerante. Pode ser móvel. Pode-se afirmar que a sua relação com a envolvente é efémera (Tomé, 2006).

O uso que os ocupantes fazem de um abrigo, pode ser temporário, num habitat no qual o habitante permanece, por sua vontade, apenas por um período limitado de tempo (Tomé, 2006).

2.5.2
RELAÇÃO
INTERIOR / EXTERIOR

Sendo a luz a quinta dimensão da arquitetura(Rasmussen, 2007), surge como fator de particular importância na nossa micro-arquitetura, dado o seu caráter transitório e móvel, toda ela é permeável a este elemento definidor desta arte, pelos materiais utilizados - chapa distendida e tela - que servem de pele ao objeto e de fronteira entre o exterior inóspito – o meio urbano - e o interior de conforto e segurança.

Não podendo controlar a luz, que se altera constantemente consoante cada hora do dia e cada dia que é diferente de todos os outros, em intensidade e cor, procurámos proporcionar ao nosso projeto, as melhores condições lumínicas, através de um estudo atento da relação entre o interior e exterior.

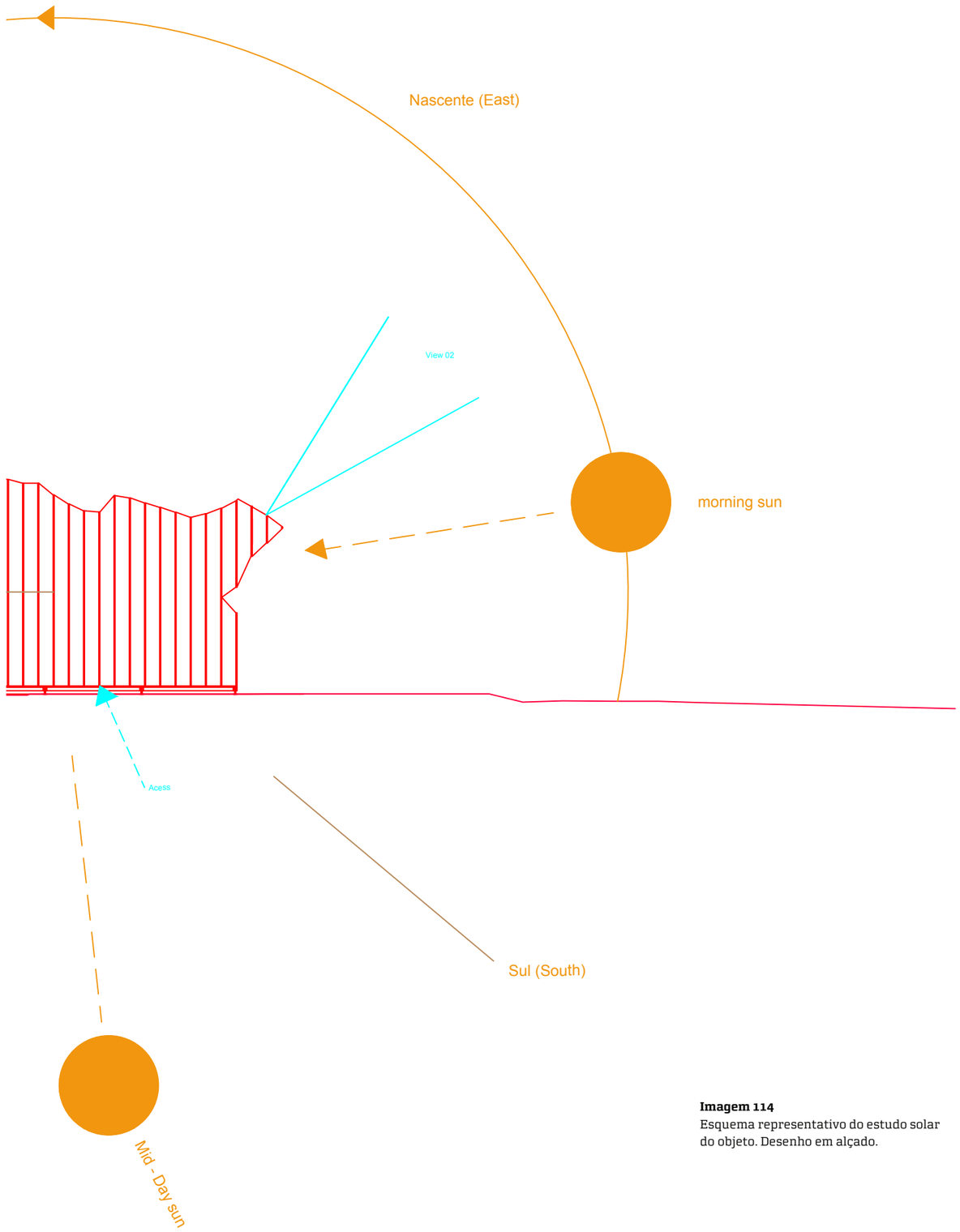


Imagem 114
Esquema representativo do estudo solar do objeto. Desenho em alçado.

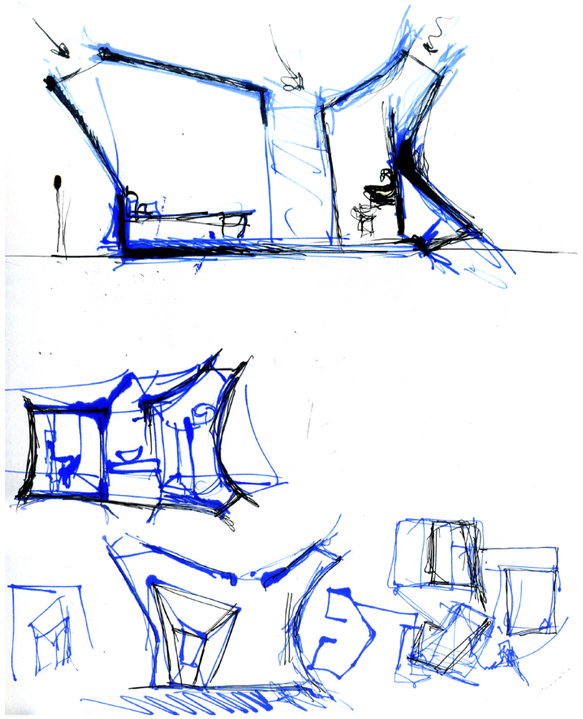
Deste modo, independentemente da localização da nossa micro-arquitetura, tornou-se essencial pensar antecipadamente a posição de cada um dos seus módulos em relação ao sol, para que toda a luz fosse devidamente filtrada e se transformasse num elemento agradável que invade o espaço de forma criteriosa e útil. Para melhor compreender o efeito da luz zenital na tela, e consequentemente a forma como ela invadiria o espaço interior, fizemos estudos solares e representações dos vários efeitos de luz, aqui recorrendo a maquetas de estudo para o efeito.

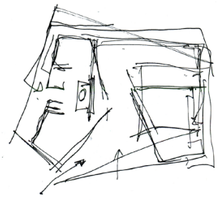




Imagens 115 e 116
Maqueta das divisões distintas do habitáculo e sua relação com o invólucro. Executada em esponja e sacos plástico.

Uma vez que este espaço transitará entre diferentes locais de implantação, a ideia de mutabilidade do espaço interior estará intrínseca à sua reformulação a cada novo local de implantação. Deste modo, cada uma das exposições solares das aberturas dos espaços interiores será devidamente cuidada. Esta micro-arquitetura terá lanternins para a entrada de luz zenital direta, no quarto apelando a todos os sentidos do utilizador. Para além deste, também no espaço de acesso às áreas de banho e sanitárias existirá um vão vertical para criar uma certa permeabilidade, resguardada em relação ao exterior, porque não se pretendem uma alienação dos utilizadores em relação ao exterior, mas antes uma interação harmoniosa entre interior de conforto e exterior urbano. Assim este interior não está alienado da realidade que o rodeia, mas sim protegido da realidade, por vezes agressiva do meio urbano circundante.





Esta possibilidade de interação entre interior de conforto e exterior inóspito é possibilitado pelos diferentes graus de privacidade do nosso projeto. Enquanto no interior de cada compartimento, o utilizador disfruta do máximo de privacidade possível, como é o caso do quarto, zona de banho e zona sanitária, o grau de privacidade que se segue é o da zona de trabalho. Nesta é possível algum contacto com o meio circundante, sendo que a barreira que o circunscreve é apenas psicológica – este espaço está delimitado pela zona do quarto que a ele se sobrepõe, a uma cota superior. Finalmente, a zona de circulação, que de todo o habitáculo, será considerada a menos privada, uma vez que contacta diretamente com o revestimento exterior do objeto, a pele, esqueleto e casca, que conseguem o equilíbrio entre a permeabilidade relativa, referente ao exterior, e aconchego do interior, através do contacto visual entre interior e exterior em alguns momentos em que as angulosas faces da chapa assim o permitam.

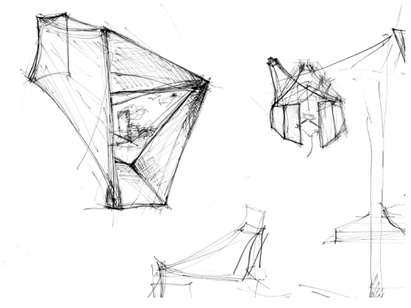
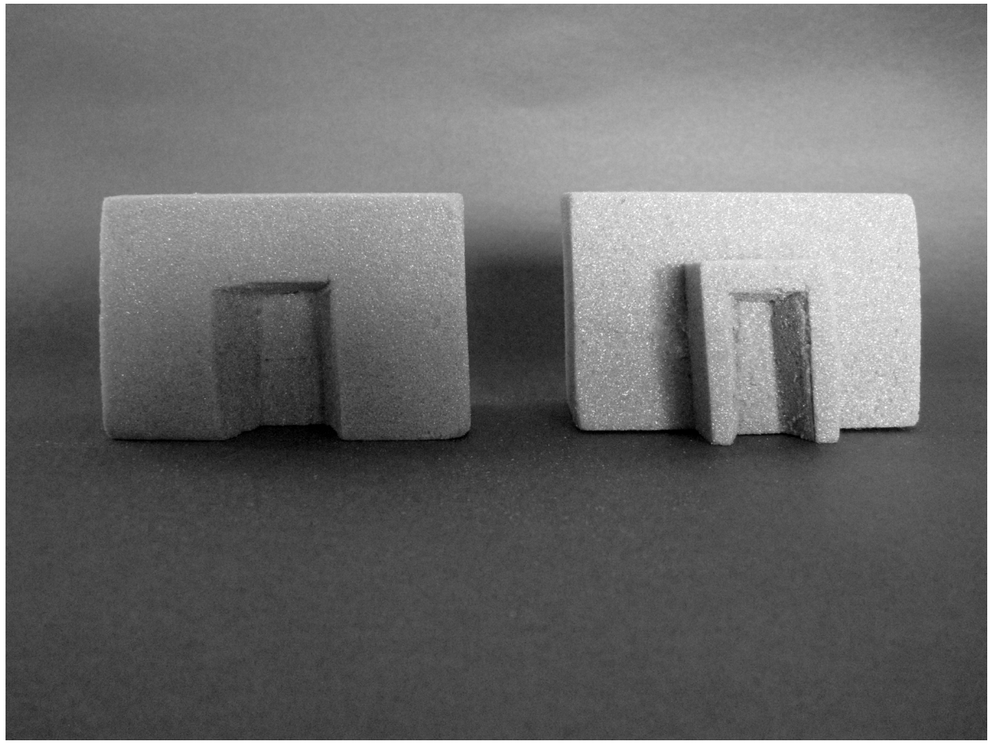
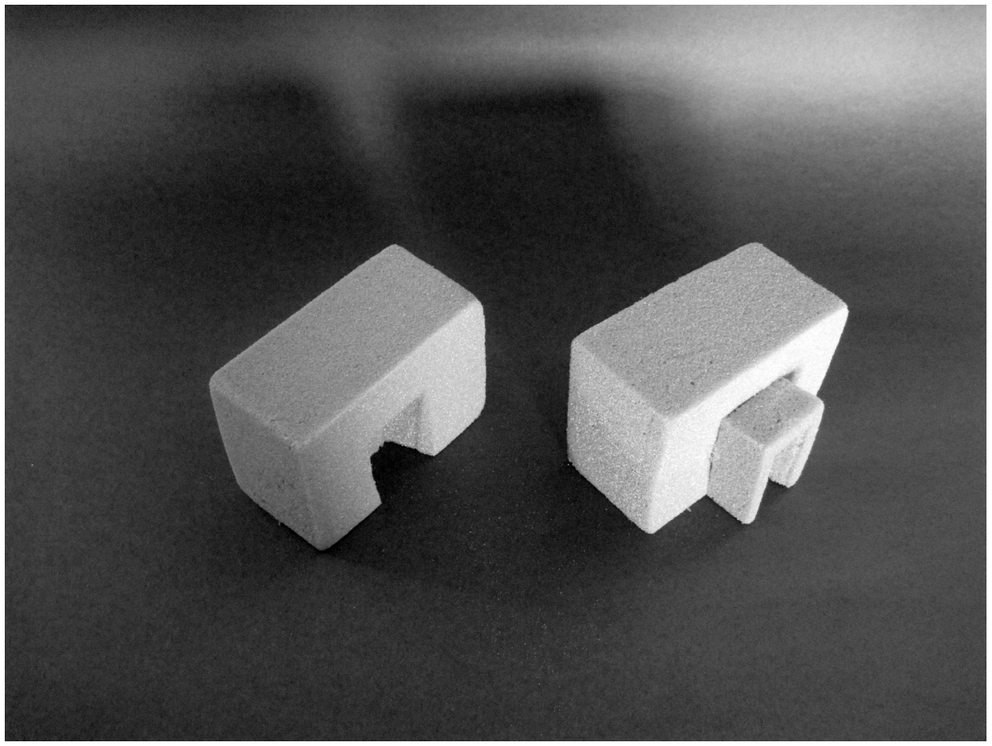


Imagem 117
Esquiço das primeiras ideias das entradas de luz no habitáculo e sua relação com o interior.

Imagem 118
Esquiço para o estudo da forma e localização dos vãos do habitáculo.





Imagens 119 e 120
Maquetas realizadas para efeitos de estudo do acesso ao habitáculo.
A concavidade em oposição à convexidade como convite ao usufruto do espaço.
A concavidade como corpo que penetra no espaço, e a convexidade como corpo que emerge do interior do espaço.

2.5.3 PROGRAMA FUNCIONAL DE CADA MÓDULO TIPO

Cada módulo tipo é então composto por:

1. Zona de trabalho;
2. Módulo de banho;
3. Módulo sanitário;
4. Escadas de acesso ao quarto trabalhadas como peça de mobiliário;
5. Módulo de quarto.

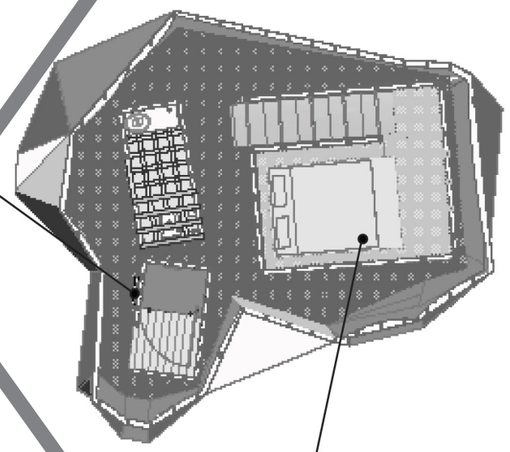
A intimidade deste espaço é conferida pelas caixas interiores que o compõe, uma vez que todos os corredores criados nas concavidades entre as caixas e entre planos são permeáveis não só à luz, pelos materiais que compõem o invólucro do espaço comum, mas também a uma relação mais interativa com o exterior que o circunda. Aqui, a função interior de cada compartimento é apenas sugerida por pequenos pontos de fuga perspéticos entre os planos que os compõe, que oferecem uma dimensão dinâmica ao espaço quando tidos como estreitos feixes de luz; que não sendo imediatamente percecionados, leva-nos a percorrer o espaço na sua plenitude para os conseguirmos alcançar.

ENTRA AQUI O DESDOBRÁVEL GRANDE

Mapa de mobiliário
Cocoon



Andy, Diogo Fria
para WEWOOD





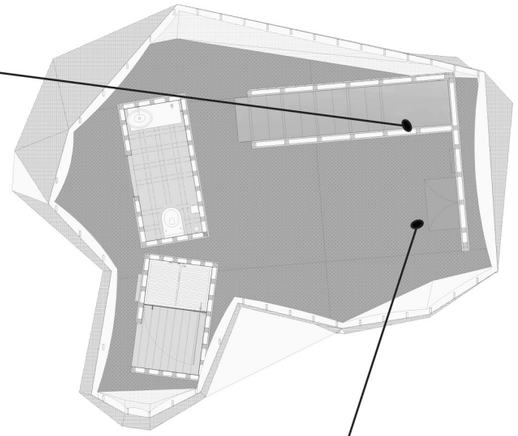
Pipe, Herzog & De Meuron
para Artemide

Walnut Veneer bed,
da Metrofarm





Wood, Ray & Charles Eames
para VITRA



Wood, Ray & Charles Eames
para VITRA



gama Cosmopolitan,
para Grohe

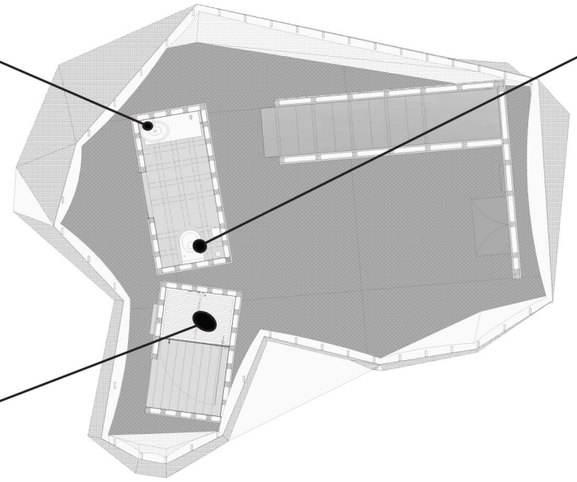


gama Cosmopolitan,
para Grohe

gama AXOR, Philippe Starck
para Hansgrohe







gama Organico,
da Bisazza



Tatami, Ludovica+Roberto Palomba
para Cerâmica Flaminia

gama Cosmopolitan,
da Grohe

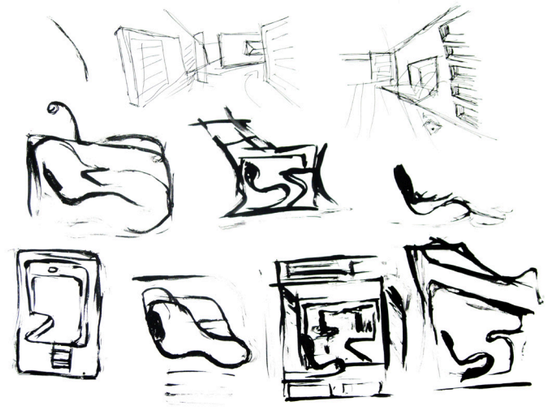


Wall-Hung, Sunrise collection
da Vitra



A ZONA DE TRABALHO

Ao penetrar no interior de conforto, deparamo-nos desde logo com a zona de trabalho, que de todos os blocos será aquele que possui menor privacidade.

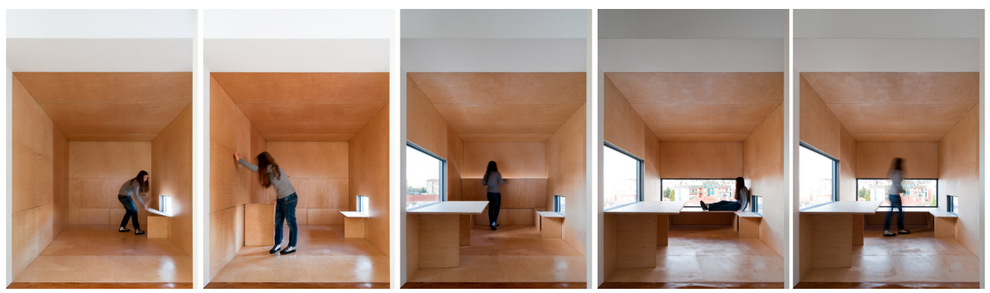


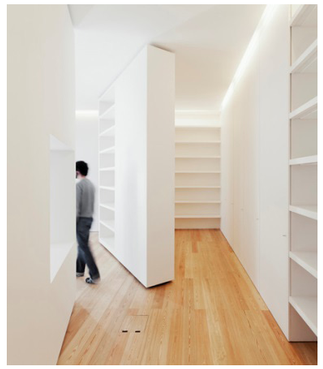
Circunscrito a uma parede multifuncional que integra todas as funções necessárias à atividade de trabalho, que vai da cota zero à cota do quarto, e é conseguida por planos rebatíveis, materializados por barrotes de madeira de riga revestidos a contraplacado de madeira de Bétula, planos que quando rebatidos fazem aparecer o mobiliário de trabalho, como que numa metamorfose que responde às necessidades de conforto e flexibilidade, num ambiente de pleno "esvaziamento" e simplificação dos espaços, em obediência ao programa funcional e ao espírito de prefabricação requerido pelo objeto arquitetónico.

Nesta conceção percebe-se a influência das paredes multifuncionais da "Casa da Escrita", projeto de João Mendes Ribeiro, em Coimbra, mas sobretudo, das suas áreas de trabalho articuladas como a que projetou para a Casa Robalo Cordeiro, esta sim, uma forte inspiração para a projetação do nosso espaço de trabalho. Este espaço encontra-se tencionado pelo bloco que o delimita a uma cota mais elevada - o quarto, o ninho.

Imagem 122
Esquiço procura da zona de trabalho

Imagem 123
Casa Robalo Cordeiro de João Mendes Ribeiro, Coimbra 2009
Fotografia de Fernando Guerra,
in Últimasreportagens.com





Segue-se uma articulação de planos que formaliza um corredor. Este estreita-se à nossa passagem, para depois se reabrir dando acesso às zonas de maior privacidade: primeiro o bloco/área sanitária; depois o bloco/zona do banho; e finalmente o espaço de elogio máximo ao conforto e intimidade, o quarto. Para aceder a cada um dos blocos funcionais, esta micro-arquitectura tem de ser percorrida na totalidade, requerendo tempo para ser percorrido e apreendido. O sentido de *promenade architecturale*[38] surge neste projeto para acentuar a ideia de percurso demarcado pelos volumes que materializam este interior confortável, através dos quais se dá uma descoberta do espaço. Este conceito contraria o senso de velocidade e aceleração que envolve este ninho urbano com o interior alheio ao senso de aceleração; é dado o momento de paragem e repouso no contínuo transitar (Le Courbusier 1929, em Jeanneret, 1934).

Imagem 124
Casa da Escrita de Jo.o Mendes Ribeiro, Coimbra 2010
Fotografia de Do mal, o menos,
in Archdaily.com

[38] O conceito da *promenade architecturale*, ou o passeio arquitetura passa pela valorização do percurso como uma estratégia conceptual. O conceito realiza-se através de um conjunto de propriedades materiais, trabalhado conscientemente com o objetivo de realizar a ideia de variação do percurso, obrigando à experiência do objeto arquitetónico em diferentes posições e pontos de vista e variando constantemente a relação entre o objeto e o utilizador / espetador do espaço.(*Le Corbusier, em Jeanerett. 1929-1934, p. 24*).

A ESCADA COMO PEÇA DE MOBILIÁRIO

A escada, foi projetada simultaneamente como um corpo definidor de todo o espaço da unidade, mas também enquanto peça de mobiliário multifuncional. A ideia de uniformização do princípio construtivo da estrutura foi a base da sua conceção, bem como de todo o projeto. Achámos coerente acentuar essa ideia, transportando-a do esqueleto para o interior, assumindo o despojamento de ornamentos em todos os espaços do abrigo. Aqui a escada assume também a função estrutural de suporte ao piso superior.

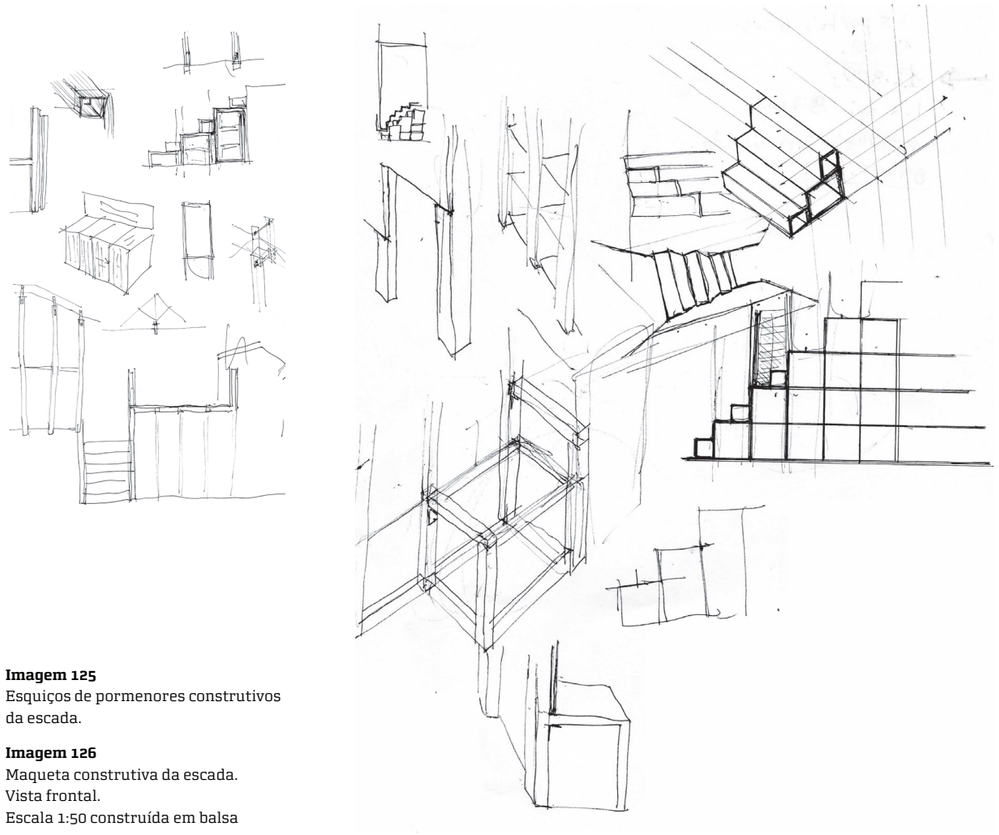
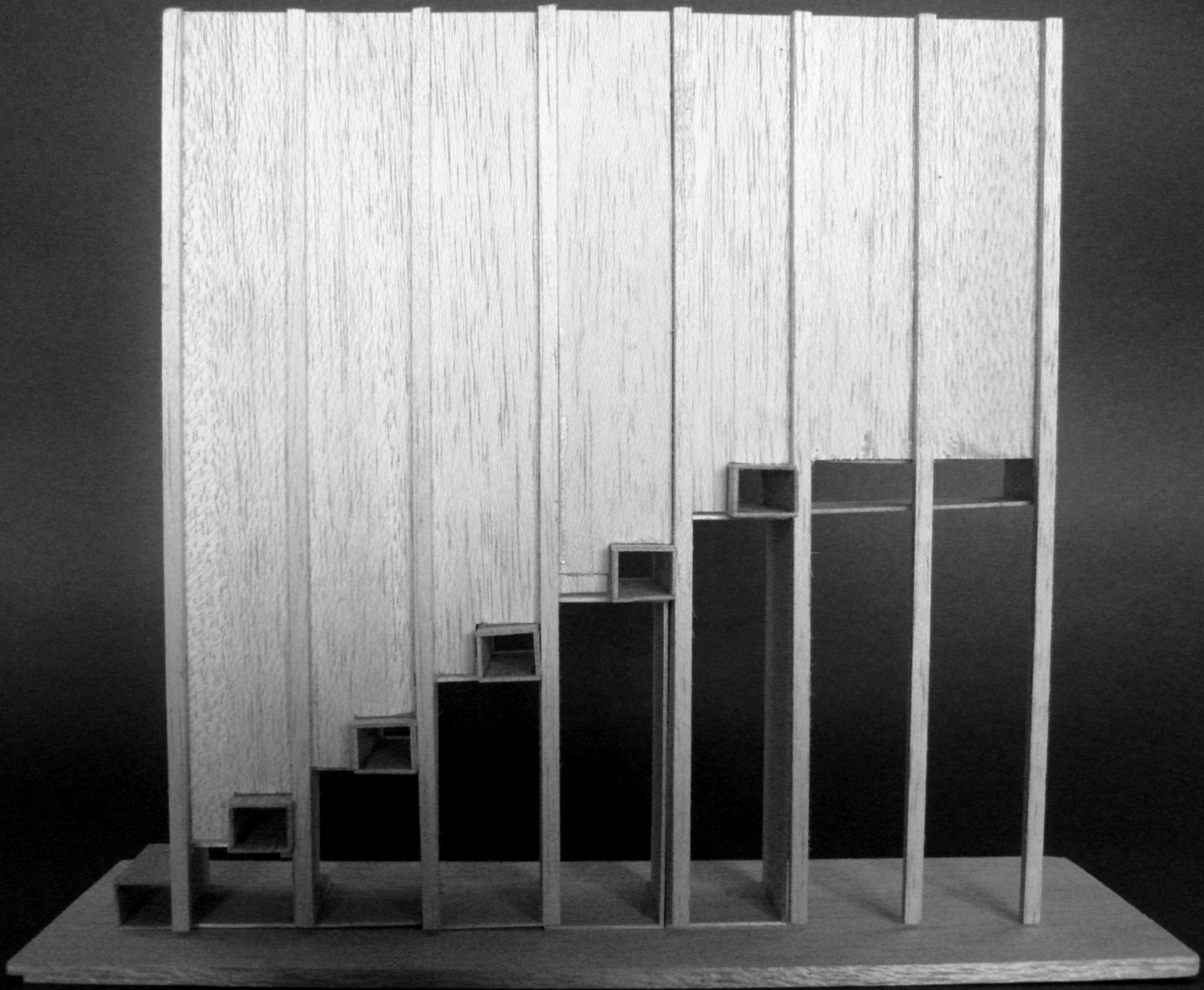


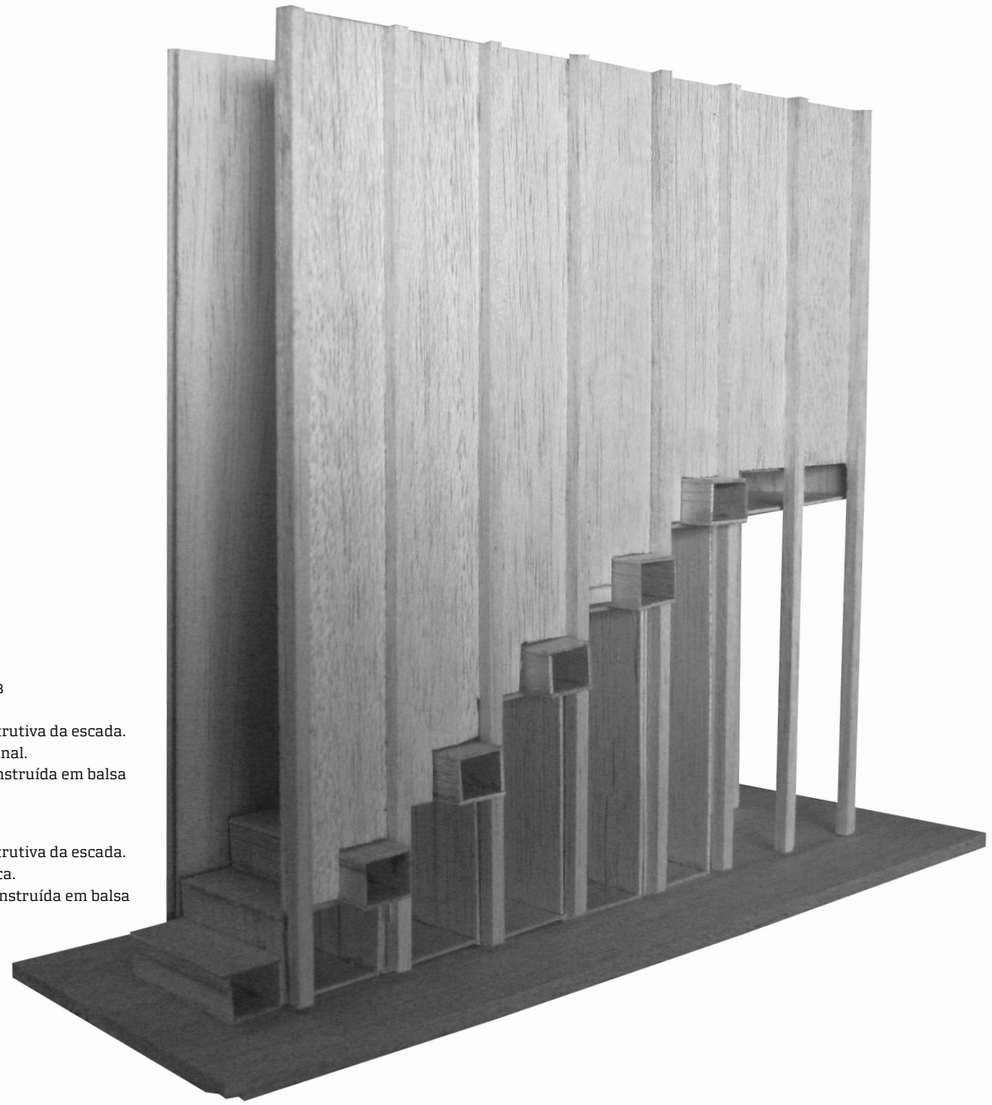
Imagem 125
Esquiços de pormenores construtivos da escada.

Imagem 126
Maqueta construtiva da escada.
Vista frontal.
Escala 1:50 construída em balsa



ENTRA AQUI O DESDOBRÁVEL COM O DESENHO TECNICO DA ESCADA

A estrutura de madeira que a suporta foi inteiramente assumida e tornada aparente, tendo o conjunto sido desenvolvido como se de uma peça de mobiliário se tratasse, funcionando com múltiplas funções, de escada, prateleira, espaço de arrumação, em que o utilizador dispõe os seus pertences como entende, "reorganizando" a atmosfera.



PÁGS. 122 E 123
Imagem 127
Maqueta construtiva da escada.
Vista longitudinal.
Escala 1:50 construída em balsa

AQUI
Imagem 128
Maqueta construtiva da escada.
Vista perspética.
Escala 1:50, construída em balsa

A ideia de portabilidade e estandardização do projeto foi transportada para dentro, obrigando a que o espaço interior e os elementos estruturais que o sustenta (barrotes de madeira de riga) sejam simultaneamente fáceis de montar e suficientemente robustos para suportar a carga dos elementos que compõem o invólucro da micro-arquitetura.

Na zona do banho e sanitária, por se tratar de ambientes com elevados teores de humidade, foram previstos revestimentos interiores de vidro, estando a sua verticalidade perfeitamente assumida juntamente com a estrutura.

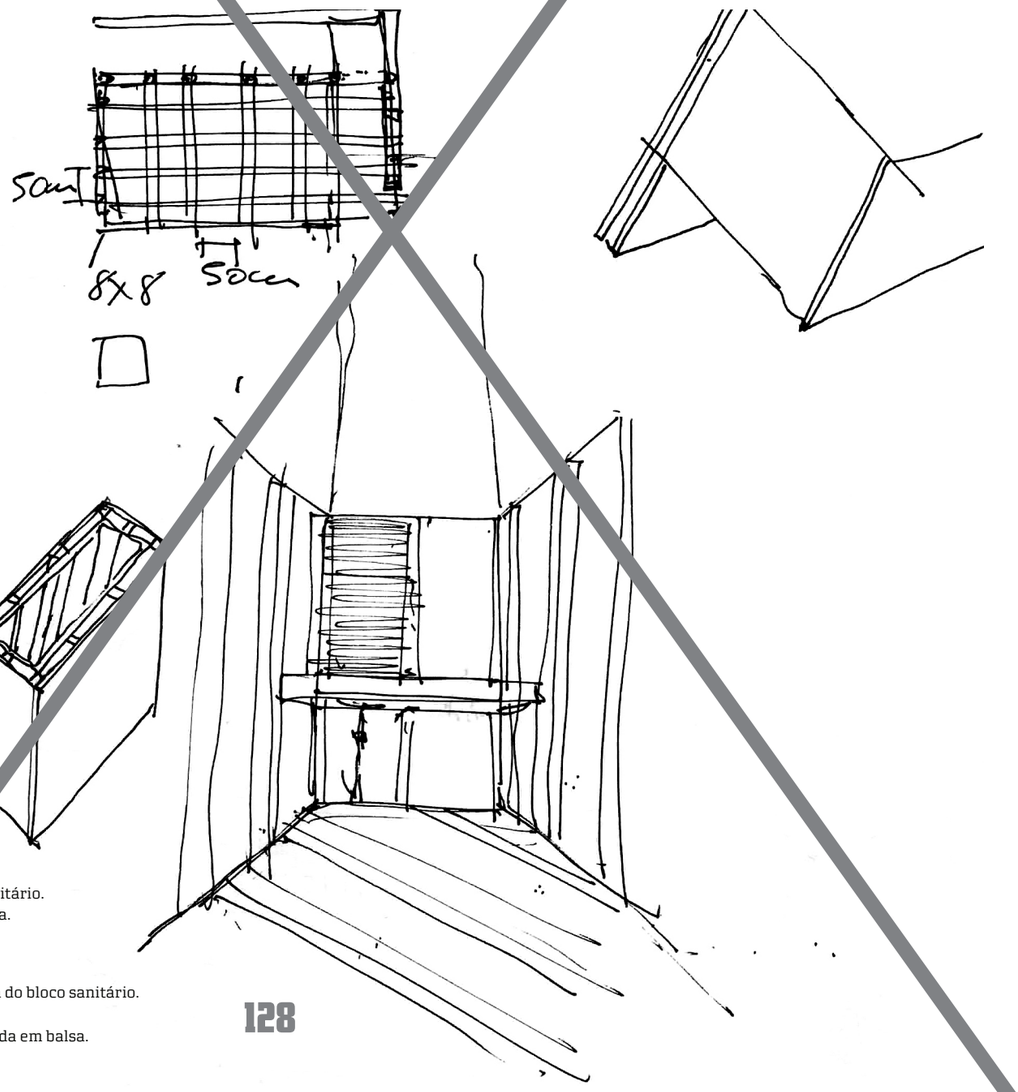
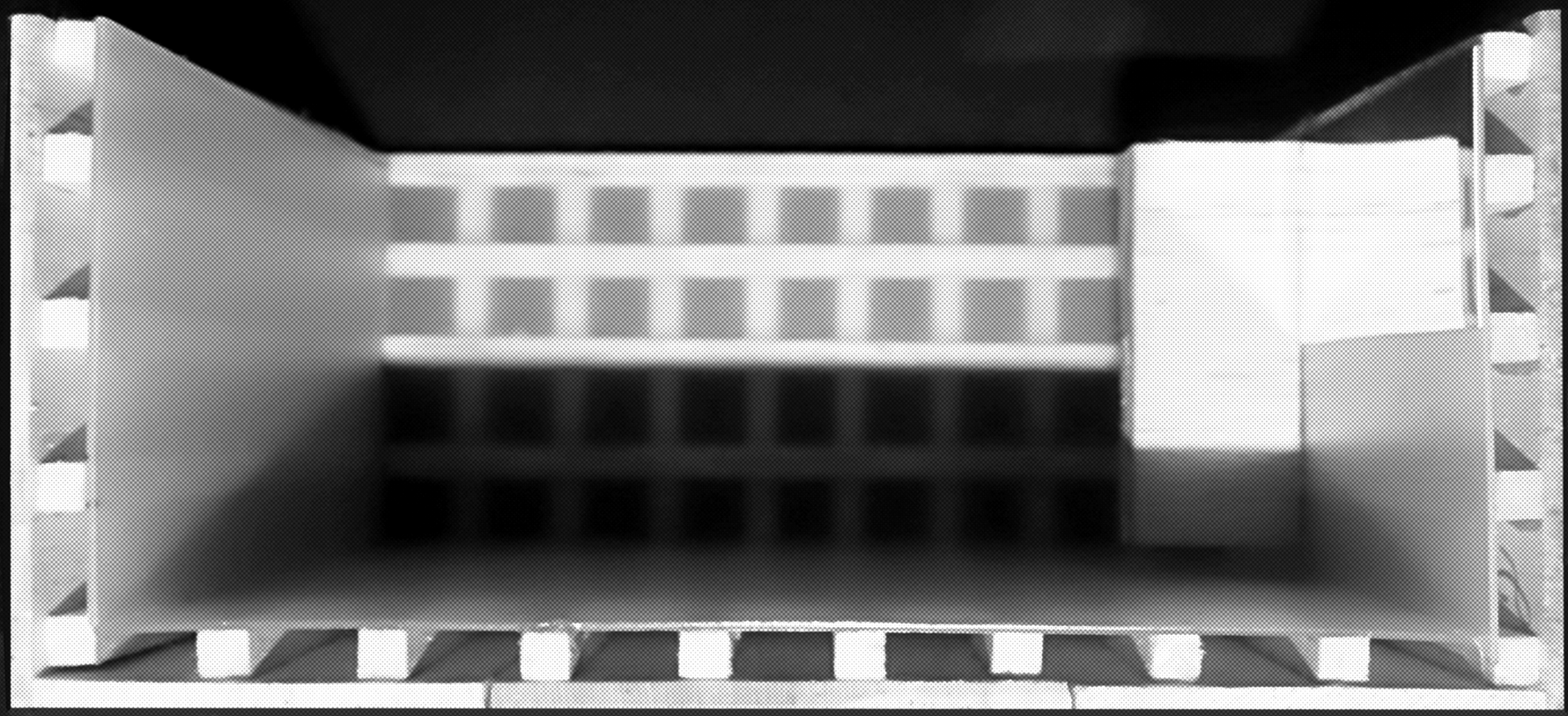


Imagem 1
Esquiço do bloco sanitário.
A estrutura assumida.

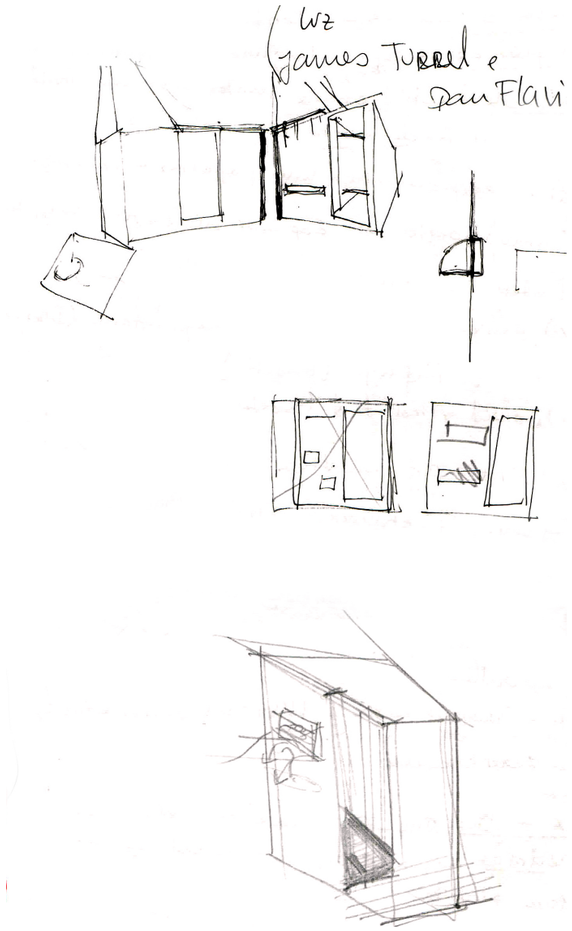
PÁG. 127
Imagem 130
Maquieta construtiva do bloco sanitário.
Vista perspética.
Escala 1:50, construída em balsa.







No exterior, os módulos são forrados com painéis de contraplacado de madeira de bétula, material que possui um bom comportamento térmico, inspira uma sensação de conforto ao utilizador, é de fácil montagem, e transmite quer interiormente, quer exteriormente, uma maior coerência de conjunto, garantindo uma agradável uniformidade cromática.



PÁG. 128
Imagem 132
Maqueta construtiva do bloco sanitário.
Vista longitudinal.
Escala 1:50, construída em balsa.

PÁG. 129
Imagem 133
Maqueta construtiva do bloco sanitário.
Vista transversal.
Escala 1:50, construída em balsa.

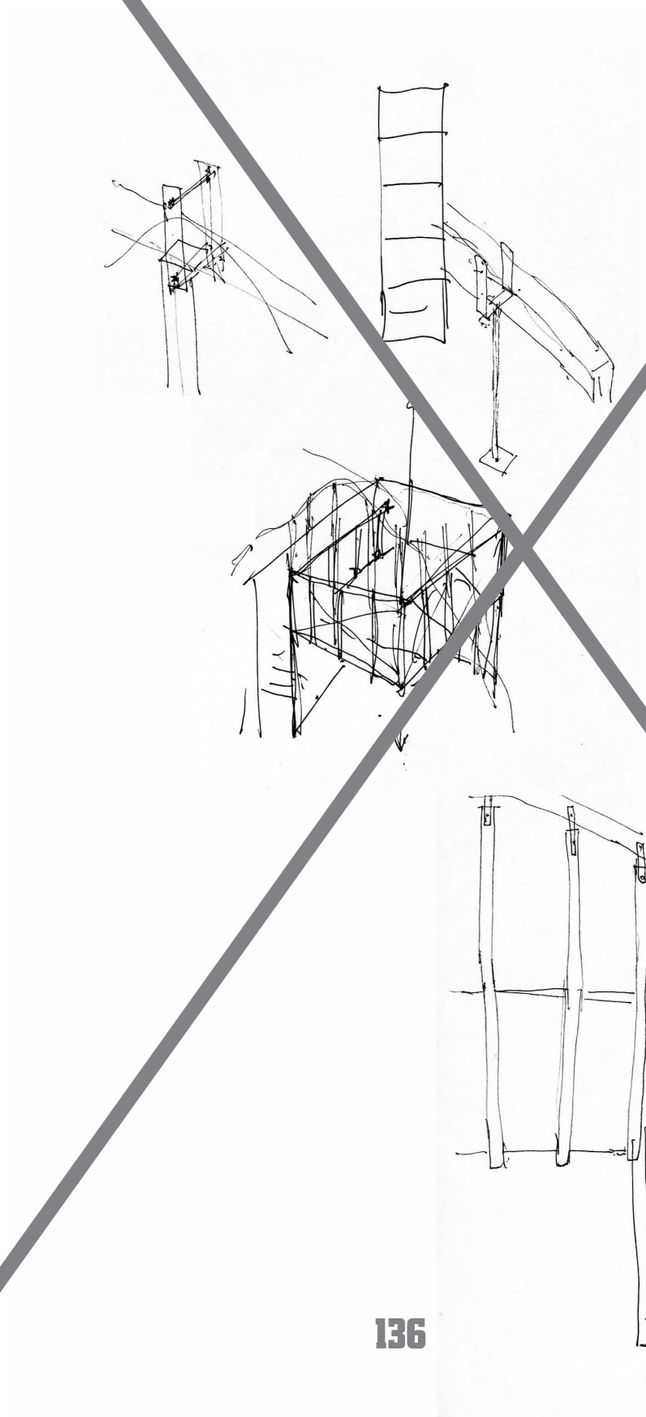
PÁGS. 130 E 131
Imagem 134
Maqueta construtiva do bloco sanitário.
Vista em planta.
Escala 1:50, construída em balsa.

AQUI
Imagem 135
Esquiço de estudo do bloco de banho.
Relação entre blocos e estudos dos rasgos de luz.

ENTRA AQUI O DESDOBRÁVEL COM O DESENHO TÉCNICO CAIXA SANITÁRIO

O QUARTO (NINHO)

Finalmente, o quarto. Este, pelas suas características eminentemente confortáveis foi disposto a uma cota superior, cujo acesso é feito pela escada. A disposição do quarto é justificada pelo seu carácter quase sagrado como o ninho que privilegia o conforto, segurança e intimidade absolutos.



ENTRA AQUI O DESDOBRÁVEL COM O DESENHO TÉCNICO CAIXA DO QUARTO À ESCALA 1:50 EM ANEXO

Este ninho, seguro e confortável, local de refúgio vê o seu interior forrado a feltro (um material constituído essencialmente por pelos de animais ou lãs), e considerado "confortável". Este material, símbolo de calor, segurança e abrigo, é um emblemático marco na obra de *Joseph Beuys*[39], constante inspiração artística na obra de Herzog & De Meuron, com as invulgares inovadoras formas de utilização dos materiais. Um pouco ao jeito do projeto *Clouds* dos irmãos Bouroullec, que também emprega materiais confortáveis, que desenvolve formas que também transmitem a ideia do ninho seguro, que envolve o corpo, aconchegando-o, micro-arquitetura que se sustenta a si própria, crescendo a partir do chão e envolvendo o corpo em pequenos e acolhegantes pedaços de tecido, fazendo lembrar uma nuvem, que nasce das paredes e cresce em direção aos vãos.





Imagens 138 e 139
Cloud, Irmãos Bouroullec. 2008
Fotografia de Lucas Liedke

[39] Pintor alemão, professor e ativista político, Joseph Beuys realizou as suas primeiras obras no âmbito do movimento Fluxus (fundado por Maciunas em 1961) que consistiam em happenings e performances públicas, as quais designava por ações.

Quase todos os seus trabalhos têm uma forte dimensão metafísica e os materiais ganham conotações metafóricas e espirituais. No inverno de 1943, enquanto era piloto, o seu avião despenhou-se próximo da frente russa e uma tribo tártara salvou-lhe a vida, cobrindo-o com feltro para o manter vivo. Desde então, o feltro tornou-se parte integrante de muitas das suas obras. O objeto "Fato de feltro", realizado em 1970, utiliza o feltro, um dos materiais mais emblemáticos da sua obra (a memória dos difíceis momentos da guerra), como símbolo de calor, de segurança e abrigo. Beuys desenvolveu uma significativa ação pedagógica enquanto professor de escultura na Academia de Belas-Artes de Düsseldorfentre 1961 e 1972 (Vásquez Rocca, 2008).

ENTRA AQUI O DESDOBRÁVEL COM O DESENHO TÉCNICO CORTE 00' LONGITUDINAL DO QUARTO À ESCALA 1:50 EM ANEXO

ENTRA AQUI O DESDOBRÁVEL COM O DESENHO TÉCNICO CAIXA BANHO À ESC. 1:50 EM ANEXO

OS MÓDULOS SANITÁRIO E DE DUCHE — OS SEUS BANHOS DE LUZ

Por último, com os lanternins horizontais da zona de banho, o duche, procurámos criar um efeito de luz indireta, simulando o contacto permanente com o exterior, com o céu, como acontece na obra do genial arquiteto Peter Zumthor, nos seus banhos de luz, do fantástico projeto das Termas de Vals.



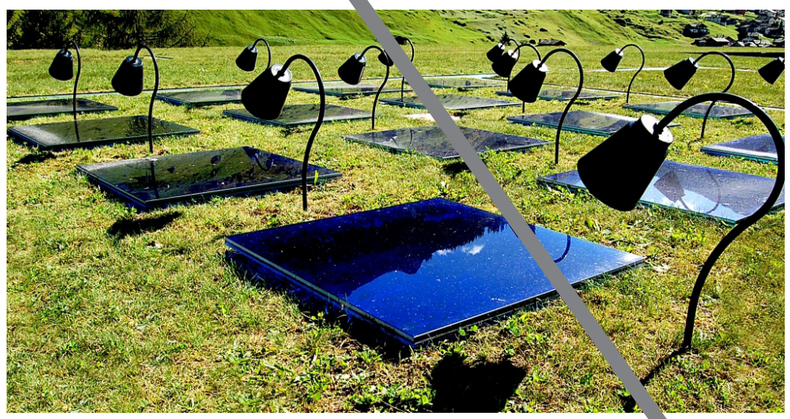


Imagem 34
Termas de Vals, Peter Zumthor

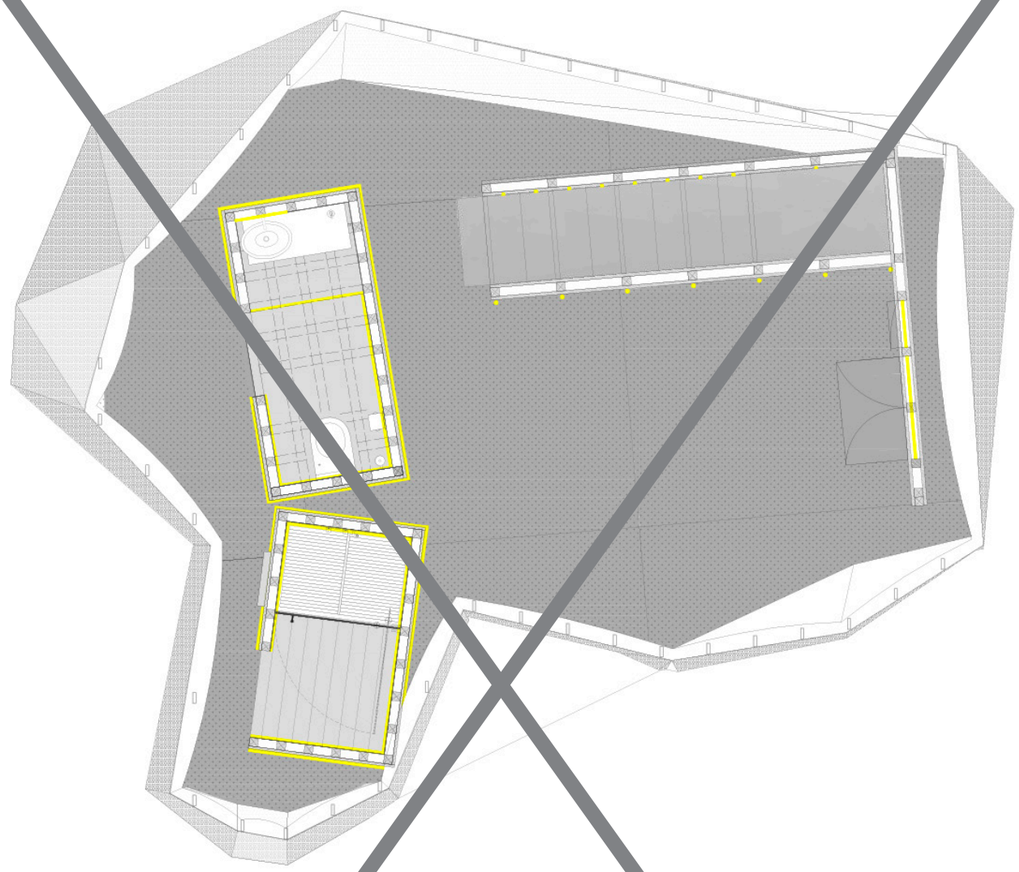
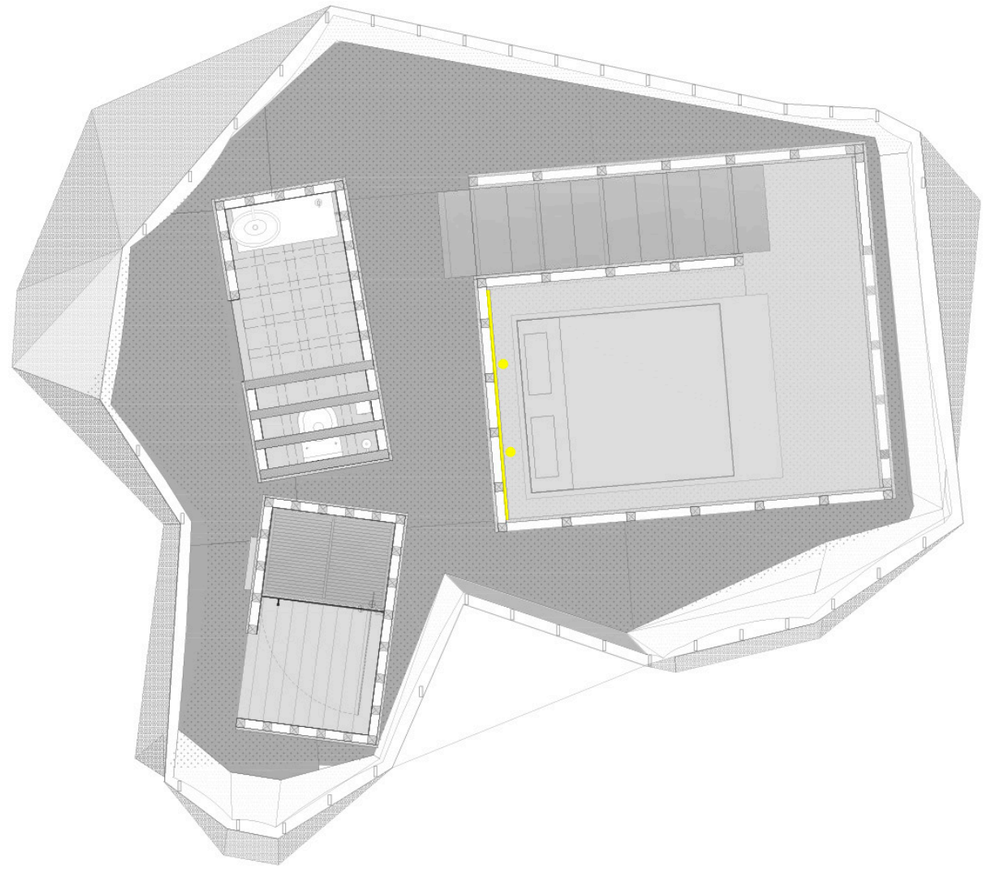


Imagem 144
Estudo lumínico do interior do objeto
Desenho Técnico à escala 1:100



Luminária Tipo 01

GROUND catálogo ZERO O/M
Projector em LED de encastrar
no piso ou na parede

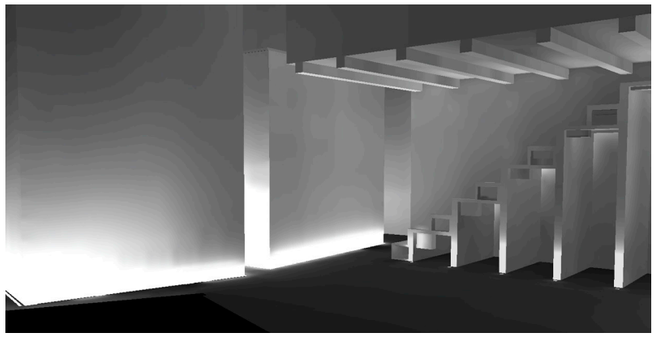
Luminária Tipo 02

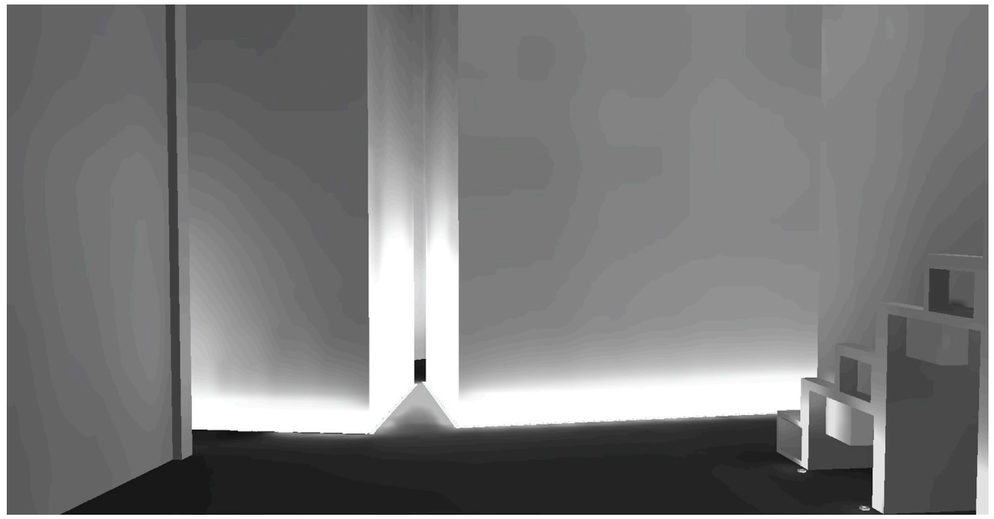
LED LINE catálogo ZERO O/M
Fita de LED flexível fornecida à medida
e com o módulo de aplicação completo

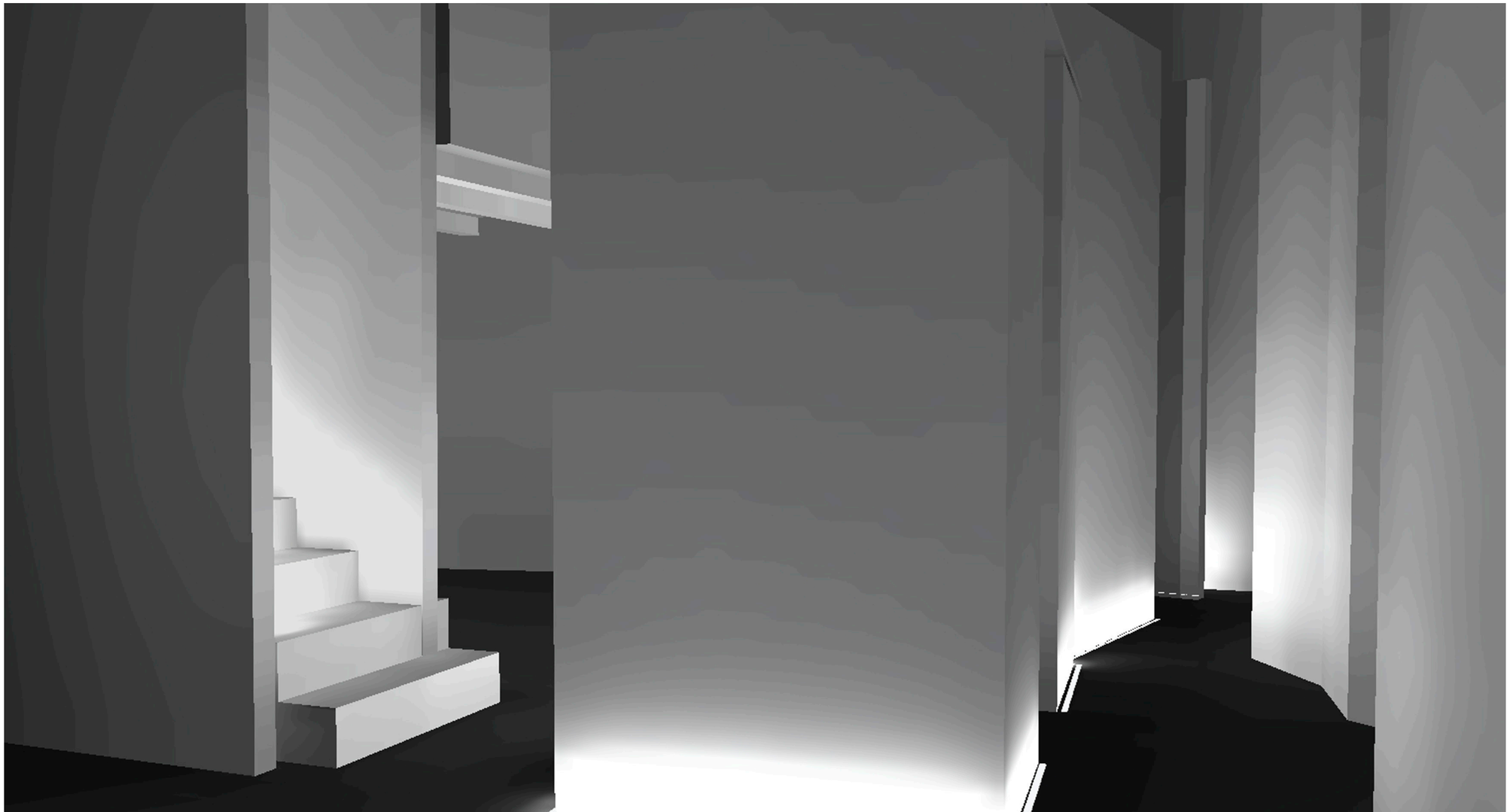
Luminária Tipo 03

Luminária de leitura de aplicação interior
em LED com estrutura flexível e base de
encastrar na parede.

Em auxílio não só dos lanternins e vãos que invadem o espaço interior com a sua luz filtrada, como também de toda a(luminicamente) permeável casca deste habitáculo; desenvolvemos um cuidado estudo lumínico do interior, servindo-nos das ferramentas necessárias para o efeito, conduzindo-nos à criação de interessantes atmosferas, sobretudo noturnas.







Imagens 146, 147 e 148
Renders de iluminação do habitáculo.
· Espaço de trabalho;
· Acessos aos diferentes módulos interiores;
· Efeitos de luz nos rasgos entre blocos.

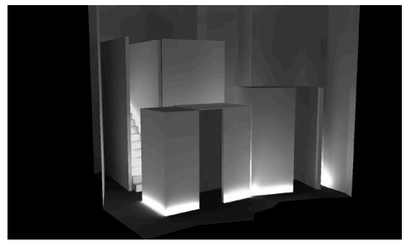
Proposta de iluminação

A par da corrente intervenção da luz zenital que dá vida própria a este espaço; foi também pensada a iluminação artificial do espaço para situações de utilização noturna.

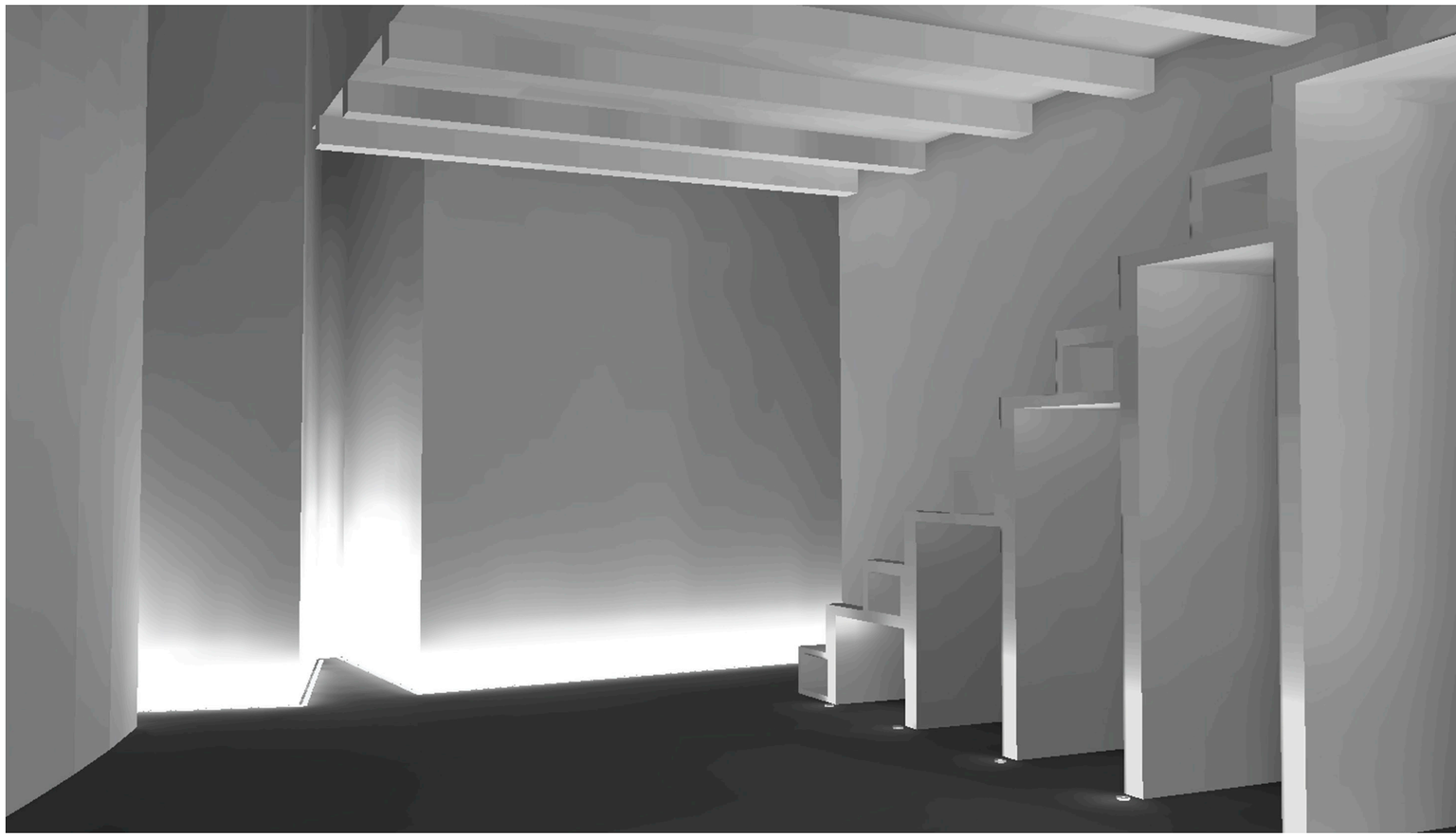
Através de ferramentas próprias para o efeito (um software destinado ao cálculo de iluminação - DIAlux) , foram simulados os ambientes apresentando a nossa proposta de iluminação artificial.

Esta seria feita maioritariamente recorrendo à tecnologia LED, aplicada a luminárias, como candeeiros para leitura ou em fita aplicada sobre a estrutura de madeira (com rasgos, previamente pensados e feitos nas placas de madeira) de cada uma das caixas e pavimento, permitindo uma iluminação periférica do espaço.

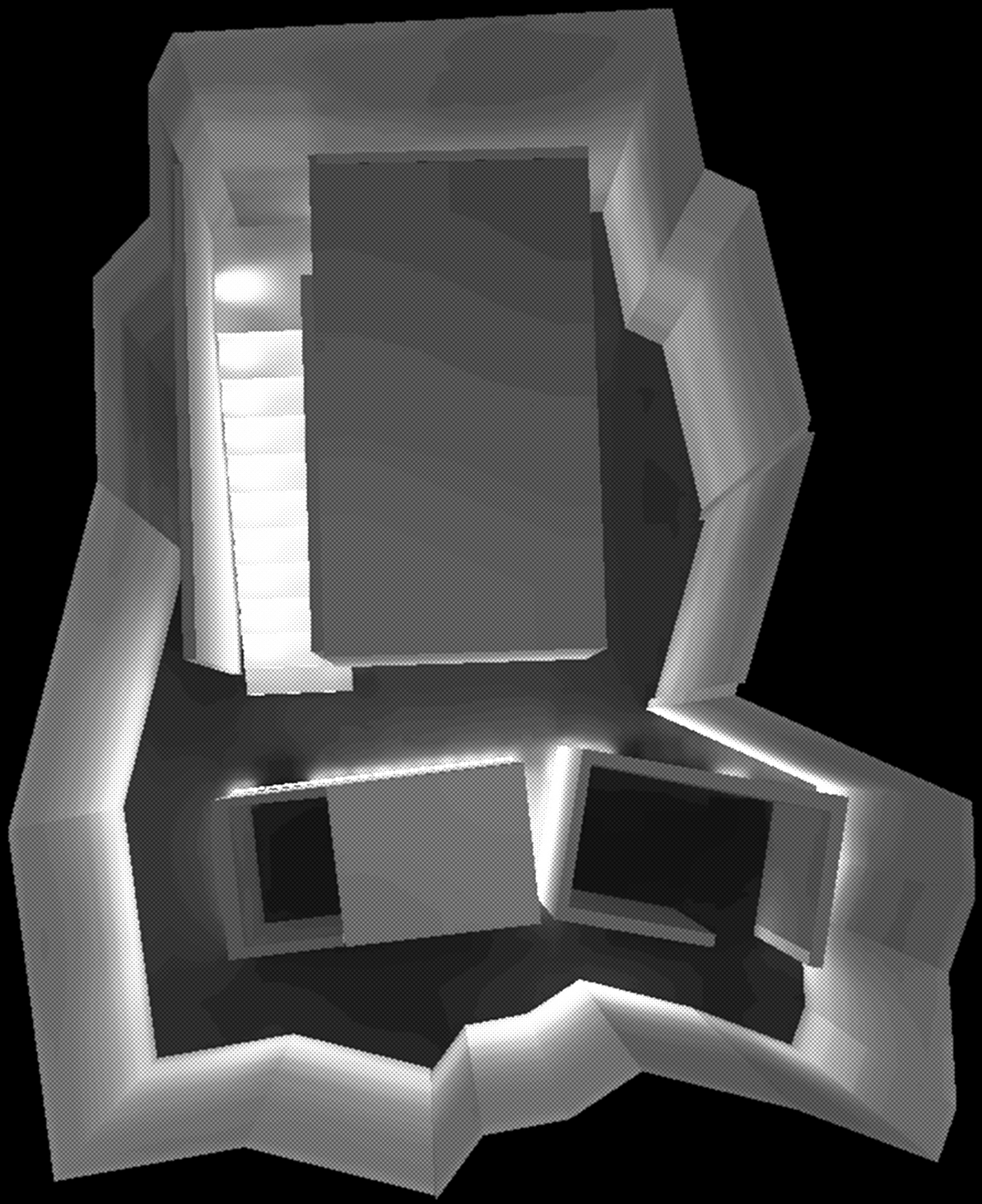
(estudo luminotécnico e produtos escolhidos em anexo)





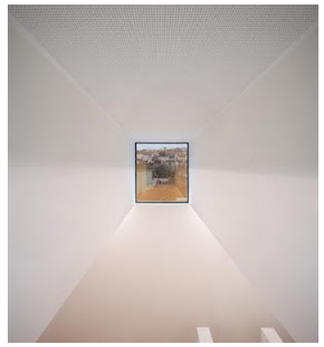


Imagens 149, 150, 151
Renders de iluminação do habitáculo
· Relação dos diferentes módulos interiores;
· Espaço de trabalho;
· Efeitos de luz nos rasgos entre blocos.













PÁGS. 146 E 147
Imagem 152
Renders de iluminação do habitáculo.
· Vista conjunta do habitáculo.
· Vista em planta.

AQUI
Imagem 153
Render de iluminação do habitáculo.
· Bloco de banho.

Imagem 154
Render de iluminação do habitáculo.
· Bloco sanitário.

Imagem 155
Imagem de referência para os lanternins do habitáculo.
Casa das Caldeiras 2006 a 2008, Coimbra, João Mendes Ribeiro e Cristina Guedes.
Fotografia de Psarq. in Flickr.com.

Imagem 156
Biblioteca, Rovaniemi 1963-1968. Alvar Aalto. Fotografia de Josep Maria Torra, in Flickr.com

Imagem 157
Mosteiro de la Tourette, Le Corbusier, 1957-60, Eveux-sur-Arbresle, perto de Lyon, França.
Fotografia de MVK Architects, in Flickr.com

Na verdade, um mesmo espaço pode ser organizado por forma a dar diferentes impressões espaciais, mediante o simples expediente de mudar as suas aberturas. Cada alteração feita com uma janela transforma profundamente todo o caráter da sala.

ESQUEMA DE MONTAGEM

Enquanto designers de interiores, pensámos este artefacto nómada como uma peça de mobiliário, seguindo processos semelhantes aos da estandardização, numerando cada componente da estrutura, para facilitar o processo de montagem. Todos os sistemas construtivos foram pensados e customizados para que o esqueleto (a estrutura), a pele (a tela) e a casca (a chapa distendida) e ninho – interior fossem "fáceis de vestir e de despir"(de fácil montagem e desmontagem), facilitando a transição entre espaços. A armação exterior foi integralmente arrogada, com a particularidade de ter sido pensada segundo as leis da prefabricação, em que cada um dos perfis tubulares de aço tem uma estereotomia singular e é feito de uma única peça. Cada uma das peças foi numerada (através de um sistema de identificação por números e letras, inscrito em cada perfil), esquema seguido de forma transversal a todo o projeto, no interior da micro-arquitetura, nas peças que formam as paredes interiores, e nos vários módulos da chapa distendida.

ENTRA AQUI O DESDOBRÁVEL COM O ESQUEMA DE MONTAGEM

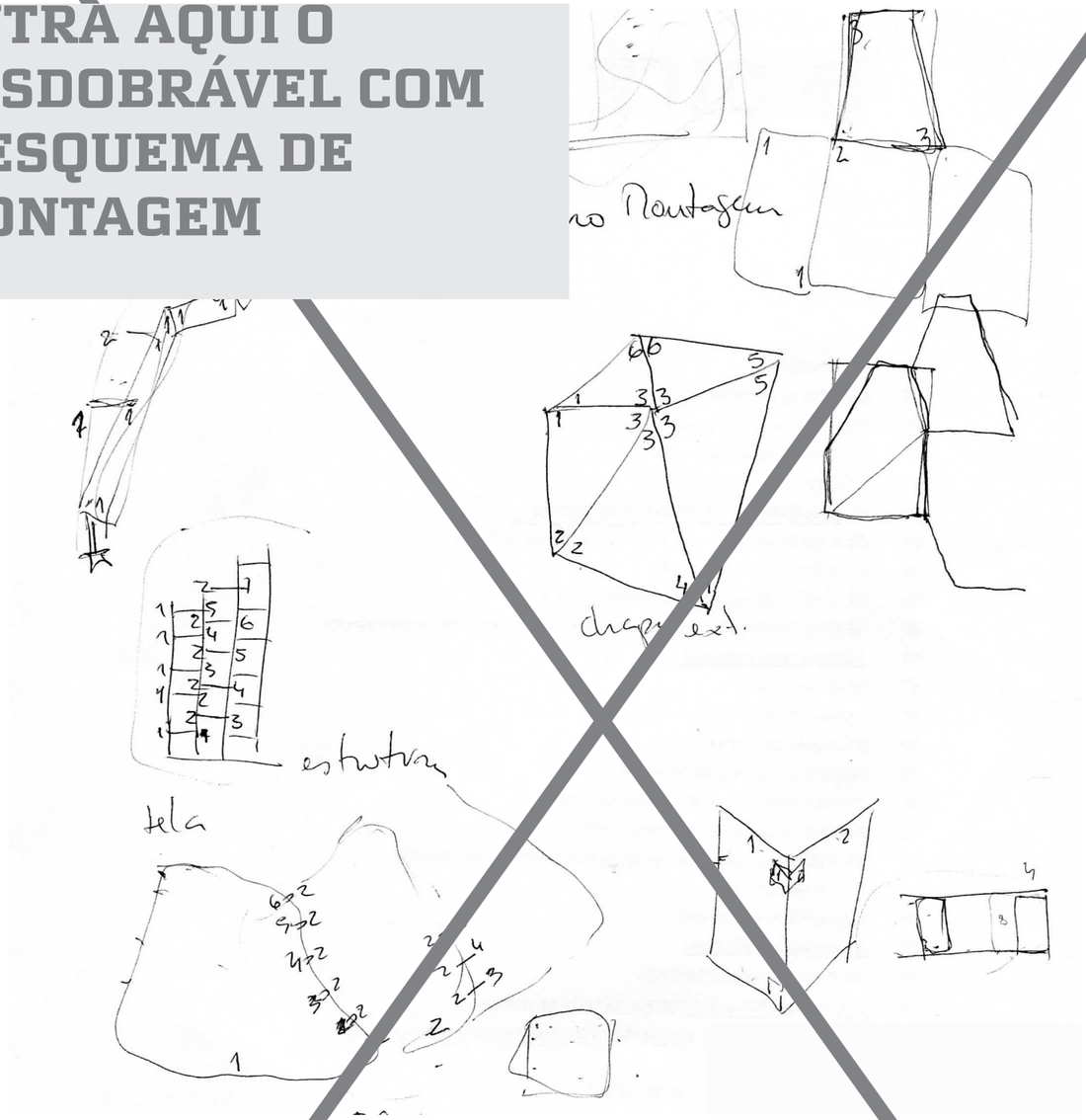
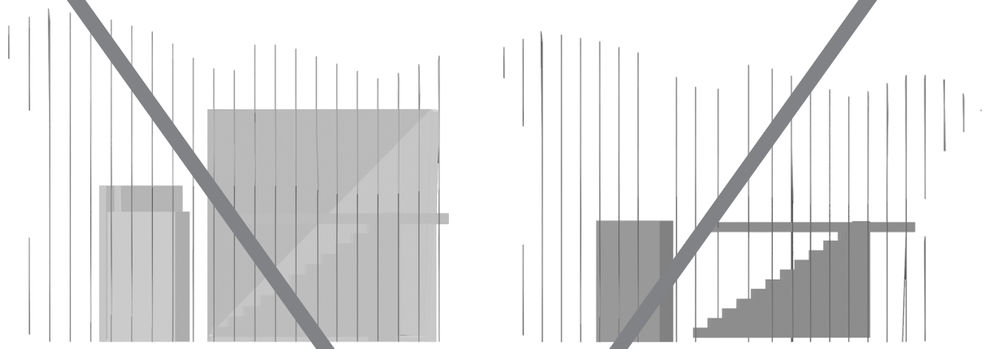
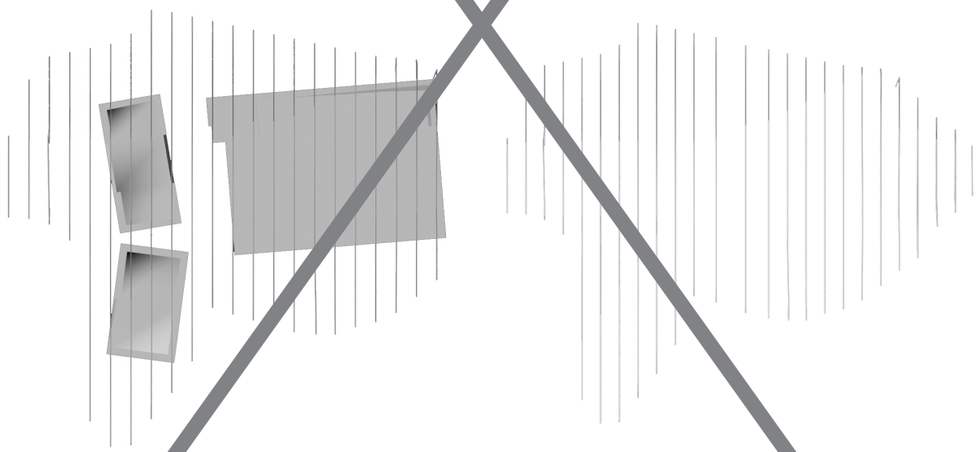


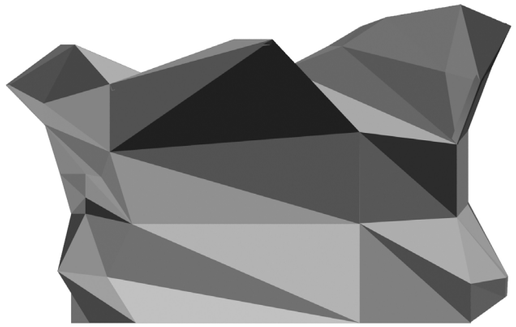
Imagem 157
Esquiço de esquema de montagem

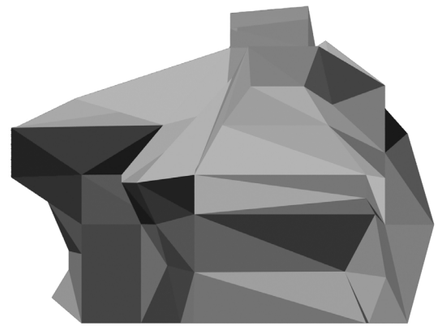
AQUI DENTRO
Imagem 158
Esquema de montagem





Imagens 159, 160, 161 e 162
Modelação 3D do esquema de conceção do objeto





Imagens 164, 165, 166 e 167
Modelação 3D do esquema de conceção do objeto

Imagem 168
Modelação 3D do esquema de conceção do objeto

Imagem 169
Modelação 3D do esquema de conceção do objeto

2.6
O PROCESSO – METODOLOGIA DE TRABALHO

Acreditamos e esperamos que a crescente oferta de produção de unidades hoteleiras, para pessoas em trânsito – os novos nómadas urbanos –, venham a aderir progressivamente a conceitos e soluções de baixo-custo para o utilizador, resultando em espaços adaptados às novas exigências de transitoriedade e de efemeridade da sociedade atual, características que são, afinal, a questão central deste trabalho.

Para dar início ao processo de projetação, o primeiro passo foi compreender quais as reais necessidades e qual seria a aceitação de um projeto desta natureza, inserido no contexto urbano da cidade do Porto, e quais as necessidades do público-alvo ao qual o projeto seria dirigido. Para responder com clareza, rigor e eficácia às exigências do nómada urbano, foi necessário identificar e compreender as características mais relevantes que um espaço desta natureza deve oferecer.

PASSO 1

Procurámos identificar os atributos imprescindíveis à elaboração do programa funcional deste micro-hotel, realizando uma série de entrevistas a figuras representativas do público-alvo nacional. Desta amostra fizeram parte o gestor de uma grande empresa, um elemento de direção de um atelier de arquitetura, e um viajante jovem, estudante de Erasmus. As informações recolhidas com base nestas entrevistas surgem em anexo.

PASSO 2

Compreendidas as necessidades requeridas a espaços desta categoria móvel, o passo seguinte foi analisar e aproximar o nosso projeto aos conceitos introduzidos por aqueles que tratam e projetam segundo estes mesmos critérios. Os irmãos Bouroullec, propõe a ideia de micro-arquitectura[42] que transcende o design de produto, passando da escala do mobiliário para uma escala intermédia, incomum, mais pequena que a arquitetura, mas maior que a do objeto (Bouroullec, 2003). O nosso projeto baseou-se nesta flexibilidade e simplicidade, empregando a lógica do produto como elemento autónomo.









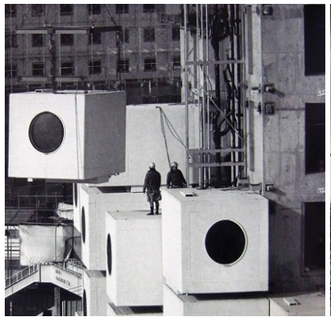
Imagem 170
Referência projetual de unidades mínimas cabane, 2001, Irmãos Bouroullec. Fotografia de Morgane Le Gall, in bouroullec.com.

Imagem 171
Cloud, Irmãos Bouroullec, 2008
Fotografia in Flickr.com

EM BAIXO
Imagens 172 e 173
Referência projetual de unidades mínimas Lit Clos, Irmãos Bouroullec. Fotografia de Ellen Himelfarb, in Wallpaper.com.

[42] "Estes artefactos mostram como podemos habitar espaços livres e modificá-los de maneira a servir as nossas necessidades.", (Bouroullec,2003, p.12, tradução livre).

Inspirando-nos também nos Capsule hotels[43] japoneses, preenchemos o espaço sugerindo áreas de atividade, sem condicionar totalmente cada espaço, sem prejudicar as suas funções específicas. O espaço criado tornou-se intimista, reproduzindo a ideia de um casulo[44] – cocoon – que vai tomando novas formas, adequando-se às necessidades reais dos utilizadores, permitindo um uso pontual e eminentemente fugaz, de curta duração, para criar a dinâmica de mobilidade do público-alvo.





Imagens 174 e 175
Nakagin Capsule Hotel, Arquiteto Kisho Kurokawa, Tokyo, 1972
Fotografia de TYO, in Flickr.com

PASSO 3

Começámos então a projetar. Para a procura das áreas mínimas para o interior deste espaço, começámos por pensá-lo bidimensionalmente com um exercício que constou de uma recolha de imagens em suporte de papel, e um processo posterior de colagem e assemblagem, centrada na temática do espaço interior e seus objetos.

[43] Warren Chalk, do grupo Archigram, (contemporâneo de Kurokawa – primeiro utilizador da palavra cápsula, em 1964) explorou a noção de arquitetura de cápsula, construída para uso pontual. A sua eventual substituição e remoção ao longo do tempo, dependia das necessidades espaciais dos inquilinos. A conexão entre unidades podia transformar um apartamento numa unidade que acomodasse uma família inteira (Arief & Burkhart, 2002, p. 32). Kurokawa foi o pioneiro do conceito de arquitetura das cápsulas, mas esta não foi a primeira abordagem à temática de espaço mínimo contemporâneo. Já nos anos 50, Le Courbusier, com a sua Le Cabanon, projetou um espaço mínimo de habitação, para duas pessoas, em que o mobiliário funcionava como componente espacial, para dividir as diferentes áreas habitáveis (Galfetti, 2002).

[44] "Estes elementos são porosos, mas impermeáveis, exceto à luz. Protegem e apreendem. A proteção envolve a demarcação do território. Receber, significa construir uma fronteira. Estas estruturas leves implicam reversibilidade, seguindo o ritmo evolutivo da vida, tendo a casa como um abrigo" (Bouroullec, 2003, p.170, tradução livre).



Imagens 176, 177 e 178
Exercício de procura de espaços mínimos. Técnica de colagem e assemblagem.

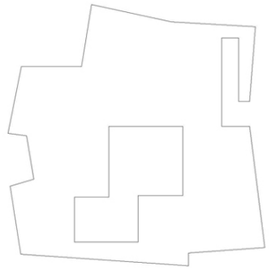
Foi desafiante chegar à articulação das várias imagens, representando as áreas mínimas de vivência. Este exercício foi feito sugerindo perspetivas e panorâmicas, ou vistas em planta, ajudando à perceção das reais dimensões de cada um dos objetos e das áreas necessárias para a criação de um espaço mínimo de conforto, e coerência.





Imagens 179 e 180
Referência projetual. Casa em Cadoços, Aires Mateus
Fotografia in Airesmateus.com.

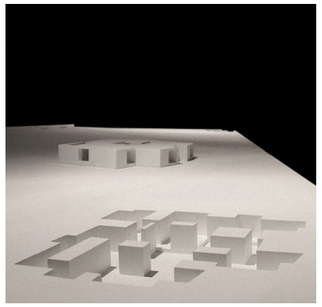
Imagem 181
Referência projetual. Casa em Monsaraz, Aires Mateus
Fotografia de Iqbal Alaham, in Pinterest.com.



PASSO 4

Tendo presente que o espaço habitável deve ser pensado sem perder de vista o objetivo final da sua definição e caracterização, através dos planos que o limitam e dos vazios que criam; explorámos bidimensionalmente o conceito de vazio e cheio, revisitando o trabalho dos arquitetos portugueses Aires Mateus.

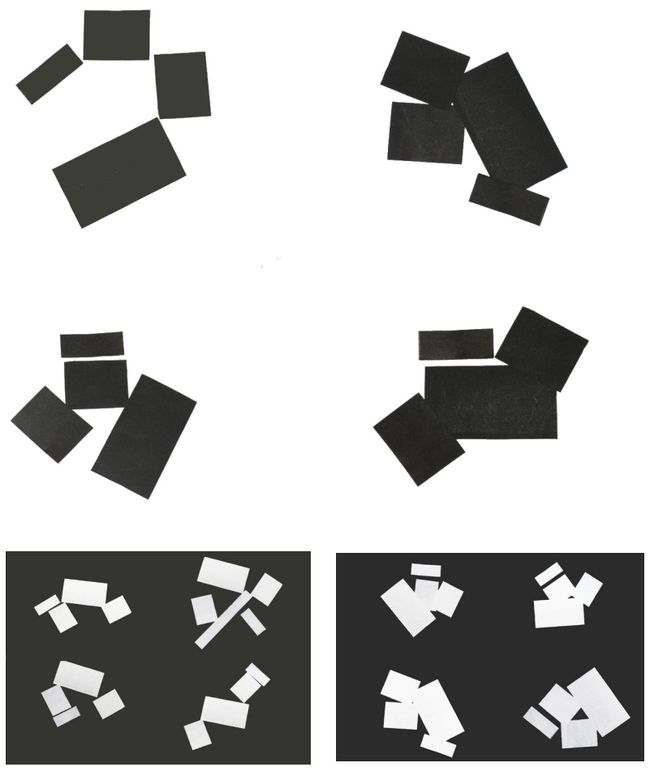




Nesta etapa, executámos exercícios bidimensionais trabalhando contrastes de branco e preto/ luz e sombra. Procurámos a consonância relacional entre eles, jogando com a sua profundidade. Atribuímos a noção de ausência de massa, ao percurso; e de compartimento da micro-arquitetura ao sólido, ou vice-versa, por forma a conseguir-se uma divisão espacial interessante e imperativamente de áreas mínimas.

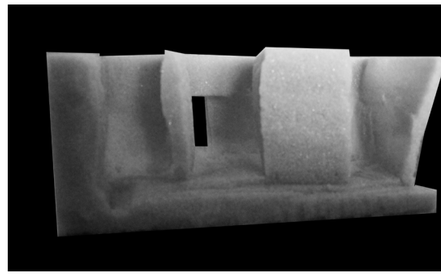
À ESQUERDA
Imagens 182, 183, 184, 185, 186 e 187
Estudo Bidimensional para procura de áreas mínimas de vivência.
Em papel e cartão.

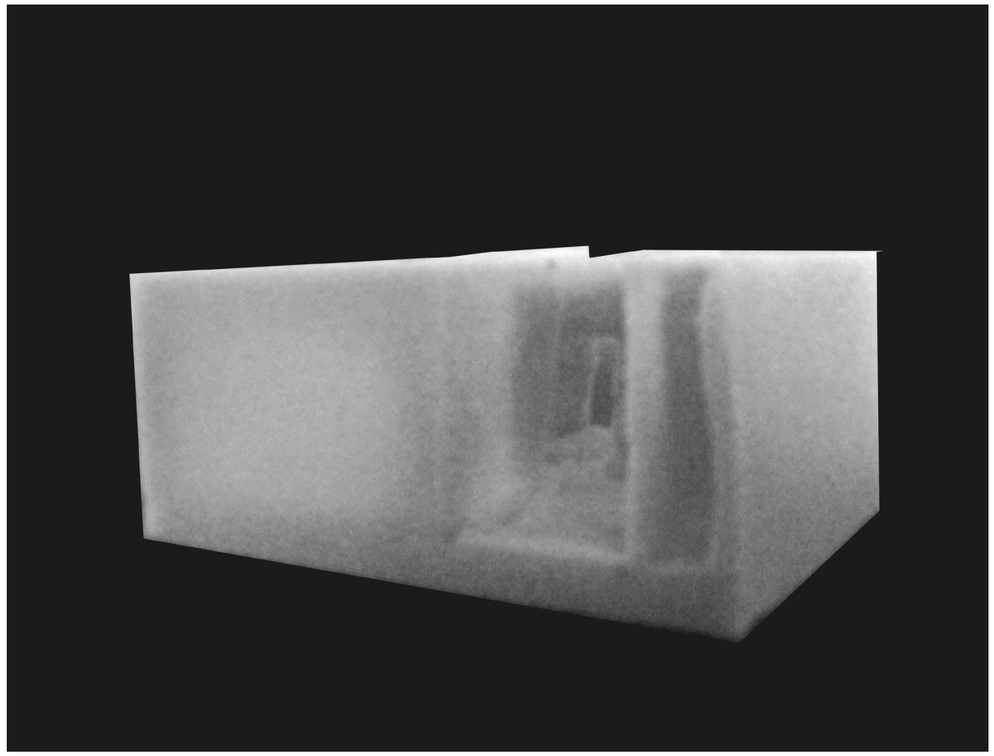
À DIREITA, NA VERTICAL
Imagens 188, 189, 190, 191 e 192
Esquema Bidimensional para procura de áreas mínimas de vivência

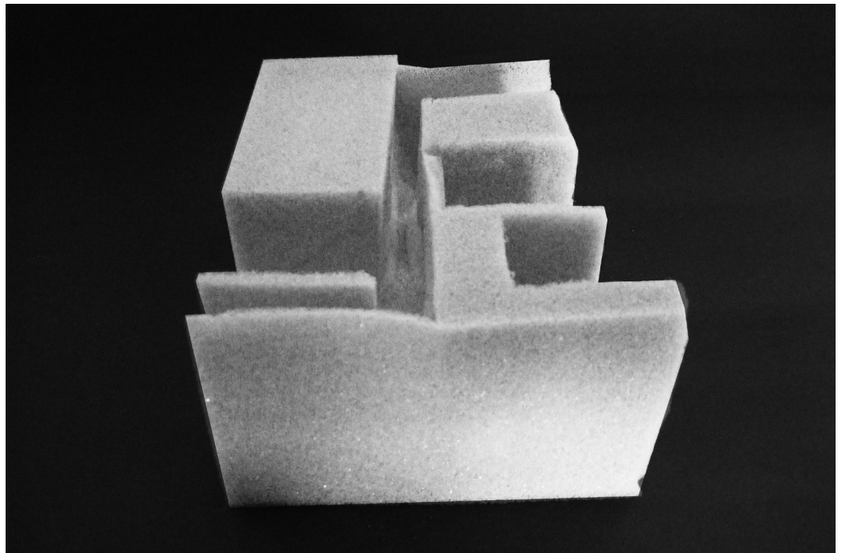


PASSO 5

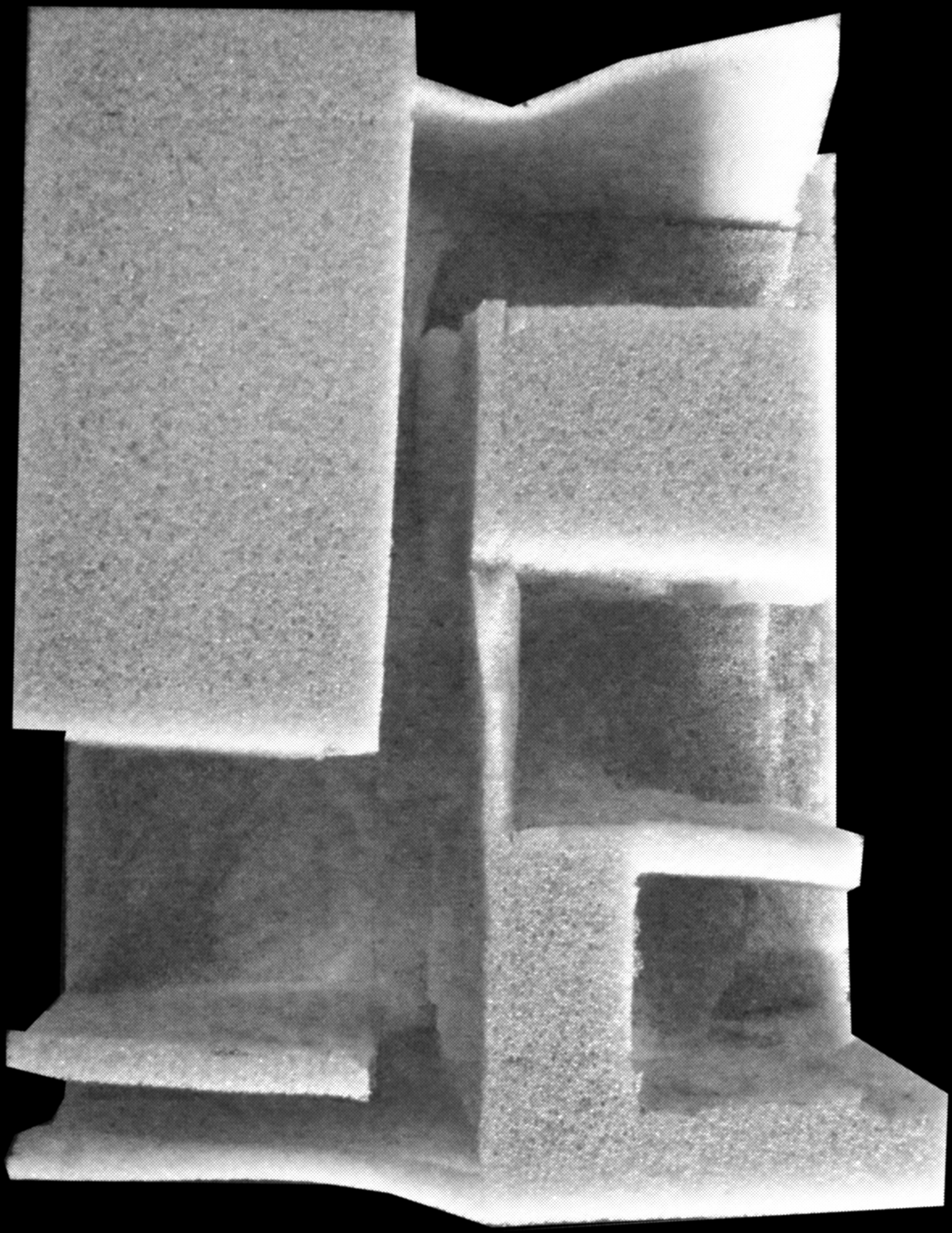
Numa fase mais avançada, já uma abordagem tridimensional, explorámos a forma através de maquetas executadas para o efeito. Partimos, da definição do espaço interior para chegarmos à estrutura exterior, a "casca" do edifício, e não o contrário, como seria o processo normal/habitual. Assim, optámos por não deixar a nossa imaginação trabalhar com os "sólidos", preferindo trabalhar com os espaços vazios – a cavidade – entre eles, através da eliminação de material.

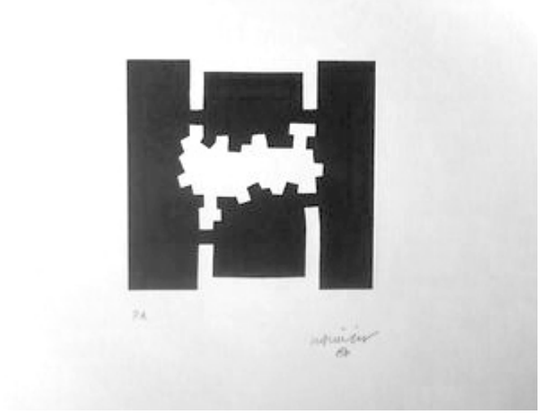






Imagens 193, 194 e 195
Maqueta de 1ª procura de relação entre a côncavidade - os vazios como espaço habitável e os cheios como espaço de transição e vice-versa.
Executada em esponja.





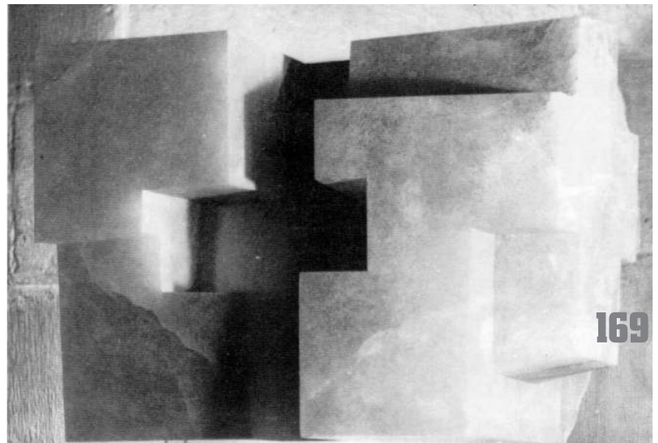
PASSO 6

A representação dos espaços de ação e seus acessos, foram tratados procurando que o utilizador se sinta convidado a entrar, sendo seduzido pelo espaço. O espaço é subtilmente apreendido por pequenos rasgos de luz, mas não totalmente apreendido no primeiro momento, graças à existência de uma sucessão de planos.

Para conseguir a plasticidade das formas neste espaço, procurámos a forte referência escultórica de Eduardo Chillida[45], um dos maiores escultores do séc. XX. Esculpimos uma maqueta concetual em cera, como primeiro exercício de extração de massa, para permitir chegar à cavidade e de forma quase instintiva, chegar à área mínima, como se de uma peça escultórica se tratasse.







PÁGS. 164 E 165
Imagem 196
Maqueta de 1ª procura de relação entre a côncavidade - os vazios como espaço habitável e os cheios como espaço de transição e vice-versa.
Executada em esponja.

AQUI
Imagem 197
Referência Projetual Montaña Tindaya, Eduardo Chillida, Fuerteventura,1994

[45] Eduardo Chillida iniciou o seu percurso académico na arquitetura, o que veio a revelar-se essencial no seu trabalho de relação entre volumes e espaço, noções decisivas para a ideologia concetual dos seus trabalhos escultóricos posteriores. Explorou conceitos, para alguns contraditórios, mas complementares para o artista, como os de vazios e cheios, luz e sombra, limite e infinidade. Um autor que tem uma conceção ética, mística, e transcendental da existência.

Imagem 198
Referência de colagem de Eduardo Chillida.
Fotografia de Andrew Palcarr, in Flickr.com.

Imagem 199
Referência. Gravitación Tinta Homenaje a San Juan de la Cruz III , Eduardo Chillida, colagens (1991 a 1995)
Fotografia de Andrew Palcarr, in Flickr.com.

Imagem 200
Escultura em Alabastro, de Eduardo Chillida.
Fotografia de Andrew Palcarr, in Flickr.com

PÁGS. 168 E 169
Imagem 201
Requiem, Leku-II-, Eduardo Chillida
escultura em pedra alabastro, (1976)
Fotografia de Andrew Palcarr,
in Flickr.com

AQUI
Imagem 202
Maqueta de procura de formas e
volumes através da extracção de massa.
Executada em cera

PASSO 7

Depois, a procura da funcionalidade. Finalmente começámos a projetar o espaço interior do objeto e surgem as diferentes divisões e respetivos acessos. Depois de muito experimentada, concebemos uma solução final bidimensional – a mancha define os espaços – divisões, o vazio define os acessos a cada módulo interior. Estes foram tratados através de uma sucessão de planos, inspirados no exercício espacial da casa japonesa, para conseguir a flexibilidade de um espaço de dimensões reduzidas.

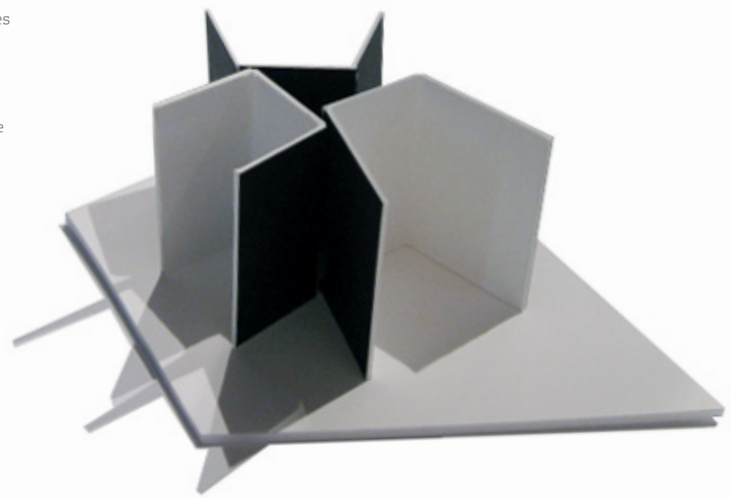
Este exercício espacial é marcado pela existência de arte sem perspetiva; as paredes-tela da casa japonesa[46] formam estruturas leves em torno dos residentes e dos seus objetos. A cultura japonesa, espelha-se também, na forma como concebem a habitação. Na casa japonesa[47], uma das principais características é a forma como estes lidam com a sombra (Tanizaki, 1933).

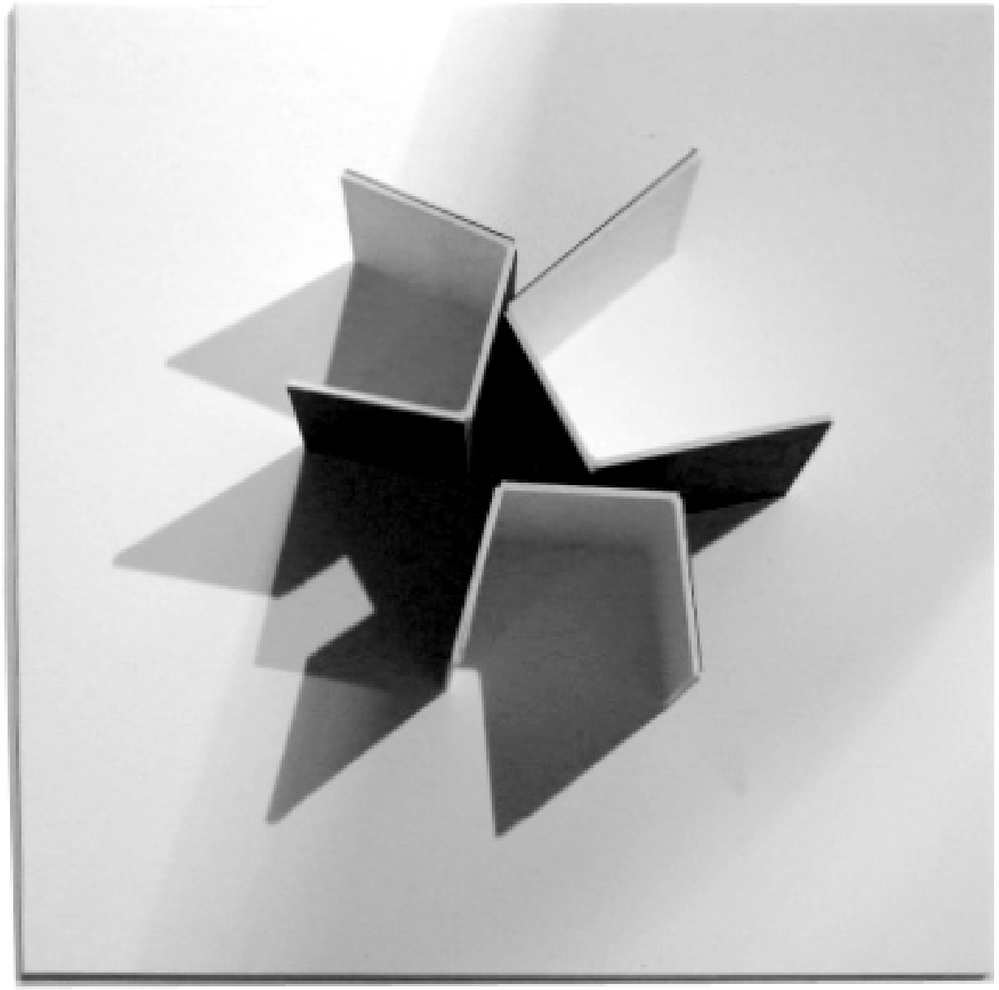
Imagem 203
Maqueta de procura da articulação dos planos definidores do espaço interior do habitáculo. Realizada em cartão de dupla face. Em vista perspética.

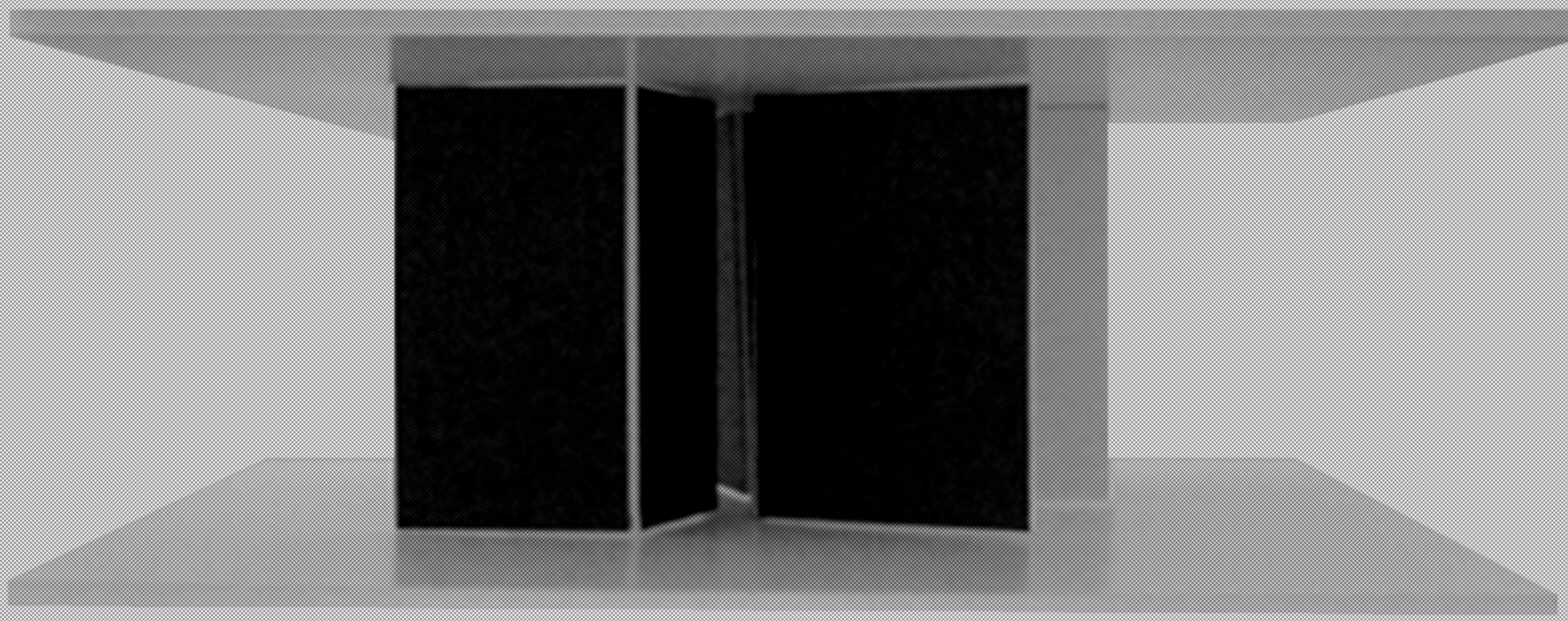
Imagem 204
Maqueta de procura da articulação dos planos definidores do espaço interior do habitáculo. Realizada em cartão de dupla face. Vista em planta.

[46] As paredes /telas não fecham os aposentos, deslizam, transformando os interiores. As casas japonesas estão mais próximas de um mobiliário requintadamente fabricado, do que aquilo que entendemos por uma casa. Em suma, podese dizer que a arte japonesa atingiu um grau supremo de refinamento (Rasmussen, 2007).

[47] Por norma, estas dispõe de grandes telhados atribuindo escuridão às divisões, utilizando fácil e rapidamente a sombra para obter efeitos estéticos. A beleza de uma divisão japonesa é produzida por um jogo sobre o grau de opacidade da sombra, dispensando os demais acessórios, o que surpreende os ocidentais, pois estes não têm a capacidade de alcançar o desprendimento de ornamento. A diferença de gostos entre Ocidente e Oriente reside no facto de os orientais procurarem acomodar-se aos limites que lhes são impostos, consequentemente, estes não sentem repulsa pelo que é obscuro, resignando-se a ele como algo inevitável. Já os ocidentais, sempre em busca do progresso, buscam a claridade mais viva, afadigam-se evoluindo desde a vela à iluminação elétrica, para cercar o ultimo refúgio da sombra. (Tanizaki, 1933). A cultura japonesa carateriza-se também, pela extraordinária mobilidade do seu povo em todas as aceções da palavra, visto que o japonês comum não está vinculado a nenhum lugar definido. (Lafcadio Heam em Rasmussen, 2007).







PÁGS. 174 E 175
Imagem 205
Maqueta de procura da articulação dos planos definidores do espaço interior do habitáculo. Realizada em cartão de dupla face

AQUI
Imagem 206
Maqueta de procura da forma da pele exterior e limites do habitáculo. Realizada em esponja e sacos plásticos.

Imagem 207
Maqueta de estudo da forma dos módulos interiores do habitáculo.
O bloco de banho.
Maqueta executada em esponja.

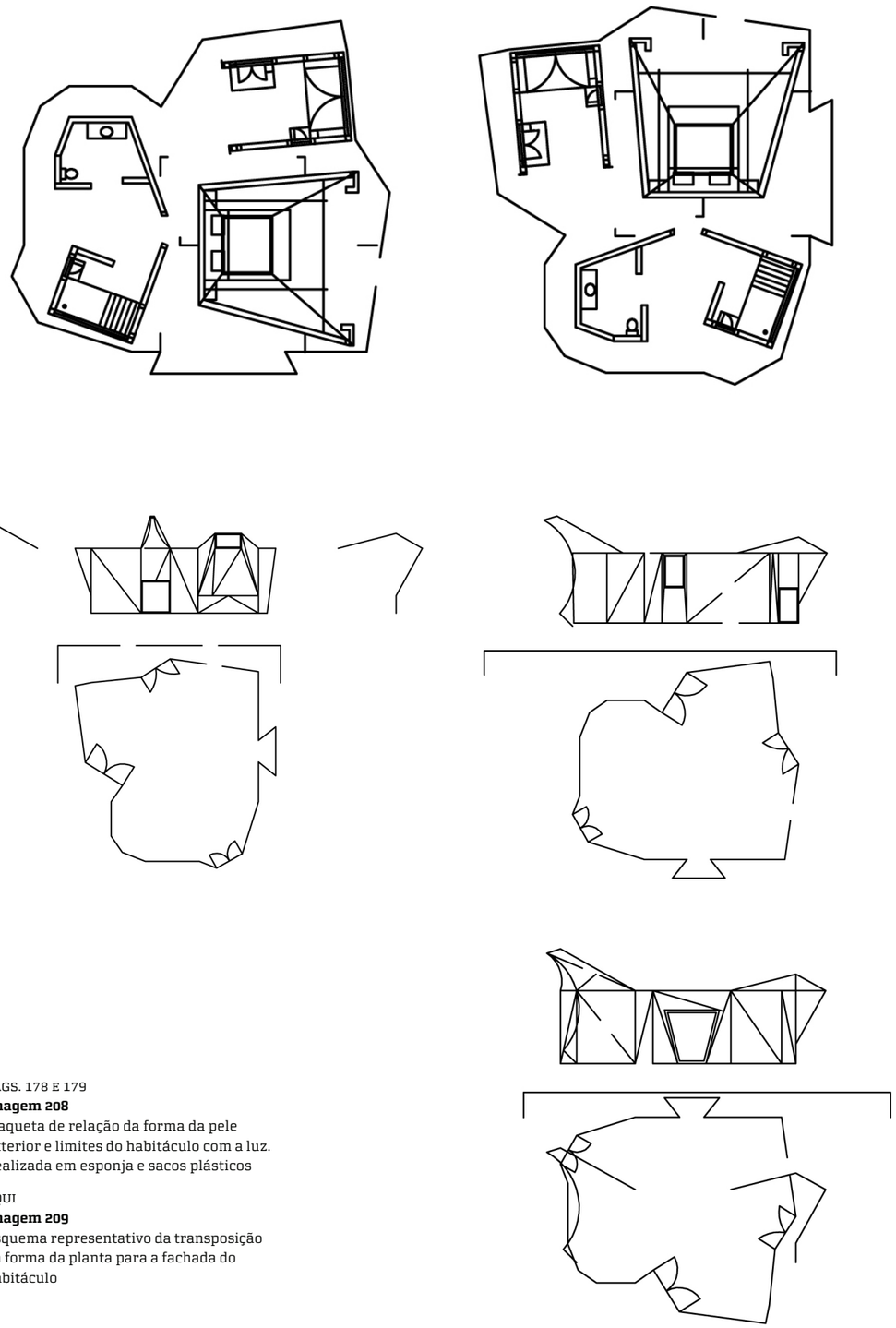
PASSO 8

Uma vez pensada a funcionalidade dos volumes, impusemos que este projeto de curta permanência para o utilizador, deveria incluir não mais que o necessário para pernoitar. Desse modo surgiram três módulos interiores claramente distintos: A zona de dormir, a zona de trabalho e a zona de WC. A conceção de um tal espaço surge quando trabalhado a partir do interior de conforto, até á casca, que brota por último, como elemento que envolve o corpo – neste caso a micro-arquitetura, protegendo-a do exterior, atribuindo-lhe conforto e segurança. Processo em que primeiro nasce o interior e toda a sua organização formal, e só depois a estrutura - esqueleto, pele e casca que o envolve.









PÁGS. 178 E 179
Imagem 208
Maqueta de relação da forma da pele exterior e limites do habitáculo com a luz. Realizada em esponja e sacos plásticos

AQUI
Imagem 209
Esquema representativo da transposição da forma da planta para a fachada do habitáculo

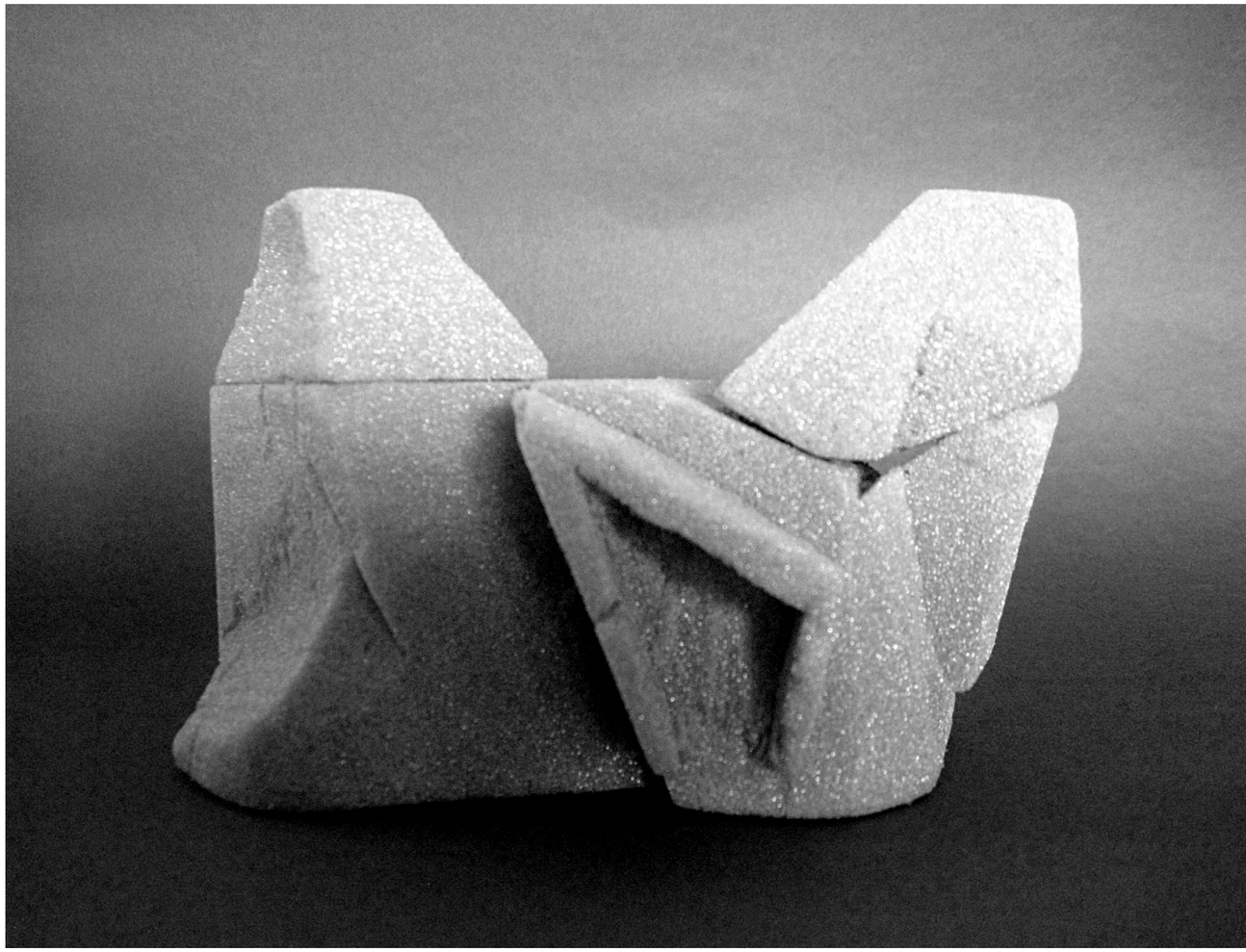


Imagem 210
Maqueta de procura de formalização dos alçados exteriores.

DE DENTRO PARA FORA

PASSO 9
A PELE – AS FOLHAS

Aqui chegados, e tomando em mãos o desenvolvimento das ideias e princípios da relação do objeto com a sua configuração formal, surgiu a ideia de criar uma membrana protetora, uma tela, em tecido de fibras de poliéster revestido a PVC para criar a cobertura do lugar de conforto e segurança (o aludido abrigo), como que concebendo uma capa para proteger o utilizador da agressividade exterior, uma pele, preservando o núcleo íntimo e criando a separação entre o interior (o ninho) e a casca (o revestimento exterior). Os termos de natureza biológica esqueleto e pele, facilmente se aglutinam à realidade do Design, tomando o esqueleto como o produto e a pele como o invólucro (Albuquerque, 2011).





Imagens 211 e 212
Loja Nanushka Betastore, Sandra Sandor. Budapeste, criada para a estação outono/inverno 2011, Budapeste Fotografia by Viola Mezo, in Flickr.com

Imagens 213, 214 e 215
Maqueta de relação do interior de conforto com a pele - tela - que o protege. procura da forma desta pele. maqueta executada em espuma e sacos - plástico.









PASSO 10
O ESQUELETO – QUESTÃO ESTRUTURAL E RELAÇÃO COM O INVÓLUCRO – A TECTÓNICA

Depois de pensada a plasticidade da forma e da pele que envolve o corpo, foi necessário pensar a tectónica do espaço. O esqueleto, a estrutura que suporta a pele, teria que ser suficientemente flexível para suportar uma tela com formas tão orgânicas como as que estão em causa. Para isso haveria que escolher uma armação aligeirada em perfis tubulares de aço, atribuindo ritmo à forma da estrutura, quase como se de um esqueleto de baleia se tratasse.

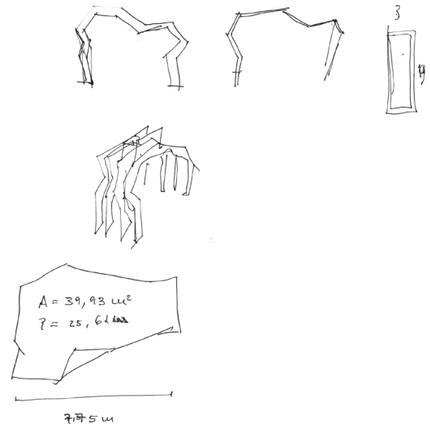


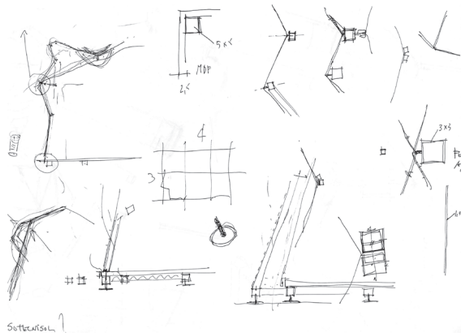
PÁGS. 184 E 185
Imagem 216
Imagem aproximada do efeito criado pela pele - tela, neste projeto.
Loja Nanushka Betastore, Sandra Sandor. Budapeste, criada para a estação outono/inverno 2011, Budapeste.
Fotografia by Viola Mezo, in Flickr.com

AQUI
Imagem 217
Imagem de referência. Café de Verano; Darkdesigngroup, Rússia, 2012
Fotografia in Archdaily.com

Imagem 218
Imagem de referência. Aproximação ao aspeto do esqueleto do nosso projeto.
Café de Verano; Darkdesigngroup, Rússia, 2012
Fotografia in Archdaily.com







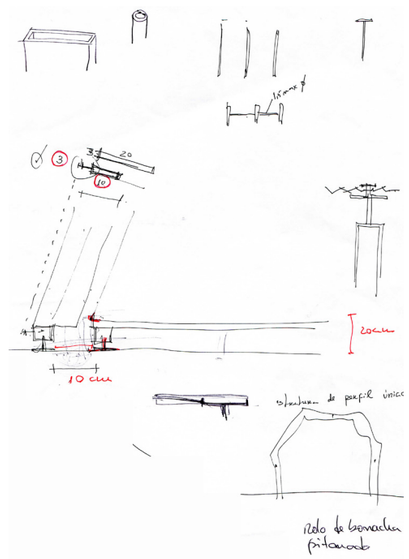


Imagem 219
Esquiço de formalização dos perfis tubulares constituintes do esqueleto - estrutura - do projeto.

Imagem 220
Esquiço de pormenores construtivos dos perfis tubulares constituintes do esqueleto - estrutura - do projeto.

Imagem 221
Esquiço de pormenor da fixação da estrutura ao solo e da relação entre os perfis e o interior de conforto.

Para se adaptar à carapaça exterior do objeto, cada um dos perfis teria de possuir uma configuração singular e diferente de todos os outros que compõe o conjunto, logo procurámos inspiração na plasticidade da obra de Francisco Mangado[48]. O que pretendemos não é uma dissociação absoluta das três componentes do edifício -pele, esqueleto e ninho- mas um trabalho individualizado de cada uma dessas componentes, de modo a que interajam entre si sem conflitos, sendo que todas os componentes serão construídos em materiais leves, de fácil montagem e permeáveis à interação com os restantes.

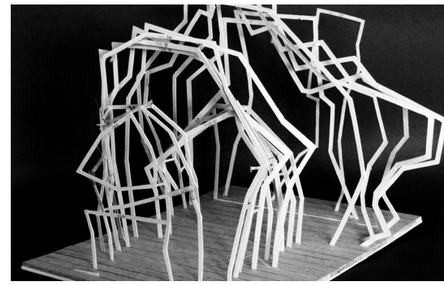


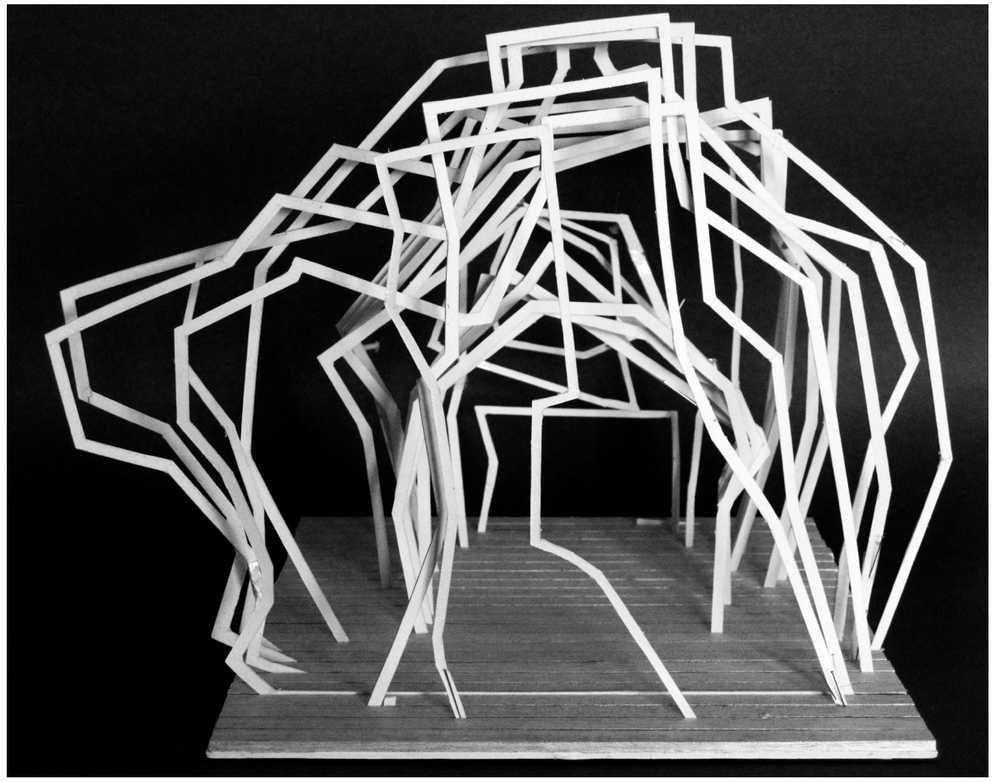


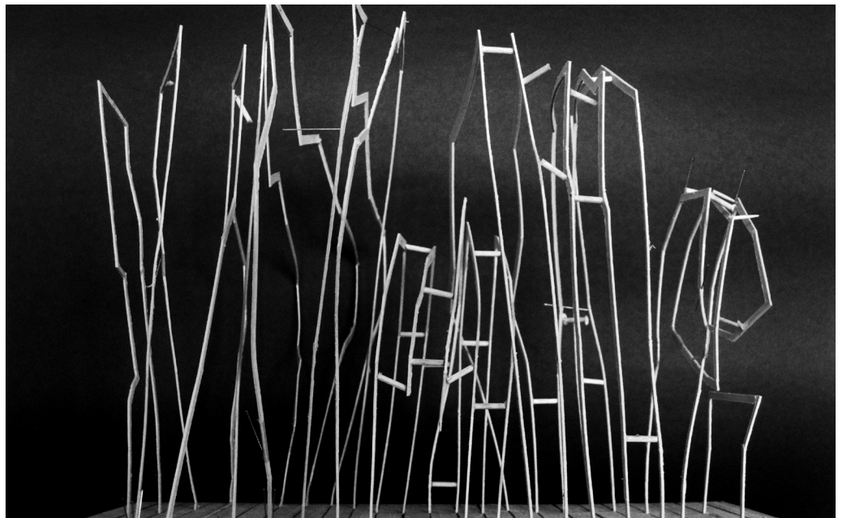
Imagens 222 e 223
Referência projetual. Centro de Congressos e Exposições de Ávila; Francisco Mangado, Espanha, 2012
Fotografia cortesia de Francisco Mangado Architects Juan Rodriguez, Pedro Pegenaute in Architectureau.com.

[48] O Centro de Exposições e Congressos de Ávila do Arquiteto Francisco Mangado, foi ruma importante referência para desenvolver a ideia de esqueleto do edifício. Na Obra do referido autor, a estrutura marca presença e é perfeitamente assumida, quase como se de um esqueleto a descoberto se tratasse; a própria forma de cada peça estrutural acaba por assumir a forma de ossos de um esqueleto, quando vista em conjunto.

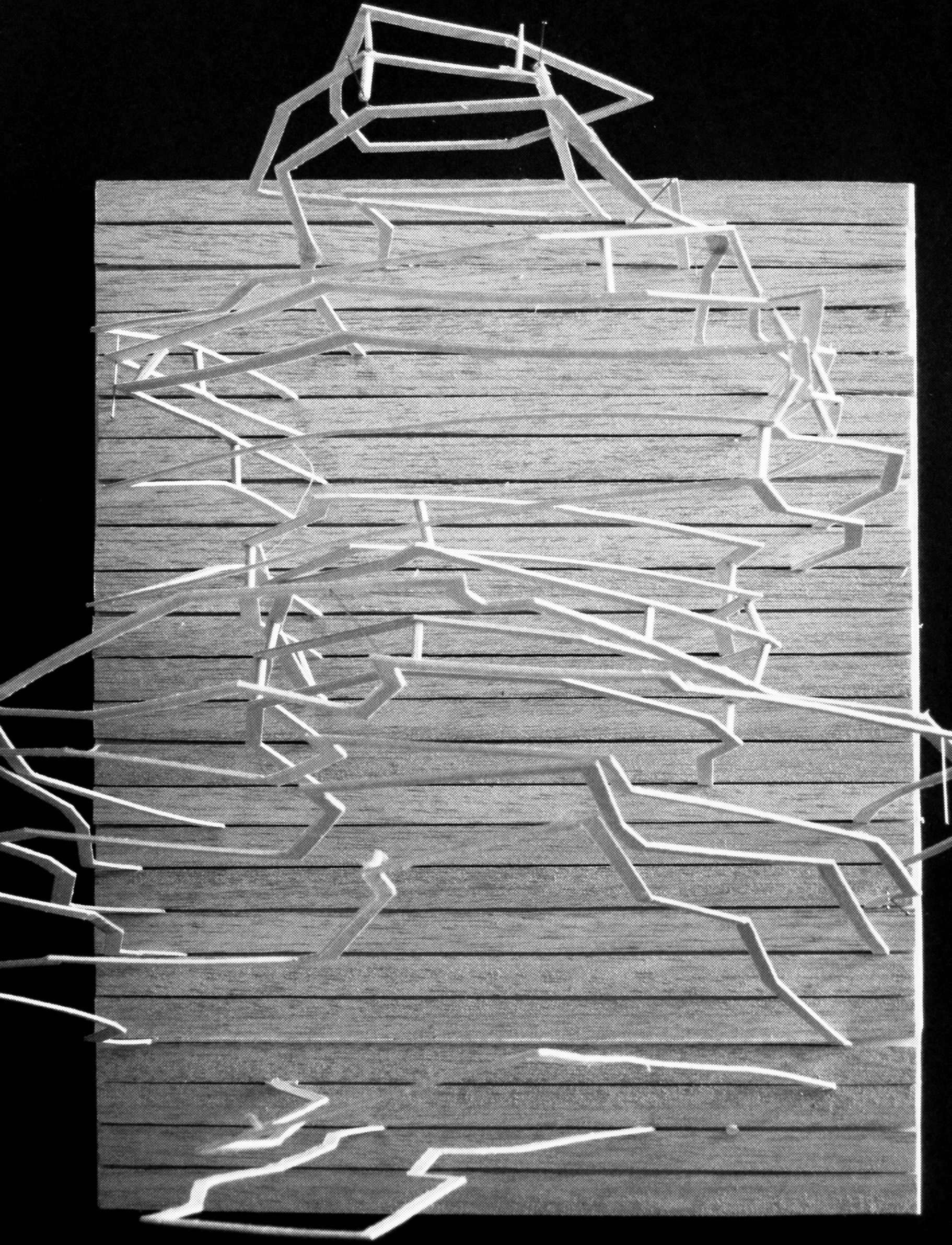
O interior funcionará autonomamente, sem depender do seu esqueleto, ou da sua pele, como se fossem partes de um todo que funcionam separadamente, mas que quando fundidas em funcionamento conjunto, se tornam a metáfora do abrigo. Para permitir percecionar a forma orgânica do artefacto no seu todo e a resposta encontrada para as assimetrias formais da casca envolvente, construímos uma maqueta para mostrar a configuração exata de cada perfil da estrutura. Uma arquitetura tectónica, óssea, lenhosa e leve, foi a solução pensada para tornar a estrutura de fácil montagem e adaptável a diferentes ortografias de terreno.





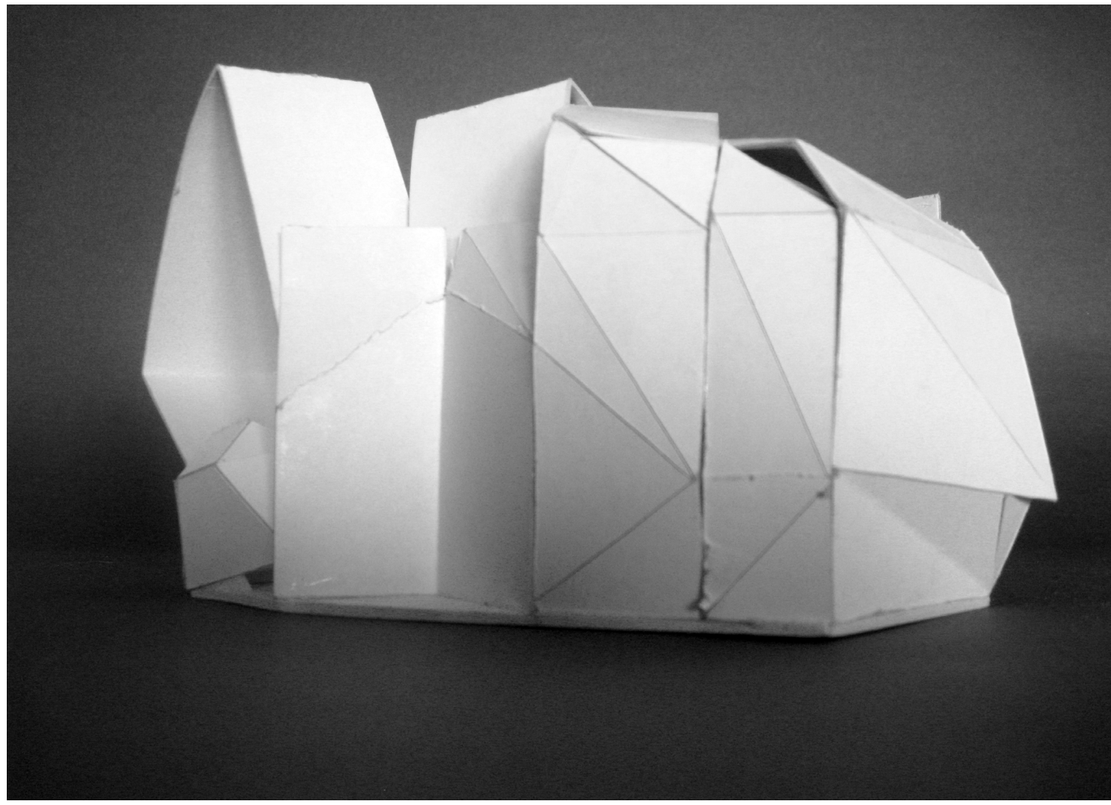


Imagens 224, 225 e 226
Maqueta do esqueleto do habitáculo, representativa da estrutura tubular que envolve a pele e este interior de conforto. Executada em cartão madeira.
· Vista perspética.
· Vista frontal.
· Vista lateral.



A casca, carapaça, constituída por chapa e, que envolve a pele – a tela, protege o utilizador das adversidades atmosféricas, permitindo sempre que todo o seu espaço interior seja invadido por uma luz filtrada, que penetra na casca envolvente do edifício. Desta forma, a luz e o seu movimento fazem com que os espaços ganhem uma nova vida, a cada momento do dia (Campo Baeza, 2011).

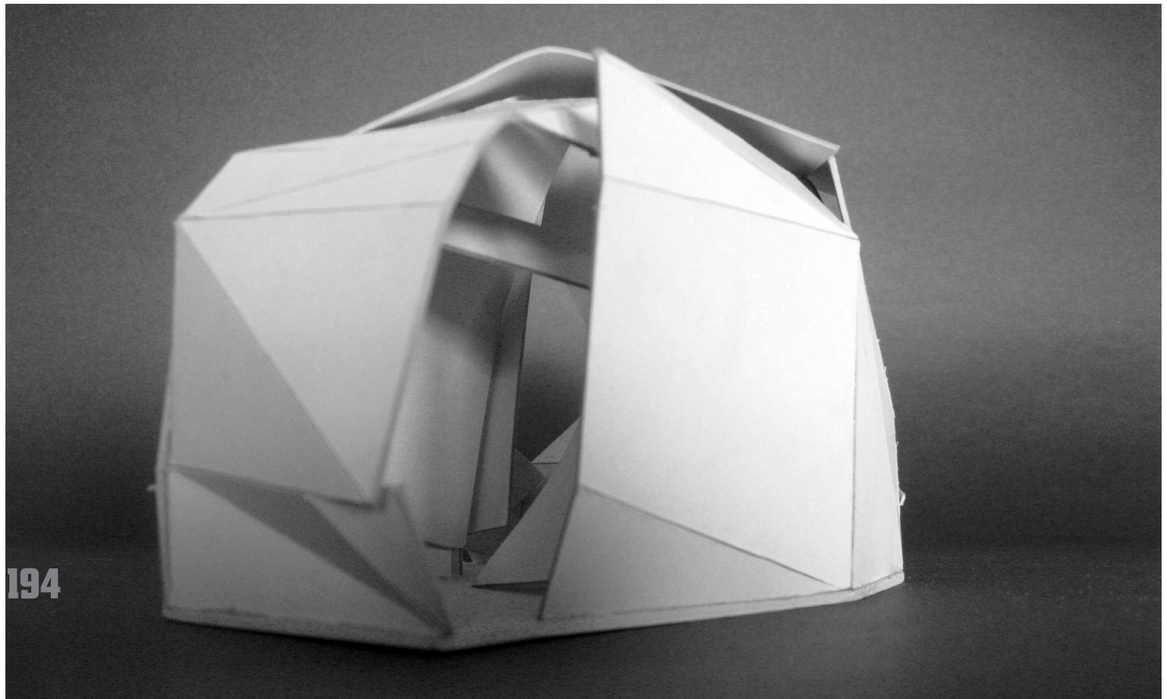


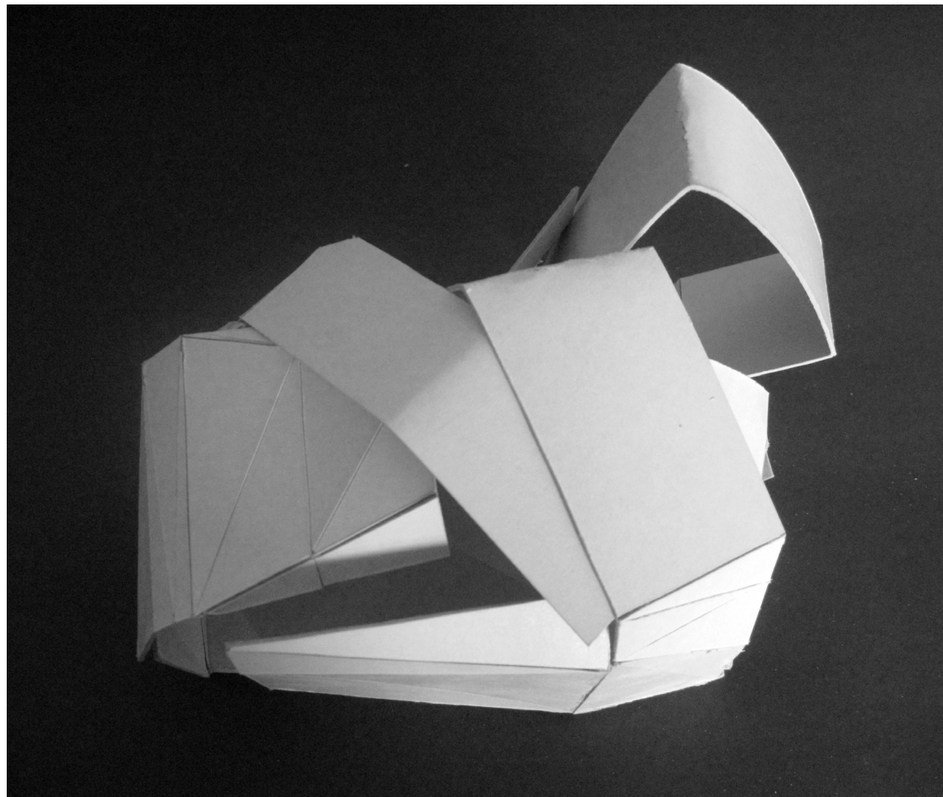


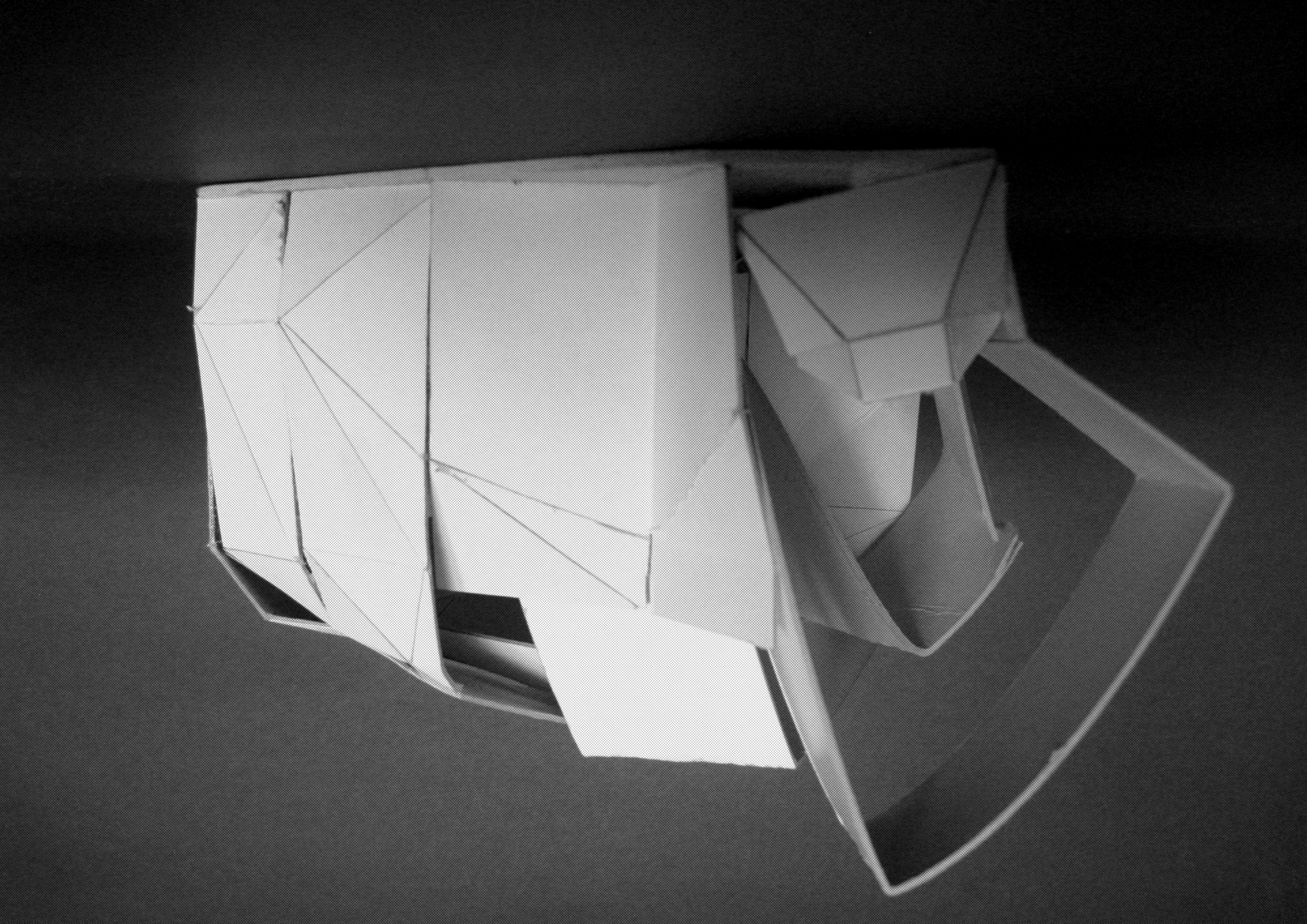
PÁGS. 190 E 191
Imagem 227
Maqueta do esqueleto do habitáculo, representativa da estrutura tubular que envolve a pele e este interior de conforto. Executada em cartão madeira.
Vista em planta.

AQUI
Imagem 228
Referência projetual para pormenor de relação da chapa distendida com os vãos do edifício. Oficina de turismo de Arteixo, Alejandro Garcia y arquitectos, Corunha, 2012
Fotografia Cortesia de Alejandro García y Arquitectos, in Archdaily.com.

Imagens 229, 230 e 231
Maqueta de estudo da casca. Simulação do efeito formal dos planos de chapa distendida. Maqueta em cartão bristol.
· Vista transversal.
· Vista lateral.
· Vista em planta.













PÁGS. 194 E 195
Imagem 232
Maqueta de estudo da casca. Simulação do efeito formal dos planos de chapa distendida. Maqueta em cartão bristol. Vista frontal.

AQUI
Imagens 233, 234 e 235
Finalmente a maqueta representativa da relação do interior de conforto com o esqueleto que o evolve e sustenta.
Escala 1:10

Representação faseada dos componentes deste habitáculo: O interior de conforto; o interior de conforto envolvido pelo o esqueleto e a concretização final do habitáculo no seu todo (apresentada na defesa desta tese).

Tendo em conta que todo o processo teve como fator determinante a experimentação enquanto base de procura da forma deste micro--hotel; salientamos o facto de ter sido necessária uma sistematização do processo para facilitar a comunicação do presente projeto. Assim, tomámos a decisão de organizar cada etapa em diferentes passos. Tendo sempre presente que este é um projeto metodologicamente pouco linear, em que as várias fases que o compõe se tocam e interligam nos mais variados momentos do processo de criação. Sendo por isso necessário criar um fio condutor para a exposição deste complexo processo metodológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de um projeto com estas características, se alguma tem, reside essencialmente no apoio que dá ao viajante em trânsito, aos seus momentos de paragem, de descanso e isolamento, estabelecendo como que uma relação de simbiose entre o não-lugar e o lugar de conforto. O seu objetivo último é, afinal, transformar o não- lugar (enquanto lugar fora de todos os lugares – (Augé, 1992), num espaço de conforto, seguindo a conceção do ninho de Michelet, mas respeitando sempre todas as características não relacionais daquele (não-lugar).

É o regresso aos tempos primitivos e o reencontro com a caverna, lugar em que o homem se sentia resguardado do meio exterior, inóspito e agressivo, que o abrigava no seu contínuo transitar, característica que se mantém até aos tempos modernos. Neste contexto, percebe-se melhor o ressurgimento de uma certa lealdade, de um determinado apego às origens, às raízes, durante as viagens e mudanças (Stewart, 2008).

Na procura deste lugar interior de acolhimento, deste espaço mínimo de conforto, e não ignorando o seu caráter eminentemente transitório, desenvolvemos um trabalho de pesquisa de volumes, de exploração dos cheios e vazios, contrapusemos massas em oposição a concavidades – e fomos progressivamente ao encontro do conceito da caverna, do lugar interior de refúgio primitivo.

O desenvolvimento do projeto integrou uma importante fase de experimentação, com recurso a vários suportes, como colagens, esquiços, modelos tridimensionais e inúmeras maquetas, em que cada um dos referidos suportes procurou reforçar cada uma das várias decisões do projeto, desde o encontro das áreas mínimas de vivência, até à exploração da forma e volumetria, passando pelos ensaios da pele e da casca do (desejado) artefacto nómada.
O potencial que o projeto apresenta de conceber um espaço de suporte e apoio às infraestruturas de transportes (às zonas de interface) é uma vertente da mobilidade ainda pouco explorada a nível nacional. Os projetos dentro desta tipologia que se conhecem limitam-se a recorrer a contentores de carga, adotando formas ainda primitivas de exploração de conceitos como a mobilidade e a transitoriedade aplicada à micro-arquitetura, como tal, a maior parte destes projetos acaba por não avançar com propostas para o tratamento do espaço interior; de um modo mais generalista.

Acreditamos e esperamos que a crescente oferta de produção de unidades hoteleiras, para pessoas em trânsito – os novos nómadas urbanos –, venham a aderir progressivamente a conceitos e soluções de baixo-custo para o utilizador, resultando em espaços adaptados às novas exigências de transitoriedade e de efemeridade da sociedade atual, características que são, afinal, a questão central do abrigo urbano que estamos a propor.

Considerando que o objeto arquitetónico é, antes de mais, nómada e parasitário, ocupa o território por vezes sem criar uma ligação efetiva com ele; embora existam também muitos objetos arquitetónicos completamente entrosados com o território, que efetivamente não se ligam a este (Fernandes, 2011).

Projetar um espaço com as características necessárias para servir uma categoria de utilizadores nómadas, constituiu um desafio, na medida em que não existia um local de implantação definido, preestabelecido, evidente; por outro lado essa circunstância poderá ter funcionado como uma limitação ao estudo, que requereu a seleção de três locais para implantação, que apesar de exaustivamente estudados, são meramente indicativos. Na verdade, o cenário ideal deveria contemplar o estudo prévio de todos os possíveis locais de implantação para uma adaptação mais individualizada da micro-arquitetura em conceção. Este estudo mais aprofundado deveria contemplar não só os levantamentos topográficos, exposição solar do local, como também um criterioso levantamento de possíveis infraestruturas de saneamento básicas de apoio ao projeto, (que no caso apenas foram propostas por nós), com vista à minimização dos custos do mesmo. Tal não foi possível, essencialmente pela limitação de tempo e escassez de recursos a que, naturalmente, estivemos sujeitos.

Em conclusão, este trabalho pretende constituir um pequeno passo do que poderá vir a ser uma longa caminhada em direção à criação de infraestruturas de apoio aos locais de interface, procurados por nómada em trânsito. Será por ventura demasiado ambicioso admitir que a referida longa caminhada possa levar no futuro a uma indústria com infraestruturas próprias, à semelhança de projetos como as Sleepbox ou os 9hours Capsule Hotels, que proporcionam apoio ao utilizador, desde o acolhimento até à chegada ao local da interface, incluindo o fornecimento de produtos de necessidades básicas, mas seria esta a nossa proposta, deixando assim o estudo em aberto para possíveis estudos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albrecht, D., Johnson, E. (2003). *New hotels for global nomads*. Nova Iorque: National Design Museum Smithsonian Institution.

Albuquerque, M. (2011). Design Epidérmico: do uso à experiência. Uma perspectiva de design experimental

Anders, G. (2007). Abrigos temporários de carácter emergencial. São paulo: tese

Augé, M. (1992). *Non-lieux: Introduction à une anthropologie de la sumodernité*. Paris: Feuil.

Augé, M. (1994). *Le sens dês autres*. Paris: Fayard.

Arieff, A. & Burkhart, B. (2003). *Prefab*. São Francisco: Taschen.

Aristóteles (1995). *Física (Libro IV – El Lugar)*. Madrid: Editorial Griedos, S.A.

Aristóteles (1994). *Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional –Casa da Moeda

Bachelard, G. (1989). *A poética do espaço*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

Bouroullec, R., Bouroullec E., Toppani, D., Aiello, C., & Cappellini, G. (2003). *Ronan and Erwan Bouroullec*. Londres: Phaidon Press Limited.

Braga, J. (2010). Habitar o Espaço Mínimo -- O Conforto e a Qualidade do Espaço nas Micro-Arquiteturas. Porto: tese de Mestrado.

Burdek, B. (2005). História, Teoria e Prática do Design de Produto. Basel: Birkhauser.

Calvino, I. (1990). Seis Propostas Para o Novo Milénio. Lisboa: Editorial Teorema.

Calzavara, M. (2011). Matteo Thun interview. *In Revista Domus. Spetial report hotels. 949*. 66-67.

Campos Baeza, A. (2011). *A ideia construída*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Campos Baeza, A. (2011). *Pensar com as mãos*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Capela, J. (2007). Arquitectura sem arquitectura. In *Jornal dos Arquitectos, 229*. 38-41.

Christ, R., Dollens, D. (1993). *Nueva York: diseño nómada*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A.

Cook, P., & Webb, M. (1999). Archigram. New York: Princeton Architectural Press.

Cuchí, A. (2008). Standard máximo. In *Jornal dos Arquitectos, 230*. 36-39.

Del Pino Fernandez, R. (2011). Lugar vs. Espaço e passado vs. Futuro. In *Revista Dédalo. 09*. 21-22.

Didero, C. (2011). Star – A new hotel in Athens. In *Revista Domus. Spetial report hotels. 949*. 38-40.

Diller, E., Scofidio, R. (1991). The Slow house: jury comments. In *Progressive Architecture* (pp.88). Nova Iorque.

Einfuhrung, A. (2010) General introduction. In Nappo, D., Vairelli, S. Homes on the move (pp. 8 -13). Konigswinter: h.f.ullman publishing.

Ferreira, F. (2008). Vehicles of desire – casas como carros, circa 1956. In *Jornal dos Arquitectos, 230*. 28-31.

Finessi, B. (2011). Sleeping elsewhere. In *Revista Domus. Spetial report hotels. 949*. 56-62.

Flusser, V. (2010). *Uma filosofia das coisas*.
Lisboa: Relógio d'água.

Focault, M. (1984). Des espaces autres. In *Archi Bref, 48*. 5-8.

Fontoura, M. (1997). *Exposições Universais - Osaka 1970*. Lisboa:
Expo 98 Lisboa.

Fontoura, M. (1970). *Instituto-camoes. Obtido em 21 de Julho de 2010, de Institutocamoes: http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/cat_view/33-arquitectura.html?start=10*

Foucault, M. (2001). Dits et Écrits. Paris: Quarto.

Focault, M. (1984). *Surveiller et punir*. Paris: Gallimard.

Freud, S. (1915). *Sobre a transitoriedade. Breves apontamentos finais, à luz da contemporaneidade*. In *Obras completas. Companhia das Letras*. São Paulo: 2010
[1914-16], v.12.

Furtado, G. (Janeiro/ Fevereiro de 2010). Produções Efémeras. ARQA, pp. 112-115.

Gadanho, P. (2005). A ansiedade do híbrido: arquitectura, arte e design. In *Jornal dos Arquitectos, 220/221*. 40-43.

Galfetti, G. (2002). *Casas refúgio*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.

Gefeller, A. (2011). Viver com martin Heidegger. In *Revista Daylight & Architecture. Life cycles, 16*. 16-21.

Kotnik, J. (2008). *Container architecture – this book contains 6441 containers*. Nova Iorque: Links Books.

Kronenburg, R. (2008). *Portable architecture*. Basel: Birkhauser Verlag AG.

Lupton, E. (2002). Skin, Surface, Substance and Design. New York: Princeton Architectural Press.

McQuaid, M. (2006). *Shigeru Ban*.
Londres: Phaidon press limited.

Monteiro, C (2013). *Quem são os viajantes desta década. In Revista* Publituris – Hotelaria. A revista dos gestores Hoteleiros. 88. 16-18.

Nappo, D., Vairelli, S. (2010) Homes on the move. Konigswinter: h.f.ullman publishing.

Pallasmaa, J. (2011). Dwelling in time. In *Revista Daylight & Architecture. Life cycles, 16*. 10-15.

Place, J-M. (ed.) (2000). Micro-architectures. L'architecture d'aujourd'hui. 328.

Place, J-M. (ed.) (2006). Temporaire. L'architecture d'aujourd'hui. 367.

Pinto, J. (2009). A Caixa: Metáfora e Arquitetura – Volume I. Lisboa: ACD Editores.

Rasmussen, S. (2007). *Viver a arquitetura*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Rouillard, D. (2004). *Superarchitecture – le futur de L'architecture 1950-1970*. Paris: Éditions de la Villette.

Scullica, F. (2011). Star – studded hotel - heaven. In *Revista Domus. Spetial report hotels. 949*. 23-29.

Siegal, J. (2008) *More Mobile – Portable architecture for today*. Nova Iorque: Princeton Architectural press.

Sloterdijk, P. (2006). Esferas III - Espumas - Esferologia Plural. Madrid: Siruela.133

Sloterdijk, P. (1999). Essai D'intoxication Voluntaire: Conversation Avec Carlos Oliveira. Paris: Calmann-Lévy.

Souto, S. (data) *Sobre a transitoriedade: o objeto e o tempo*. São Paulo:

Stewart, J. (2008) Life on the move. In Siegal, J. *More Mobile – Portable architecture for today* (pp.6). Nova Iorque: Princeton Architetctural press.

Tanizaki, J. (1933) *Elogio da Sombra*. Japão: Relógio de Água Editores.

Veiga de Oliveira, E. & Galhano, F. (1992). *Estruturas primitivas em Portugal*. Lisboa: Dom Quixote.

Ventosa, M. (Janeiro/ Fevereiro de 2010*). De Que Falamos Quando Falamos de Efémero? O Efémero Enquanto Politica Emergente*. ARQA, pp. 26-27.

Virilio, P. (1976) edição 2006. *Speed and politics – na essay on dromology*. Londres: MIT press Cambridge.

Zaera, A. (1993). Entrevista com h&dM – Corpo / Superfície. In *El Croquis, 60*. 22 –23.

REFERÊNCIAS WEB

African Holocaust (2012). *People of africa*. Retirado em Julho 05, 2012 de http://www.africanholocaust.net/peopleofafrica.htm#t.

Ivatts, A. (1975). Os ciganos no mundo moderno. *O correio da Unesco, I, ano 3*. Retirado em Junho 10 2012 de http://etniacigana/2008/03/ciganos-se-adaptam-aomundo- moderno.html.

Samson, O. (2011). Povos nómadas. As primeiras vítimas do aquecimento global. In *deutsche welle*. DW meio ambiente. Berlim: DW. Retirado em Junho 15, 2012 de http://www.dw.de/dw/article/0,,6366090_page_0,00.html.

Bcj magazine (2010). *Nomadic Museum, Shigeru Ban*. Retirado em Julho 05, 2012 de http://www.architect.bjc.es/magazine/mayo-2010/.

Nubes rosas en arquitectura (2012). *Museu nómada, de Shigeru Ban*. Retirado em Julho 11, 2012 de http://nubesrosasenarquitectura.blogspot.pt/2008/11/el-museonmada-de-shigeru-ban.html.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1
Retrato do neonómada.
Fotografia de Dick Snaterse, in Flickr.com

Imagem 2
Imagem que retrata a forma como surge o abrigo, o ninho, momento de paragem e conforto nos locais em trânsito.
Fotografia de Leonor Magalhães.

Imagem 3
Imagem que retrata a forma como surge o abrigo, o ninho, momento de paragem e conforto nos locais em trânsito.
Fotografia de Lucília Monteiro, in Revista Visão

Imagem 4
Imagem que retrata a forma como surge o abrigo, o ninho, momento de paragem e conforto nos locais em trânsito.
Fotografia de Leonor Magalhães

Imagem 5
veasyble; Wearable shelter – veasyble, Itália 2009.
Fotografia in Atelier GAIA

Imagem 6
veasyble; Wearable shelter – veasyble, Itália 2009.
Fotografia in Atelier GAIA

Imagem 7
Wearable shelter – Projeto 10 Wearable Habitats to Shelter You From the Apocalypse, Itália 2009.
Fotografia in Atelier GAIA

Imagem 8.1
Le Corbusier, Arquiteto.
Fotografia de Live Journal

Imagem 8.2
Jean Prouvé.
Fotografia de Rufus Knight in FlickRiver.com

Imagem 8.3
Walter Gropius.
Fotografia in Archdaily.com

Imagem 8.4
Buckminster Fuller e a sua casa 4D.
Fotografia in Archdaily.com

Imagem 8.5
Frank lloyd Wright.
Fotografia de Lumier Refi, in Archdaily.com

Imagem 8.6
Casal Eames (Ray e Charles Eames).
Fotografia in Archdaily.com

Imagem 8.7
Richard Neutra.
Fotografia de Jared Frederic, in Flickr.com

Imagem 8.8
Mies Van Der Rohe.
Fotografia de Eduard Sharp, in Archdaily.com.

Imagens 9, 10 e 11
Dymaxion House, Buckminster Fuller, 1929.
Fotografia in Archdaily.com

Imagem 12
Le Modulor 1942 a 1948, Le Corbusier.
Fotografia de Juan Figueroa, in Pinterest.com.

Imagem 13
Ville Savoye, Le Corbusier.
Fotografia de Vallen, in Flickr.com.

Imagem 14
Walking City, Archigram.
Fotografia de Luis Villa, in Flickr.com.

Imagem 15
Pluggin Cities. Grupo Archigram.
Fotografia de Luis Villa, in Flickr.com.

Imagem 16
Case study house n.22 adaptação para Hong Kong, James P Miller.
Fotografia de Ernest Delaville, in Fickr.com.

Imagem 17
Case study house n.22, James P Miller.
Fotografia de Ernest Delaville, in Archdaily.com.

Imagens 18 e 19
Six Shell Buble, 1964, in Designboom.com

Imagem 20
Toyo Ito, Pao I e II, 1985, 1989.
Fotografia in Designboom.com.

Imagem 21
Markies, Edward Bohtlingk 1986, in toy.blogspot.pt

Imagem 22
Projeto Pao I e II, 1985 a 1989.
Fotografia in Designboom.com

Imagens 23, 24 e 25
Nomadic Museum, Shigeru Ban.
Fotografia (cortesia de)Simón Vélez, in Fickr.com

Imagem 26
Mima Housing.
Fotografia in MIMA housing.pt

Imagens 27, 28 e 29
Shellter, Likearchitects, 2012.
Fotografia in likearchitects.com.

Imagem 30
Yurt (tenda da Ásia Central)
Fotografia de Knarley Oak, in Flickr.com

Imagens 31 e 32
Tuaregues
Fotografia de Mic. in Flickr.com

Imagem 33
Tippi (tenda nativo americana).
Fotografia de Knarley Oak, in Flickr.com

Imagem 34
A carroça cigana.
Verdine, in www.Unesco.com

Imagem 35
Carroça Americana.
Fotografia de Thomas Oliver in Flickr.com

Imagem 36
Exemplo de choço em Portugal.
Ilustração de Ernesto Veiga de Oliveira,
in Construções Primitivas em Portugal

Imagem 37
Exemplo de cabana em Portugal.
Ilustração de Ernesto Veiga de Oliveira,
in Construções Primitivas em Portugal

Imagem 38
Exemplo de abrigo móvel em Portugal.
Ilustração de Ernesto Veiga de Oliveira,
in Construções Primitivas em Portugal

Imagens 39 e 40
Volkswagen Westfalia,anos 60.
Fotografia de Yeti photography UK

Imagem 41
Torre Nakagin, 1972, Kisho Kurokawa,
Fotografia in .archdaily.com.

Imagens 42, 43, 44 e 45
Unitá Abitativa démergenza FIAT, Designer e Arquiteto Marco
Zanuso e Richard Sapper, 1964.
Fotografia de Susan Myer, in Flickr.com.

Imagens 46 e 47
Torre Nakagin, 1972, Kisho Kurokawa.
Fotografia in archdaily.com.

Imagens 48, 49 e 50
Structures. Frei Otto.
Fotografia de Bollops in Flickr.com.

Imagens 51, 52, 53 e 54
Cushicle do grupo Archigram, 1966.
Fotografia in Archigram.net

Imagens 55 e 56
Gama Cristal Bubble - Bubble Tree.
Fotografia in Bubbletree.fr.

Imagem 57
Umbrella House. Kengo Kuma Associates. Trienal de Milão 2008.
Fotografia in Dezeen.com.

Imagem 58
Umbrella House. Kengo Kuma Associates. Trienal de Milão 2008.
Fotografia in Dezeen.com.

Imagens 59 e 60
T - Room, Alternative paradise, Kengo Kuma Associates.
Fotografia de Nilson Taninaga, in Flickr.com.

Imagens 61 e 62
Enchouse in Museum fur Angewandte Kunst 04, Kengo Kuma,
Frankfurt 2007.
Fotografia de Archi Daisuki, in Flickr.com.

Imagem 63
Cartaz de Tolouse Lautrec - Moulin Rouge.
Fotografia de comicsman, in Flickr.com.

Imagem 64
Pousada Flor de Rosa, Carrilho da Graça.
Fotografia de Malcolm Bull, in Flickr.com.

Imagem 65
Pousada de Santa Maria do Bouro, Eduardo Souto de Moura.
Fotografia de António Sardinha, in Flickr.com

Imagens 66, 67 e 68
Yotel.
Fotografia de Idee per viaggiare.com in Flickr.com.

Imagens 69 e 70
Sleepbox, Fotografia in Sleepbox.com

Imagens 71, 72, 73 e 74
9hours Capsule hotel 2009.
Fotografia in Design Boom

Imagem 75
9hours Capsule hotel 2009.
Fotografia in Design Boom

Imagem 76
Village Underground, Lisboa, 2012.
Fotografia deMadalena Araújo, in P3.público.pt.

Imagens 77, 78 e 79
O Glamping
Fotografia de Marcos Borga, in Revista Visão.

Imagens 80, 81 e 82
Hotel das Park e Tubo Hotel.
Fotografia de Adam Sullivan, in Arquiteturaparalela.wordpress.com

Imagens 83, 84 e 85
Tree Hotel.
Imagem de ilvia Monaco, in Revista Domus Especial Salone.

Imagens 86, 87 e 88
Endémico Resguardo Silvestre, México.
Fotografia in Archdaily.com.

Imagem 89
Brainstorming para formalização de ideias de projeto.
Imagem de André Santos.

Imagem 90
Esquiço para procura de disposição dos vários módulos em contexto urbano.

Imagem 91
Esquiços de relação da micro-arquitetura com a escala humana e relação com a envolvente.

Imagem 92
Esquiços de procura de articulação do espaço exterior e dos módulos entre si. Articulação em forma de praça circular.

Imagem 93
Esquiços de procura de articulação do espaço exterior e dos módulos entre si. Articulação em forma de corredor.

Imagem 94
High Speed Train Station, Abalos+Sentkiewicz Arquitectos,
Logrõno - Espanha,2012.
Fotografia in Archdaily.com

Imagem 95
Diagrama de utilização do micro-hotel.

Imagem 96
Imagem do local de implantação e envolvência. Porto de Leixões.
Montagem Fotográfica de André Santos.

Imagem 97
Casa de Chá da Boa Nova, projeto de Siza Vieira, 1958,
Leça da Palmeira.
Fotografia de Nuno Felgar, in Flickr.com

Imagem 98
Piscinas das Marés, projeto de Siza Vieira, 1966, Leça da Palmeira.
Fotografia de Nuno Felgar, in Flickr.com

Imagem 99
Imagem do local de implantação e envolvência.
Rotunda da Boavista - praça Mouzinho de Albuquerque.
Montagem Fotográfica de André Santos.

Imagem 100
Imagem de referência Cultural do local de implantação do projeto.
Casa da Música.

Imagem 101
Imagem do local de implantação e envolvência.
Jardins da Cordoaria.
Montagem Fotográfica de André Santos.

Imagem 102
Reitoria da Universidade do Porto.
Fotografia de Leonor Magalhães.

Imagem 103
Implantação do projeto no Porto de Leixões
Desenho técnico à escala 1:500

Imagem 104
Implantação do projeto na Rotunda da Boavista ou
Praça Mouzinho de Albuquerque
Desenho técnico à escala 1:500

Imagem 105
Implantação do projeto nos jardins da Cordoaria
Desenho técnico à escala 1:500

Imagem 106
Fotomontagem da envolvente e desenho técnico da fachada do micro-hotel.
Desenho técnico à escala 1:100

Imagem 107
Fotomontagem da envolvente e desenho técnico da fachada do micro-hotel.
Desenho técnico à escala 1:100

Imagem 108
Esquiços de articulação do espaço interior e sua relação com o invólucro.

Imagem 109
Esquiço do acesso aos blocos interiores do habitáculo. A praça.

Imagens 110 e 111
Esquiço de articulação do espaço interior com objetos; e a sua relação com os alçados.

Imagem 112
Vista de cima à escala 1:100

Imagem 113
Estudo solar do objeto em planta

Imagem 114
Esquema representativo do estudo solar do objeto.
Desenho em alçado.

Imagens 115 e 116
Maqueta das divisões distintas do habitáculo e sua relação com o invólucro. Executada em esponja e sacos plástico.

Imagem 117
Esquiço das primeiras ideias das entradas de luz no habitáculo e sua relação com o interior.

Imagem 118
Esquiço para o estudo da forma e localização dos vãos do habitáculo.

Imagens 119 e 120
Maquetas realizadas para efeitos de estudo do acesso ao habitáculo. A concavidade em oposição à convexidade como convite ao usufruto do espaço. A concavidade como corpo que penetra no espaço, e a convexidade como corpo que emerge do interior do espaço.

Imagem 121
Cortes em desenho técnico do habitáculo
Escala 1:100 (à escala 1:50 em anexo)

Imagem 122
Esquiço procura da zona de trabalho

Imagem 123
Casa Robalo Cordeiro de João Mendes Ribeiro, Coimbra 2009
Fotografia de Fernando Guerra, in Últimasreportagens.com

Imagem 124
Casa da Escrita de Jo.o Mendes Ribeiro, Coimbra 2010
Fotografia de Do mal, o menos, in Archdaily.com

Imagem 125
Esquiços de pormenores construtivos da escada.

Imagem 126
Maqueta construtiva da escada. Vista frontal.
Escala 1:50 construída em balsa

Imagem 127
Maqueta construtiva da escada. Vista longitudinal.
Escala 1:50 construída em balsa

Imagem 128
Maqueta construtiva da escada. Vista perspética.
Escala 1:50, construída em balsa

Imagem 129
Desenho técnico da escada
Escala 1:100 (à escala 1:50 em anexo)

Imagem 130
Esquiço do bloco sanitário. A estrutura assumida.

Imagem 131
Maqueta construtiva do bloco sanitário. Vista perspética.
Escala 1:50, construída em balsa.

Imagem 132
Maqueta construtiva do bloco sanitário. Vista longitudinal.
Escala 1:50, construída em balsa.

Imagem 133
Maqueta construtiva do bloco sanitário. Vista transversal.
Escala 1:50, construída em balsa.

Imagem 134
Maqueta construtiva do bloco sanitário. Vista em planta.
Escala 1:50, construída em balsa.

Imagem 135
Esquiço de estudo do bloco de banho.Relação entre blocos e estudos dos rasgos de luz.

Imagem 136
Desenho técnico da caixa sanitária
Escala 1:100 (à escala 1:50 em anexo)

Imagem 137
Esquiço construtivo do bloco do quarto e fixação do bloco à estrutura (esqueleto) do habitáculo.

Imagem 138
Desenho técnico da caixa do quarto
Escala 1:100 (à escala 1:50 em anexo)

Imagens 139 e 140
Cloud, Irmãos Bouroullec. 2008
Fotografia de Lucas Liedke

Imagem 141
Maqueta construtiva à escala 1:10 do bloco do quarto

Imagem 142
Referência projetual.
Os banhos de luz das Termas de Vals, Peter Zumthor, Suíça 1996.
Fotografia de Xosi RA, in Flickr.com

Imagem 143
Referência projetual.
Os lanternins iluminados das Termas de Vals, Peter Zumthor, Suíça 1996.
Fotografia de Xosi RA, in Flickr.com

Imagem 144
Desenho técnico da caixa de banho
Escala 1:100 (à escala 1:50 em anexo)

Imagem 145
Estudo lumínico do interior do objeto
Desenho técnico à escala 1:100

Imagens 146, 147 e 148
Renders de iluminação do habitáculo.
· Espaço de trabalho;
· Acessos aos diferentes módulos interiores;
· Efeitos de luz nos rasgos entre blocos.

Imagens 149, 150, 151
Renders de iluminação do habitáculo
· Relação dos diferentes módulos interiores;
· Espaço de trabalho;
· Efeitos de luz nos rasgos entre blocos.

Imagem 152
Renders de iluminação do habitáculo.
· Vista conjunta do habitáculo.
· Vista em planta.

Imagem 153
Render de iluminação do habitáculo.
· Bloco de banho.

Imagem 154
Render de iluminação do habitáculo.
· Bloco sanitário.

Imagem 155
Imagem de referência para os lanternins do habitáculo.
Casa das Caldeiras 2006 a 2008, Coimbra, João Mendes Ribeiro e Cristina Guedes.
Fotografia de Psarq. in Flickr.com.

Imagem 156
Biblioteca, Rovaniemi 1963-1968. Alvar Aalto.
Fotografia de Josep Maria Torra, in Flickr.com

Imagem 157
Mosteiro de la Tourette, Le Corbusier, 1957-60, Eveux-sur-Arbresle, perto de Lyon, França.
Fotografia de MVK Architects, in Flickr.com

Imagem 158
Esquiço de esquema de montagem

Imagem 159
Esquema de montagem

Imagens 160, 161, 162 e 163
Modelação 3D do esquema de conceção do objeto

Imagens 164, 165, 166 e 167
Modelação 3D do esquema de conceção do objeto

Imagem 168 e 169
Modelação 3D do esquema de conceção do objeto

Imagem 170
Referência projetual de unidades mínimas cabane, 2001, Irmãos Bouroullec.
Fotografia de Morgane Le Gall, in bouroullec.com.

Imagem 171
Cloud, Irmãos Bouroullec, 2008
Fotografia in Flickr.com

Imagens 172 e 173
Referência projetual de unidades mínimas Lit Clos, Irmãos Bouroullec.
Fotografia de Ellen Himelfarb, in Wallpaper.com.

Imagens 174 e 175
Nakagin Capsule Hotel, Arquiteto Kisho Kurokawa, Tokyo, 1972
Fotografia de TYO, in Flickr.com

Imagens 176, 177 e 178
Exercício de procura de espaços mínimos.
Técnica de colagem e assemblagem.

Imagens 179 e 180
Referência projetual. Casa em Cadoços, Aires Mateus
Fotografia in Airesmateus.com.

Imagem 181
Referência projetual. Casa em Monsaraz, Aires Mateus
Fotografia de Iqbal Alaham, in Pinterest.com.

Imagens 182, 183, 184, 185, 186 e 187
Estudo Bidimensional para procura de áreas mínimas de vivência.
Em papel e cartão.

Imagens 188, 189, 190, 191 e 192
Esquema Bidimensional para procura de áreas mínimas de vivência

Imagens 193, 194 e 195
Maqueta de 1ª procura de relação entre a côncavidade - os vazios como espaço habitável e os cheios como espaço de transição e vice-versa. Executada em esponja.

Imagem 196
Maqueta de 1ª procura de relação entre a côncavidade - os vazios como espaço habitável e os cheios como espaço de transição e vice-versa. Executada em esponja.

Imagem 197
Referência Projetual Montaña Tindaya, Eduardo Chillida, Fuerteventura,1994

Imagem 198
Referência de colagem de Eduardo Chillida.
Fotografia de Andrew Palcarr, in Flickr.com.

Imagem 199
Referência. Gravitación Tinta Homenaje a San Juan de la Cruz III , Eduardo Chillida, colagens (1991 a 1995)
Fotografia de Andrew Palcarr, in Flickr.com.

Imagem 200
Escultura em Alabastro, de Eduardo Chillida.
Fotografia de Andrew Palcarr, in Flickr.com

Imagem 201
Requiem, Leku-II-, Eduardo Chillida escultura em pedra alabastro, (1976)
Fotografia de Andrew Palcarr, in Flickr.com

Imagem 202
Maqueta de procura de formas e volumes através da extracção de massa. Executada em cera

Imagem 203
Maqueta de procura da articulação dos planos definidores do espaço interior do habitáculo. Realizada em cartão de dupla face.
Em vista perspética.

Imagem 204
Maqueta de procura da articulação dos planos definidores do espaço interior do habitáculo. Realizada em cartão de dupla face.
Vista em planta.

Imagem 205
Maqueta de procura da articulação dos planos definidores do espaço interior do habitáculo. Realizada em cartão de dupla face

Imagem 206
Maqueta de procura da forma da pele exterior e limites do habitáculo. Realizada em esponja e sacos plásticos.

Imagem 207
Maqueta de estudo da forma dos módulos interiores do habitáculo. O bloco de banho. Maqueta executada em esponja.

Imagem 208
Maqueta de relação da forma da pele exterior e limites do habitáculo com a luz. Realizada em esponja e sacos plásticos.

Imagem 209
Esquema representativo da transposição da forma da planta para a fachada do habitáculo

Imagem 210
Maqueta de procura de formalização dos alçados exteriores.

Imagens 211 e 212
Loja Nanushka Betastore, Sandra Sandor. Budapeste, criada para a estação outono/inverno 2011, Budapeste
Fotografia by Viola Mezo, in Flickr.com

Imagens 213, 214 e 215
Maqueta de relação do interior de conforto com a pele - tela - que o protege. Procura da forma desta pele. maqueta executada em espuma e sacos - plástico.

Imagem 216
Imagem aproximada do efeito criado pela pele - tela, neste projeto. Loja Nanushka Betastore, Sandra Sandor. Budapeste, criada para a estação outono/inverno 2011, Budapeste.
Fotografia by Viola Mezo, in Flickr.com

Imagem 217
Imagem de referência. Café de Verano; Darkdesigngroup, Rússia, 2012
Fotografia in Archdaily.com

Imagem 218
Imagem de referência. Aproximação ao aspeto do esqueleto do nosso projeto. Café de Verano; Darkdesigngroup, Rússia, 2012
Fotografia in Archdaily.com

Imagem 219
Esquiço de formalização dos perfis tubulares constituintes do esqueleto - estrutura - do projeto.

Imagem 220
Esquiço de pormenores construtivos dos perfis tubulares constituintes do esqueleto - estrutura - do projeto.

Imagem 221
Esquiço de pormenor da fixação da estrutura ao solo e da relação entre os perfis e o interior de conforto.

Imagens 222 e 223
Referência projetual. Centro de Congressos e Exposições de Ávila; Francisco Mangado, Espanha, 2012
Fotografia cortesia de Francisco Mangado Architects Juan Rodriguez, Pedro Pegenaute in Architectureau.com.

Imagens 224, 225 e 226
Maqueta do esqueleto do habitáculo, representativa da estrutura tubular que envolve a pele e este interior de conforto. Executada em cartão madeira.
· Vista perspética.
· Vista frontal.
· Vista lateral.

Imagem 227
Maqueta do esqueleto do habitáculo, representativa da estrutura tubular que envolve a pele e este interior de conforto. Executada em cartão madeira. Vista em planta.

Imagem 228
Referência projetual para pormenor de relação da chapa distendida com os vãos do edifício. Oficina de turismo de Arteixo, Alejandro Garcia y arquitectos, Corunha, 2012
Fotografia Cortesia de Alejandro García y Arquitectos, in Archdaily.com.

Imagens 229, 230 e 231
Maqueta de estudo da casca. Simulação do efeito formal dos planos de chapa distendida. Maqueta em cartão bristol.
· Vista transversal.
· Vista lateral.
· Vista em planta.

Imagem 232
Maqueta de estudo da casca. Simulação do efeito formal dos planos de chapa distendida. Maqueta em cartão bristol. Vista frontal.

Imagens 233, 234 e 235
Finalmente a maqueta representativa da relação do interior de conforto com o esqueleto que o evolve e sustenta.
Escala 1:10

ANEXO I

A EXPOSIÇÃO PLACELESS
REVISTA DÉDALO



BRIEFING: DEDALO #9

PLACE:LESS

No seguimento de #7 Re:Place e #8 Dis:Place, surge #9 Place:less no remate do tríptico proposto, a fim de problematizar questões relativas ao lugar em Arquitectura[1]. Se, na primeira, a importância do lugar foi posta em causa, repensada; e, na segunda, se privilegiaram discussões em torno do seu deslocamento, descontextualização; nesta edição, o problema (con)centra-se na sua falta de significação, escassez, perda.

Numa primeira aproximação, na linha das ciências sociais, em particular da antropologia, Place:less poderá significar sem-lugar - "entre utopias e estes locais distintos, heterotopias, pode existir uma espécie de mistura, experiência conjunta, que seria o espelho. O espelho é, primeiro que tudo, uma utopia uma vez que materializa um lugar sem lugar. Ao espelho, vejo-me onde não estou, num espaço virtual, irreal, que se abre atrás da superfície."[2]

No entanto, "eliminando o lugar elimina-se ao mesmo tempo a arquitectura(...). O espaço existencial consiste sempre em lugares."[3] Assim, a questão centra-se na "dissolução contemporânea do lugar: espaços mediáticos, não lugares e ciberespaço."[4]
Place:less pode também ser entendido como a perda de lugar, a perda da sua significação – "Será a cidade contemporânea como o aeroporto contemporâneo "igual a todos os outros"? / A convergência é possível apenas à custa do despojamento da identidade. Isso é geralmente visto como uma perda. / E se esta homogeneização aparentemente acidental e geralmente deplorada fosse um processo intencional, um movimento consciente de distanciamento da diferença e aproximação da semelhança? / O que resta se removermos a identidade?"[5]

Ou então, place less como acção, a perda do medo do vazio, um processo crítico e revolucionário de subtracção e de criação de zonas livres. A densidade pode ser mantida sem recurso à substância: a procura da intensidade sem arquitectura.[6] Num momento de crise profunda que afecta o panorama da arquitectura contemporânea, propomos o(re) pensar, questionar de Place:less através desta "plataforma que pretende promover a discussão, estimular debates, ser um espaço de experimentação e contemporaneidade."[7]

-

DÉDALO

-

[1] Miguel TAVARES, Ricardo Morais SOUSA, Dédalo nº7 re:Place 2010, página 2 (editorial)
"O lugar, sítio carregado politicamente, é assunto intrínseco à arquitectura."
[2] Michel FOUCAULT, Of Other Spaces, Heterotopias, 1967
[3] Josep Maria MONTANER, A modernidade superada : arquitectura, arte e pensamento do século XX, página 40, Gustavo Gili, 2001
[4] Josep Maria MONTANER, A modernidade superada : arquitectura, arte e pensamento do século XX, página 43, Gustavo Gili, 2001
[5] Rem KOOLHAAS, Três textos sobre a cidade, página 31, Gustavo Gili, 2010
[6] Rem KOOLHAAS, Small, Medium, Large, Extra-Large : Office for Metropolitan Architecture / Rem Koolhas and Bruce Mau, Imagining Nothingness, New York : The Monacelli Press, 1998
[7] DÉDALO, Briefing Dédalo #8 dis:Place 2011

-

CONTRIBUAM PARA DÉDALO #9 PLACE:LESS ENVIANDO OS VOSSOS TEXTOS PARA:
REVISTADEDALO @GMAIL.COM
A DATA LIMITE PARA A ENTREGA DAS PARTICIPAÇÕES É 15-04-2012

SERGIO-ALVES.COM

ANEXO II

ENTREVISTA AO PÚBLICO-ALVO

Entrevista
Público alvo tipo I

Executivo – gestor de empresas

Se lhe surgisse uma situação na qual precisasse de um alojamento com urgencia numa cidade para onde não existam os voos low-cost, forçando-o a aí pernoitar, qual o tipo de hotel pelo qula iria optar?
Provavelmente aquele que me desse melhor acesso aos meios de transporte e com a melhor localização possível, com um preço acesível, mediante os compromissos que tivesse, que provavelmente seriam no centro da cidade.

Neste tipo de situação, em que viaja a trabalho, procuraria confraternizar com outros hóspedes?
Se essa fosse uma "imposição" do espaço hoteleiro em si, não serviria as minhas necessidades no momento.
Nesses casos, o que me interessa especificamente é resolver de forma rápida, eficaz e sem muitos transtornos o problema do alojamento e acessos aos ocais onde terei os compromissos de trabalho em concreto.

No que diz respeito ao espaço hoteleiro em si. Quais seriam os conceitos de hotel que mais lhe despertariam interesse?
Talvez um conceito de hotel que premiasse a privacidade dos seus hóspedes. Um hostel por exemplo não seria de todo o conceito mais indicado para circunstâncias em que há imposição de horários. No meu caso não seria uma viagem a laser, mas sim uma viagem de trabalho.

No caso deste micro-hotel em específico, em que cada quarto representa uma unidade habitacional, considera que a segurança do hóspede estaria assim assegurada?
Sim, para além de que este se deveria localizer num sítio iluminado, com vida permanente, e com a presença física de elementos de segurança, ou agentes de autoridade.

Consideraria então necessário, a presença de um rececionista ou de funcionários no local? Ou uma solução de check-in online por exemplo seria suficiente?
Poderia não existir a presença física de um rececionista, desde que existisse uma organização credenciada que desse a cara pelo projeto, assumindo as responsabilidades pela fiabilidade e qualidade dos serviços aqui prestados.
Ao passar da fase embrionária, o projeto deveria até ter um representante (organização). Que pudesse ser previamente contactada no sentido de saber condições e obter reservas.

E no que diz respeito ao funcionamento deste hotel. Os serviços de limpeza e assistência, por exemplo, Seria necessário que fossem feitos de forma mais personalizada?
Deveriam ser feitos de forma assidua sim. Sobretudo a limpeza, entre utilizações de diferentes hóspedes. Mas não durante a nossa estadia. Pois tornar-se-ía um fator adicional de perturbação.

Dara preferência a este conceito de hotel localizado num aeroporto ou próximo de um centro urbano (com meios de transporte garantidos partindo do aeroporto)?
A meu ver, o ideial seria, logo no aeroporto ter um "stand" ou um ponto de venda , no fundo um guichet, credibilizado, que desse garantias de bom funcionamento. Como um rent- a – car, ou um Avis. Ao qual nos dirigissemos para tartar do assunto. Este próprio sistema levar-me-ia ao hotel e este teria de ser bem servido por transportes e serviços de rede pública.

Apesar de ser uma possível condicionante, (em termos de custos), seria no seu entender imprescindível a localização do projeto num centro urbano?
Claro que sim.

Neste caso, um contacto (ainda que filtrado) com o exterior circundante do quarto de hotel, seria interessante? Ou preferia a total privacidade e resguardo do contacto com o exterior?
Se este quarto fosse totalmente encerrado, seria demasiado claustrofóbico. Penso que o ideal seria uma solução de compromisso entre a preservação da privacidade e sem permitir o desconforto de ser observado. O contacto com o exterior poderia inspirer insegurança; Não manter qualquer contacto, causaria uma sensação de claustrofobia. Este seria provavelmente um grande desafio deste projeto.

Entrevista
Público alvo tipo II

Estudante de Erasmus em Portugal

Ao chegar à cidade, sentiste falta de infraestruturas (hotéis) que, te garantissem pernoitar, perto dos principais meios de transporte ou na cidade?
Sim, um pouco. Existem alguns hostels, que procurados previamente são uma opção, até pelo convívio, mas numa emergência não são assim tão fáceis de encontrar.

No teu entender, achas adequado que hotéis como este projeto se encontrassem nos centros urbanos ou consideras mais pertinente qualquer outra localização.
Sim, sem dúvida no centro da cidade!

Consideras portanto que este é um factor relevante para o sucesso deste conceito de hotel?
Muito, porque os transportes poderiam significar mais gastos.

E no que se refere à privacidade do hóspede, isto é, deveria este hotel ser total ou parcialmente resguardado do contacto com o exterior?
Poderia ter contacto claro, desde que isso não fosse incómodo para o hóspede. Uma janela faz sempre falta.

Consideras importante a integração total de um objeto destes, com o meio que o envolve? Ou que este devesse ter um impacto mais acentuado na paisagem do local?
Acima de tudo deve ser vísivel, mas não ter um impacto negativo na paisagem.

É então da opinião que um projeto desta natureza, deve estar sinalizado, destacado e ser facilmente detetado? Ou ser como um "resguardado recanto citadino"?
Sim deve ser destacado, e bem sinalizado. Mas um recant citadino soa-me bem, desde que seguro.

E sendo possível criar parcerias entre restaurantes e este projeto, para facilitar as refeições proporcionadas aos hóspedes, ou a programas de guias culturais e tours pela cidade, consideras imprescindível ou dispensável um programa neste âmbito?
Seria uma ótima ideia de integração do viajante na vossa cultura sim.

No que diz respeito à vivência do espaço em si, este teria que ter, necessáriamente, uma área de trabalho, ou bastaria uma zona para repousar, para um momento de paragem?
Acho que bastaria uma área multifunções. Que não o quarto.

O serviço de limpeza deste espaço, feito antes da entrada de cada hóspede e à saída do hóspede anterior, seria suficiente?
Sim certamente, afinal de contas a ideia não é passer aqui mais do que um ou dois dias, certo?

Ainda que estes factores tivessem implicações no preço final do alojamento, o acesso à internet e atendimento personalizado (feito por um rececionista), e o controlo da temperatura interior, verias como uma necessidade ou seria dispensável?
A internet sim, definitivamente! O antendimento personalizado talvez para dar apoio até quanto aos sítios mais bonitos a visitor na cidade por exemplo. Mas se tudo isso fosse fornecido on-line por exemplo, não veria problema. O controlo da temperatura sim, mas se houvesse um quarto se mar condicionado mais barato, eu escolhe-lo-ía

E este sistema de limpeza, deveria ser automático ou feito por uma equipa de limpeza, digo, mais personalizado?
A solução mais rápida, eficaz e mais barato para o hóspede.

Quanto aos preços, considerarias razoável, o custo por noite rondar os 30 euros?
30 euros, seria o limite, mais do que isso seria prefervel alugar um quarto num hotel mais barato, ou até num hostel.

Em alternativa, e para finalizar, acharias mais pertinente que fosse possibilitada a preparação de refeições rápidas ou proporcionado o usufruto de eletrodomésticos como frigorífico por exemplo?
Penso que isso levantaria as tais questões de limpeza. Mas seria também mais barato. Essa é uma bela questão!

ANEXO III

RELATÓRIO DAS CONCLUSÕES DA ENTREVISTA AO PÚBLICO-ALVO

Conclusões retiradas das entrevistas, com vista à criação do programa funcional;

Procurámos identificar os atributos imprescindíveis à elaboração do programa funcional deste micro – hotel, realizando uma série de entrevistas a figuras representativas do público-alvo nacional. Desta amostra fizeram parte o gestor de uma grande empresa, – que viaja com frequência para as grandes metrópoles de vários países, para reuniões pontuais que requerem curtas permanências. São meros momentos de paragem no contínuo transitar entre metrópoles, que podem ir de poucas horas, a um ou dois dias, quando muito.

Também integrou a amostra um elemento de direção de um atelier, que está em permanente mobilidade entre feiras internacionais e contatos internacionais, que normalmente procura viajar a custo reduzido, pretende facilidade de acessos aos grandes centros urbanos e desvaloriza o luxo do local onde se instala. Para ele o fator mais importante na sua escolha é a interface urbana envolvente do local de instalação e o apoio à sua situação de trânsito. Também permanece nos locais de paragem por curtos períodos de tempo.

Finalmente a amostra inclui um viajante jovem, estudante de Erasmus, ou viajante urbano, em busca de aventura. Para este viajante, o conforto e segurança são também importantes, mas pelo facto de possuir uma condição económica mais frágil do que os anteriormente referidos; o estudante valoriza muitíssimo o custo das suas viagens, pelo que procura um espaço o mais central possível no tecido urbano, com facilidade de acesso aos pontos turísticos e com vida urbana, quer diurna, quer noturna, que não obrigue a grandes gastos com a sua mobilidade.
No fundo a imagem do abrigo urbano.

ANEXO IV

GLAMPING

escape

Glamping: Onde acampar com glamour em Portugal

18 Agosto 2011 in escape.sapo.pt. Retirado a 20/07/012

Se gosta do contacto com a natureza sem ter de carregar a tenda e enfiar-se num saco-cama, esta é a forma ideal de acampar com conforto e algumas mordomias. Glamping é camping com glamour?



São cada mais vez os portugueses e muitos estrangeiros que procuram dias de contacto com natureza, mas com requinte. O Glamping ou **camping com glamour** foi a resposta encontrada para acampar "sem o incómodo de ter de carregar o carro com todos os materiais necessários. Acampar sem ter de montar a tenda depois de um dia de viagem. Acampar, mas dormir numa cama confortável e poder usar a sua própria casa de banho e ter uma cozinha com tudo o que é necessário para preparar as suas refeições, bem como energia elétrica". Esta é a explicação, resumida, apresentada pela Portugal Nature Lodge, localizada no Alentejo.

Por outras palavras, a grande diferença entre o campismo e o Glamping diz respeito às acomodações, com as tradições tendas e os sacos-cama a darem lugar a **Yurts** (Tendas da Mongólia), **Tendas Safari** (África do Sul), **Tipis** (Tendas de Índios) e **Eco-Pods** (pequenas cabanas feitas de materiais altamente recicláveis). Em diversos locais, existe uma forte componente de atividades ligadas ao meio ambiente e ao equilíbrio de corpo e mente, como o ioga.

Em Portugal, este é um mercado em crescimento e já consegue usufruir do Glamping em diversos pontos do país. No site especializado GoGlamping vai encontrar **11 sugestões de alojamento**, às quais se acrescentam o Vale do Rossim Eco Resort, na Serra da Estrela.







Portugal Nature Lodge (Troviscais, Odemira) Perto de Odemira, no Sudoeste Alentejano, entre no Portugal Nature Lodge aproveite o som do silêncio campestre e usufrua do contacto com a natureza em tendas Safari, Yurt e Tipi (duas pesssoas) ou, em alternativa, numa tenda Tipi Duplo (quatro pessoas). Em agosto já não aceitam reservas e os preços variam entre os 70 e os 95 euros, por noite. Pode também reservar por uma semana.

Yurt Holiday (Celavisa, Arganil) Aproveite, bem, a oferta da Yurt Holiday e escolha entre o Chestnut Tree Yurt, com capacidade para duas pessoas e a possibilidade de instalação de duas camas de criança, e a Apple Tree Yurt, preparada para receber até quatro pessoas e perfeita para famílias ou para quem deseja algum espaço extra. As bicicletas e o pequeno-almoço estão incluídos nas tarifas (a partir de 75 euros por noite).

Canvas Moon (Ázere, Tábua) O Canvas Moon é um refúgio para relaxar e explorar a bela paisagem do centro de Portugal. Junto à albufeira da Aguieira aproveite todas as possibilidades que este verdadeiro retiro lhe oferece. As tendas, verdadeiros espaços de luxo foram preparadas "especificamente para os casais que desejam relaxar em grande estilo" Escolha entre a Parisienne e a Marrakesh. Os valores, por semana, para duas pessoas, variam entre os 300 e os 350 euros.

Algarve Surf & Yoga Retreat (Monte Clérigo, Aljezur) O Algarve Surf & Yoga Retreat é um espaço que junta a prática do surf nas excelentes praias da região com a prática de ioga. O alojamento (partilhado) faz-se numa enorme tenda Tipi, onde podem dormir, confortavelmente, até cinco pessoas. Existe um Moroccan Lounge vocacionado para momentos de lazer. Pode ainda optar pela tenda Tipi individual, indicada para quem procura o seu "eu". Para os casais existe ainda uma tenda Safari, com uma agradável varanda. Os programas, para cinco dias de alojamento, incluem algumas refeições, sessões de ioga e surf, custam 795 euros

Eco-Lodge Brejeira (Brejeira, Silves) Perto da cidade de Silves, o Eco-Lodge Brejeira é um espaço muito especial. Para além do Yurt, com cama de casal e um sofá que poderá servir de cama extra, não deixe de usufruir da agradável varanda. Outras possibilidades de alojamento são a Roullote Cigana, com cama de casal, e uma Carrinha dos Bombeiros, com cama de casal e cozinha. Os preços variam entre os 35 e os 60 euros por noite. Pode também optar pelos pacotes semanais de estadia.

E Mais Glamping: Pleasent Valley Yurt (Graça, Pedrógão Grande) Lobos Retreat (Sertã) Portugal Yurt Retreat (Madeirã, Oleiros) Quinta da Cumieira (Casal, Cabeceiras de Basto) Lakeview Yurt Retreat (Cabril, Pedrógão Grande) Tipi Algarve (Porto de Lagos, Portimão)

ANEXO V

CONTRAPLACADO

Birch plywood
Technical information

PANEL SIZES

1200/1250/1500 mm x 1200//1250/1500/1800/2100/2400/2500/2650/2700/3000/3600 mm
1220/1525 mm x 1220/1525/2440/3050/3660 mm
Maximum size of the KingSize panels: 12,000 x 2,700 mm

* Other sizes available on request.

PANEL TOLERANCES

Length/width	< 1000 mm	Tolerance ±1 mm
	1000…2000 mm	± 2 mm
	> 2000 mm	± 3 mm
Squareness of panels		± 0.1% or ± 1mm/m
Straightness of panel edges		± 0.1% or ± 1mm/m

* different tolerances must be agreed separately case by case
* moisture content of the product affects its dimensions

THICKNESSES, STRUCTURES, TOLERANCES AND WEIGHTS

BIRCH, Structural ply thickness 1,4 mm (sanded)

Nominal thickness	Number of plies	Thickness tolerances[1]		Weight[2]
mm	pcs	min.mm	max.mm	kg/m²
4	3	3,5	4,1	2,7
6,5	5	6,1	6,9	4,4
9	7	8,8	9,5	6,1
12	9	11,5	12,5	8,2
15	11	14,3	15,3	10,2
18	13	17,1	18,1	12,2
21	15	20,0	20,9	14,3
24	17	22,9	23,7	16,3
27	19	25,2	26,8	18,4
30	21	28,1	29,9	20,4
35	25	33,5	35,5	23,8
40	29	38,8	41,2	27,2
45	32	43,6	46,4	30,6
50	35	48,5	51,5	34,0

1) The thickness tolerances fulfil the requirements of standard EN 315 and are in part more strigent than the official requirements.
2) Weights are based on the mean density of birch plywood 680 kg/m^3 (at relative humidity of 65%).
Special structures and thicknesses are available on request.

GLUING

Finnforest plywood panels are glued with weather and boil-proof phenolic resin adhesive. The plywood panel gluing process meets the requirements of the following standards: EN 314-2/class 3, DIN 68705 Teil 3/BFU 100 and (former) BS 6566 Part 8/Type WBP (1985).

Interior bonding meets the requirements of the following standards: EN 314-2/Class 1 (former) BS 6566 Part 8/Type INT and type MR, DIN 68705 Teil 3/BFU 20 and (former) IW-67.

In addition to the quality control processes of Finnforest mills, the Technical Research Centre of Finland (VTT) continuously monitors the quality of the plywood panel gluing process.

STANDARD PACKAGES

Number of panels per pallet (pcs)

	Thickness, mm														
Size, mm	4	6.5	9	12	15	18	21	24	27	30	35	40	45	50	
1500/1525 x 2400...3660															
1200/1220/1250 x 3000...3660	150	90	65	50	40	35	30	25	25	20	15	10	10	10	
1500/1525 x 1500...2135															
1200/1220/1250 x 1200...2750	240	140	100	75	60	50	45	40	35	30	25	20	20	20	

SURFACE QUALITIES

I (B)	I/III (B/BB)	I/IV (B/WG)	II (S)	II/III (S/BB)
II/IV (S/WG)	III (BB)	III/IV (BB/WG)	IV (WG)	

I	(B)	– lacquering grade
II	(S)	– painting grade
III	(BB)	– standard grade (plugged)
IV	(WG)	– reverse grade

USER SAFETY

The formaldehyde emission levels of Finnforest Birch plywood are low and the plywood panels fulfil the requirements of the highest class (E1) of standard EN 13986. In Finland, construction materials are also classified on the basis of their emission level and Finnforest Birch plywood belongs to the best class, M1.

QUALITY CONTROL, CE-MARKING AND APPROVALS

In addition to Finnforest´s own quality control, the Technical Research Centre of Finland VTT oversees production operations and the internal quality control at Finnforest plywood mills. External plywood quality control is conducted according to standard EN 13986 and its CE-marking rules in co-operation with VTT, which is the Notified Body of CE-marking system. The EN ISO 9001:2000 Quality Management system is also applied. All Finnforest plywood products are CE-marked. Markings are printed either on the packages or on the other side of a panel. In addition to this there are application specific approvals available.

ANEXO VI

METAL DISTENDIDO

METAL DISTENDIDO

O metal distendido é uma variante de grelha inteiriça, sem soldaduras, geralmente com malhas romboidais, fabricadas através do corte e expansão simultâneos de chapas de aço, aço inox, alumínio, latão, PVC ou outros materiais.
A chapa de aço poderá ser, dentro de certos limites, de qualquer espessura e, dada a espessura a travessa da malha será também variável. Consequentemente é possível, para cada tipo de malha, obter tipos com pesos vários.

APLICAÇÕES

Malhas menores
Usos decorativos, radiadores/queimadores, mobiliário metálico ou em conjunto com madeira, filtros diversos para indústrias doméstica e automóvel.
Malhas médias
Protectores, cofragens para construção civil, suportes de betão, tectos falsos, tábuas de engomar.
Malhas grandes/espessas
Pisos metálicos, painéis acústicos ou térmicos, vedações, sombreiras, blindagens.

RESISTÊNCIAS

VÃO (mm)	REFERÊNCIA				
	L62T4080N	L62T4070	E22T3040	L62T3070N	L62T3060
400	2300	1500	800	700	500
500	1700	1100	600	500	400
600	1300	800	400	350	• 280
700	1000	650	300	• 250	• 200
800	800	500	• 200	• 170	• 130
900	600	400	• 150	• 120	• 100
1000	400	• 300	• 100	• 100	• 80
kg/m2	**26**	**20**	**18**	**16**	**12**

Carga uniformemente repartida em kg/m^2 • Aconselhável para peões

AMOSTRAS

ANEXO VII

PAVIMENTO EM RESINA FENÓLICA

The Biofore Company UPM

WISA®-Wire

WISA-Wire is a plywood panel coated with dark brown phenolic resin coating with slip resistant wire mesh pattern. The product is intended for use as flooring in the transport industry ie. trailers, horse boxes and railway wagons and building applications such as warehouse floors, loading platforms and scaffolding. WISA-Wire is a universal material for technical flooring applications.

Base panel

Birch plywood made solely from birch (hardwood) veneers.

Bonding

Phenolic resin cross-bonded weather resistant gluing according to EN 314-2/class 3.

Surface

Face: Phenolic resin coating with wire mesh pattern, dark brown.

Reverse: Phenolic moisture barrier. Available either smooth or imprinted.

Edge protection: Acryl-based paint

Machining

Edge and face machining by CNC router available upon request.

Thicknesses and weights

Birch throughout construction

Nominal thickness (mm)	Number of plies	Thickness (mm)		Weight (kg/m²)	Maxi panels thickness (abt mm)	
		Min	Max		Min	Max
9	7	8.8	9.5	6.1	8.3	9.1
12	9	11.5	12.5	8.2	11.0	12.0
15	11	14.3	15.3	10.2	13.8	14.8
18	13	17.1	18.1	12.2	16.6	17.6
21	15	20.0	20.9	14.3	19.5	20.5
24	17	22.9	23.7	16.3	22.3	23.3
27	19	25.2	26.8	18.4	24.7	26.3
29	21	28.1	29.9	20.4		
30	22	29.6	31.2	21.5		

Moisture content 8-12 %.

ISO 9001 ISO 14001 DNV CERTIFIED ORGANISATION

PEFC PEFC/02-31-112 Promoting Sustainable Forest Management www.pefc.org

CE



ANEXO VIII

SELEÇÃO DE LUMINÁRIAS

Artemide

PRODUCT DATA SHEET

Pipe sospensione



DESIGN BY :

Herzog & De Meuron
2002

MATERIALS :

Steel, silicone, polycarbonate, steel

DESCRIPTION :

Flexible painted steel structure, covered with a natural anti-yellowing silicone case; ceiling rose and diffuser in transparent rubber-effect painted polycarbonate; mirror aluminium reflector with random perforations; painted steel bottom plate.

Flexible and adjustable, Pipe has a micro-perforated reflector that improves the quality of the lighting in the environment, as well as it enriches the design of the luminaire, which looks like it is studded with points of light of varied dimensions.

Light emission

Adjustable Direct And Diffused

IP 20

TECHNICAL DATA SHEET

FEATURES

Product name:	Pipe sospensione
Article Code:	**0633010A**
Colour:	Transparent
Material:	Steel, silicone, polycarbonate, steel
Series:	Design
Environment:	Indoor
Area contract:	Hospitality Hotel, Hospitality Restaurant, Office, Private Residence

OPTICS

Emission:	Adjustable Direct And Diffused

DIMENSIONS

Height:	(cm) 138
Cutout width:	(cm) 21
Base Diameter:	(cm) 18
Cutout shape:	

LAMPS INCLUDED

Category:	FLUO
Number:	1
Lbs:	Tc-tel
Watt:	32
Socket:	Gx24q-3
Type:	Fsmh
Colour Rendering:	1b
Colour temperature (K):	3000
Duration (h):	10000

DIMENSIONS



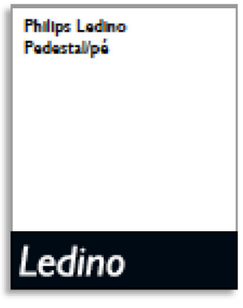
LAMP

IP 20

ELECTRICAL

Starter:	Electronic Integrated
Voltage:	220V-240V







Light up your outdoor life

Crie uma afirmação subtil de estilo colocando este candeeiro de pedestal antracite ao longo de um caminho ou à volta de um espaço. A cabeça curvada direcciona uma onda descendente de luz e com a função de regulação da intensidade da luz pode criar um cenário deslumbrante para um jantar agradável.

Concebido para o exterior
- Materiais elegantes e resistentes
- Ampla selecção de aplicações
- Iluminação de exterior moderna

Luz avançada para o exterior
- LED de alta potência

Soluções de iluminação sustentáveis
- Tempo de vida extremamente longo
- Economiza até 80% de energia

Características especiais
- Luz direccionada para a iluminação de caminh
- Óptimo desempenho a baixas temperaturas
- IP 44, concebida para utilização no exterior

Especificações

Design e acabamento
- Material: alumínio
- Cor: antracite

Dimensões e peso do produto
- Altura: 39,5 cm
- Comprimento: 12,7 cm
- Largura: 16,4 cm
- Peso líquido: 1,140 kg

Especificações técnicas
- Alimentação eléctrica: Entre 220 V e 240 V, 50-60 Hz
- Tecnologia da lâmpada: PowerLED, Tensão ultra baixa de segura
- Número de lâmpadas: 1
- Potência da lâmpada incluída: 7,5 W
- Potência máxima da lâmpada de substituição: 7,5 W
- Cor da luz: Branco quente de 2700 K
- Ângulo de feixe: 40°
- Código IP: IP44, protecção contra objectos com mais de 1 mm, protecção contra jatos salpicada
- Classe de protecção: I - com ligação à terra

Assistência
- Garantia: 2 ano(s)

Dimensões e peso da embalagem
- Altura: 44,9 cm
- Comprimento: 18,3 cm
- Largura: 14,6 cm
- Peso: 1,660 kg

Diversos
- Concebido especialmente para: Jardim e terraço
- Estilo: Moderno
- Tipo: Pedestal/pé

simpleswitch.com

Data de publicação
2012-08-08

Versão: 2.1.1

12 NC: 9130 007 02401
EAN: 87 17942 73240 6

© 2012 Koninklijke Philips Electronics N.V.
Todos os direitos reservados.

Todas as especificações estão sujeitas a alterações sem aviso prévio. As marcas comerciais são propriedade de Koninklijke Philips Electronics N.V. ou dos respectivos detentores.

www.philips.com

PHILIPS

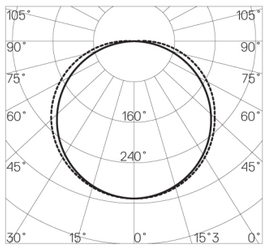
LED LINE

OSVALDO MATOS



CE IP20/IP67

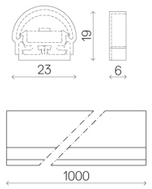
ZR323



cd/klm C0 - C180 C90 - C270

Módulo completo constituído por perfil de alumínio, fita de led flexível de 5W/m ou 15W/m (com temperatura de cor de 2700ºK e 4000ºK), difusor transparente ou fosco, tampas laterais e clips de fixação. Módulo fornecido à medida (medida mínima de corte 100mm).

código	lâmpada	dimensões(mm)	rendimento(η)	preço
IP20				
ZR323	LED 5W, 2700ºK, 315lm	1000x23mm	90%	**€31.40**
ZR324	LED 5W, 4000ºK, 345lm	1000x23mm	90%	**€31.40**
ZR325	LED 15W, 2700ºK, 750lm	1000x23mm	90%	**€32.15**
ZR326	LED 15W, 4000ºK, 800lm	1000x23mm	90%	**€32.15**
IP67				
ZR327	LED 5W, 2700ºK, 235lm	1000x23mm	90%	**€41.10**
ZR328	LED 5W, 4000ºK, 255lm	1000x23mm	90%	**€41.10**
ZR329	LED 15W, 2700ºK, 550lm	1000x23mm	90%	**€43.25**
ZR330	LED 15W, 4000ºK, 595lm	1000x23mm	90%	**€43.25**



GROUND

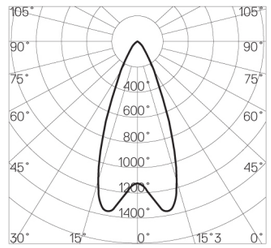
OSVALDO MATOS





CE IP66

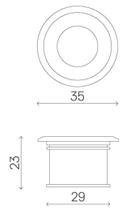
ZR355



cd/klm C0 - C180 C90 - C270

Projector em LED de encastrar no piso ou na parede, de altura reduzida, com corpo em aço inox e difusor em vidro temperado transparente ou fosco. Fixação por molas ou com caixa de encastramento. Inclui cabo de 90cm. Possibilidade de fornecimento com diferentes ângulos de abertura e noutras temperaturas de cor.

código	lâmpada	dimensões(mm)	rendimento(η)	preço
ZR355	LED 1W, 30º, vidro transparente, 3000ºK, 100lm, 350 mA	29	83%	**€61.05**
ZR356	LED 1W, 150º, vidro fosco, 3000ºK, 100lm, 350 mA	29	62%	**€61.05**



ANEXO IX

ESTUDO LUMINOTÉCNICO
COCOON HOTEL

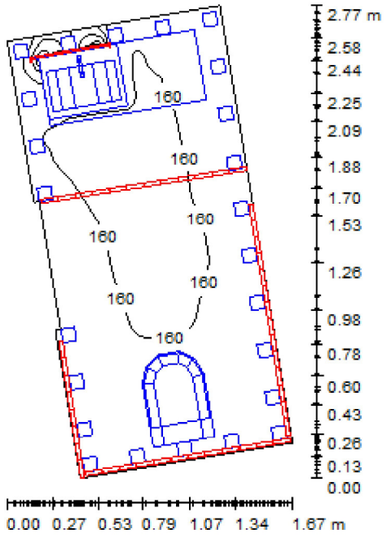
Cocoon Hotel

Interlocutor(a):
N° do pedido:
Empresa:
N° do cliente:

Data: 31.07.2013
Editor(a):

Editor(a)
Telefone
Fax
e-Mail

Bloco Sanitário / Resumo



Altura da sala: 2.500 m, Factor de manutenção: 0.90 Valores em Lux, Escala 1:36

Superfície	ρ [%]	E_m [lx]	E_{min} [lx]	E_{max} [lx]	E_{min} / E_m
Plano de uso	/	149	63	823	0.426
Solo	20	65	21	100	0.330
Tecto	80	136	28	1797	0.205
Paredes (8)	50	139	8.68	14699	/

Plano de uso:
Altura: 0.800 m
Grelha: 128 x 64 Pontos
Zona marginal: 0.000 m

Lista de luminárias

N°	Unid.	Denominação (Factor de correcção)	Φ (Luminária) [lm]	Φ (Lâmpadas) [lm]	P [W]
1	75	Osvaldo Matos ZR330 + ZR349 (100mm) LED LINE 15W/m 4000ºK IP67 (1.000)	51	60	1.6
			Total: 3822	Total: 4500	120.0

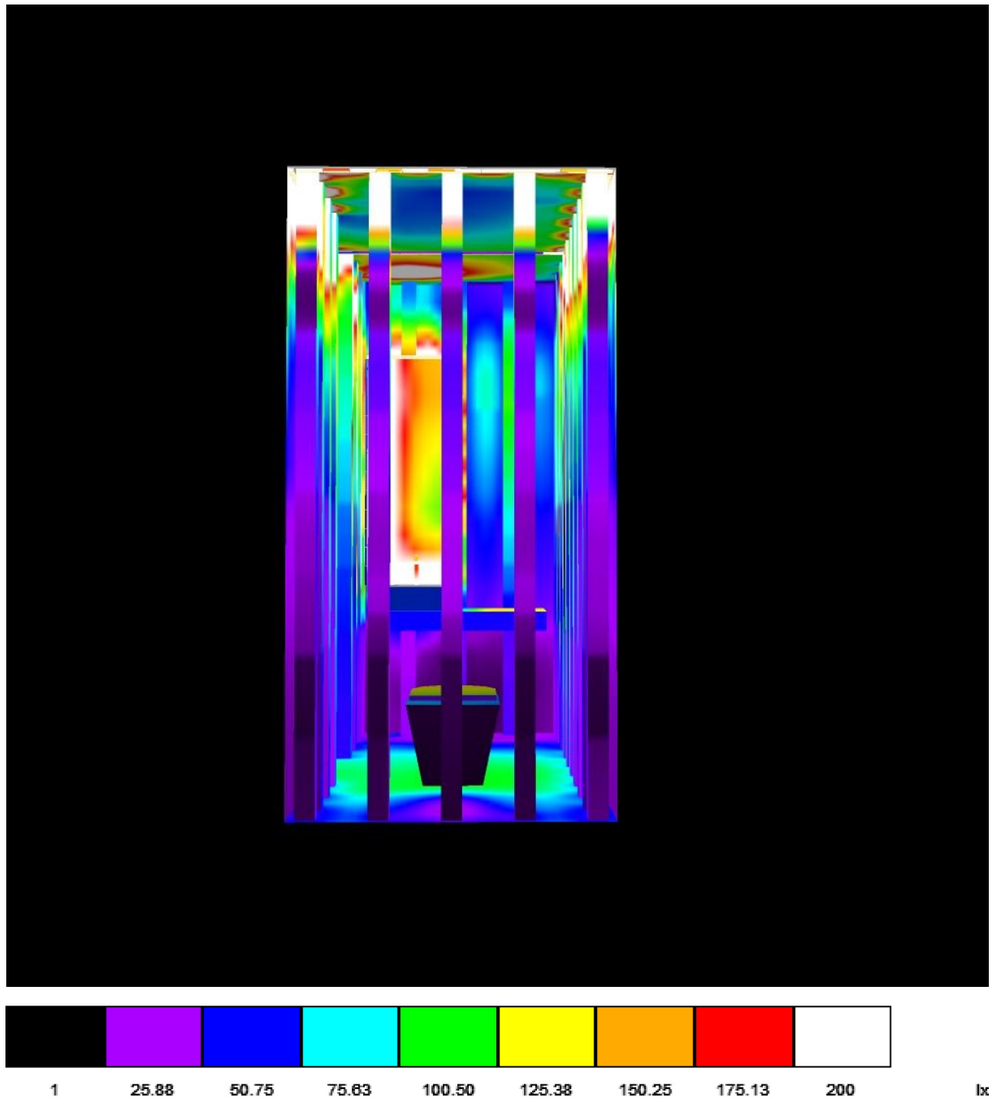
Potência específica: 36.96 W/m² = 24.85 W/m²/100 lx (Superfície básica: 3.25 m²)

Cocoon Hotel

DIALux
31.07.2013

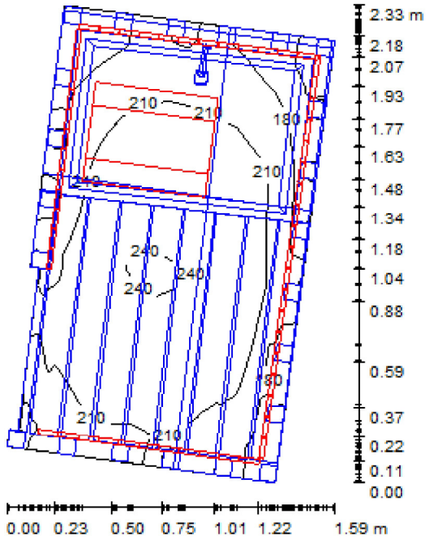
Editor(a)
Telefone
Fax
e-Mail

Bloco Sanitário / Representação de cores falsas



Editor(a)
Telefone
Fax
e-Mail

Bloco Duche / Resumo



Altura da sala: 4.000 m, Factor de manutenção: 0.90 — Valores em Lux, Escala 1:30

Superfície	ρ [%]	E_m [lx]	E_{min} [lx]	E_{max} [lx]	E_{min} / E_m
Plano de uso	/	208	134	242	0.644
Solo	20	15	4.41	58	0.289
Tecto	80	127	3.86	932	0.030
Paredes (8)	50	133	1.39	1411	/

Plano de uso:

Altura:	0.800 m
Grelha:	128 x 128 Pontos
Zona marginal:	0.000 m

Lista de luminárias

N°	Unid.	Denominação (Factor de correcção)	Φ (Luminária) [lm]	Φ (Lâmpadas) [lm]	P [W]
1	1	Osvaldo Matos ZR227 DAYLIGHT T5 4x14W (1.000)	2820	4800	62.0
2	54	Osvaldo Matos ZR330 + ZR349 (100mm) LED LINE 15W/m 4000ºK IP67 (1.000)	51	60	1.6
		Total:	5572	Total: 8040	148.4

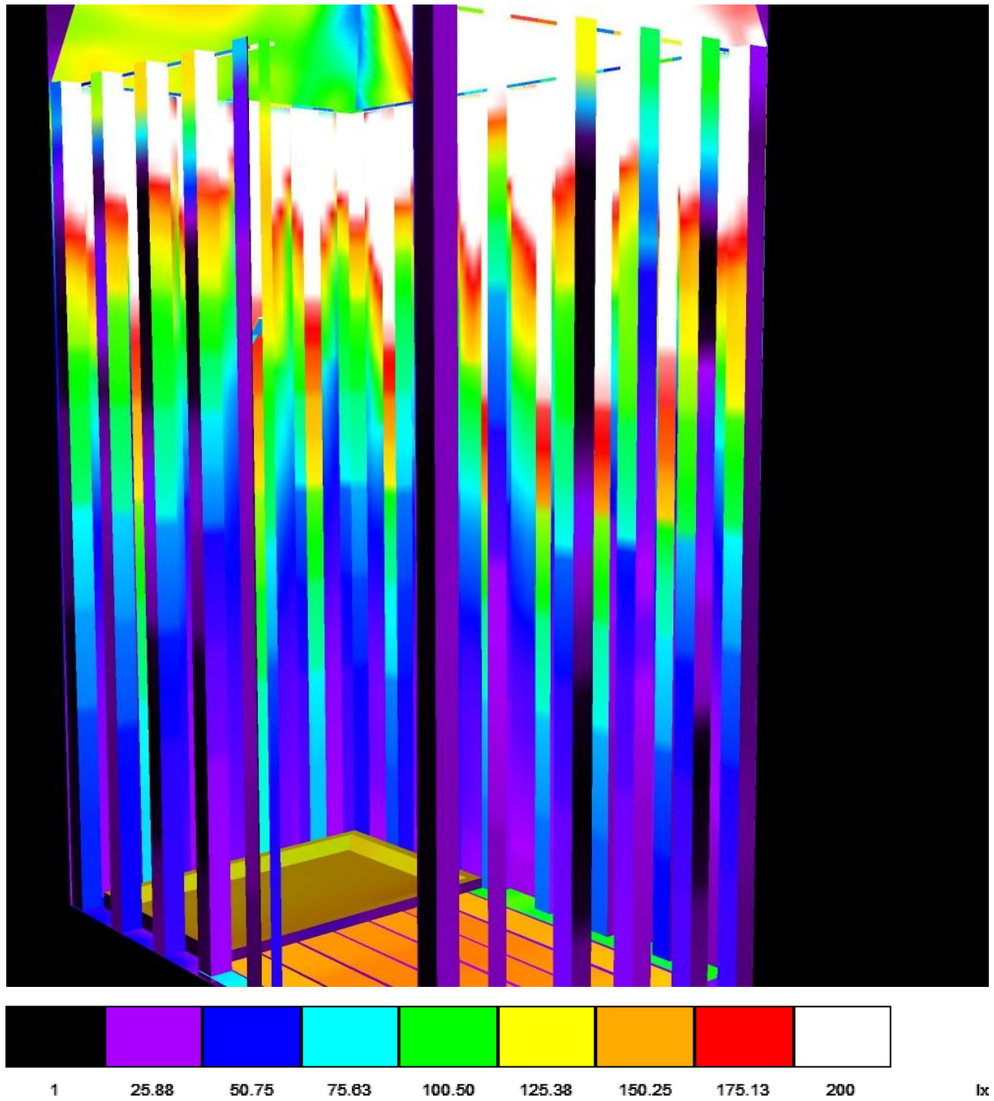
Potência específica: 52.38 W/m² = 25.24 W/m²/100 lx (Superfície básica: 2.83 m²)

Cocoon Hotel

DIALux
31.07.2013

Editor(a)
Telefone
Fax
e-Mail

Bloco Duche / Representação de cores falsas



Design editorial
André Santos

